

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

JULIANA GONÇALVES MENICUCCI

**A METÁFORA DELIRANTE NA CLÍNICA DAS PSICOSES
LIMITES, IMPASSES E PARADOXOS**

Belo Horizonte
2008

Juliana Gonçalves Menicucci

A METÁFORA DELIRANTE NA CLÍNICA DAS PSICOSES
LIMITES, IMPASSES E PARADOXOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Jesús Santiago

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2008

150 Menicucci, Juliana Gonçalves
M545m A metáfora delirante na clínica das psicoses [manuscrito] :
2008 limites , impasses e paradoxos / Juliana Gonçalves Menicucci.- 2008.

118 f.

Orientador: Jésus Santiago.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicologia - Teses 2. Psicoses – Teses. I. Santiago, Jésus II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

A Dissertação "*A Metáfora Delirante na Clínica das Psicoses: limites, impasses e paradoxos*".

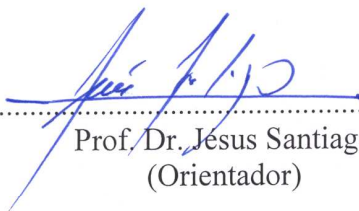
elaborada por **Juliana Gonçalves Menicucci**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

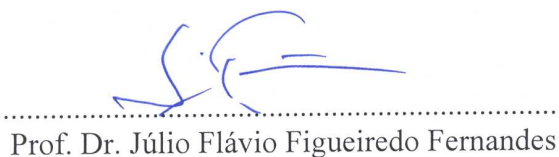
MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 01 de setembro de 2008.

BANCA EXAMINADORA


.....
Prof. Dr. Jesús Santiago
(Orientador)


.....
Prof. Dr. Jéferson Machado Pinto


.....
Prof. Dr. Júlio Flávio Figueiredo Fernandes

Para Eduardo e meu filho Francisco,
fios de minha trama

AGRADECIMENTOS

Ao J3sus Santiago, pelo acolhimento do tema e orienta33o, que tornaram poss3vel a escrita de um percurso.

Ao J3ferson Machado Pinto, pelo carinho com que acolheu cada um dos seus alunos no Mestrado, pela leitura cuidadosa do projeto para o exame de qualifica33o, e por tornar poss3vel a compreens3o de uma metodologia de pesquisa em psican3lise. Agrade3o tamb3m a sua disponibilidade em participar da Banca Examinadora.

À M3rcia Rosa, pela preciosa contribui33o no Exame de Qualifica33o, e pela escuta cuidadosa do meu percurso cl3nico.

À Cl3udia Generoso, pela interlocu33o/pontua33o, que permitiu tanto o deslizamento da escrita quando ela se mostrava adoecida, quanto a aceita33o de um ponto final.

Ao J3lio Fl3vio Figueiredo Fernandes, pela disponibilidade em participar da Banca Examinadora.

À Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Faculdade de Filosofia e Ci3ncias Humanas/FAFICH, Departamento de Psicologia, Mestrado em Psicologia — 3rea de Concentra33o em Estudos Psicanal3ticos —, pela exist3ncia desse espa3o de pesquisa.

À Juliana Ribeiro, pela disponibilidade em ajudar nas tradu33es, pela vontade de participar.

Ao Afonso Celso, pela cuidadosa revis3o.

Aos colegas da turma de Mestrado, pela troca de id3ias e partilha da dor de escrever. Em especial, 3 a colega Renata Riguini, pelas discuss3es entusiasmadas que se transformaram em escrita, por me incentivar a prosseguir neste trabalho e disponibilizar refer3ncias bibliogr3ficas muito importantes.

Aos colegas do Instituto Raul Soares, pelas inquietantes discussões clínicas que suscitaram o desejo de construção desse trabalho.

Ao meu pai, Marleninha, Paulinho, Lucas, Cacá e Newton, pelo companheirismo nos importantes momentos de descontração.

À minha querida mãe, por revelar os limites de um trabalho científico. Obrigada por me acolher e extrair do meu choro aquilo que me fazia sofrer. Percebi que a linguagem não recobre tudo, mas que existem possibilidades. Um trabalho nunca será completo, mas isso não significa que ele não tenha chegado ao seu fim.

Ao Eduardo Memória, por me acompanhar nessa empreitada. Presença fundamental que soube aceitar a minha ausência. Muito obrigada!

“A linguagem é uma má ferramenta e é bem por isso que não temos qualquer idéia do Real.

[...] O que há de mais Real é o escrito e o escrito é confuso”.

(LACAN, 1977-1978: 39)

RESUMO

Este trabalho consiste em uma investigação teórico-clínica sobre a noção lacaniana de metáfora delirante. Partindo de algumas formulações do campo da lingüística, desenvolve-se um percurso teórico orientado em torno da conceituação da metáfora. Num primeiro momento, privilegia-se o trabalho de Roman Jakobson sobre as afasias e sua relação com os dois eixos de funcionamento da linguagem. Além da metáfora lingüística, aborda-se também a metáfora literária, analisada à luz do poema “O Booz adormecido”, de Victor Hugo. Por fim, aborda-se a apropriação da noção de metáfora por Lacan, bem como sua formulação de uma potente construção teórica: a metáfora paterna. O eixo teórico condutor dessas investigações é “A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud” (1957). A partir de um caso clínico, situa-se a questão do delírio e seus limites clínicos. Assim, abre-se um campo de investigação em que se destaca não apenas a conceituação de metáfora delirante, mas também os seus limites, que, inclusive, conduziram Lacan a colocá-la em segundo plano. Propõe-se também uma análise sobre a divisão lógica do delírio em quatro fases, realizada por Maleval em “Logique du délire” (1996), de modo a evidenciar não só o processo de tratamento do gozo pela via do significante, como também a fragilidade dessa solução, já que o retorno a fases anteriores é bastante freqüente. Examinam-se, portanto, as principais referências que definem e caracterizam a metáfora delirante, de modo a explorar os alcances e limites dessa formulação na clínica das psicoses. O terceiro eixo do trabalho circula em torno de uma relação possível entre o sentido e o gozo, de modo a permitir uma expansão da noção de metáfora delirante. Assim, para além dos limites, impasses e paradoxos da metáfora delirante, sugere-se uma leitura diferenciada dessa formulação, a fim de possibilitar um melhor uso dessa ferramenta conceitual.

RESUMÉE

Ce travail consiste en tant qu'une recherche théorique-clinique de la compréhension lacanienne de la métaphore délirante. À partir de quelques formulations du champ de la linguistique, un trajet théorique a été formulé à travers la conception de la métaphore. Dans un premier moment, le travail se concentre dans les productions de Roman Jakobson sur les aphasies et leur rapport avec les deux axes de fonctionnement du langage. Outre la métaphore linguistique, la métaphore littéraire est aussi abordée et analysée à la lumière du poème "O Booz adormecido" de Victor Hugo. Finalement, il y a l'appropriation de la notion de la métaphore selon Lacan et la formulation d'une puissante construction théorique : la métaphore paternelle. L'axe théorique conducteur de ces recherches est "l'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud" (1957). Ensuite, à partir d'un cas clinique, la question du délire et leurs limites cliniques sont démarquées. Ainsi, un champ de recherche s'ouvre dont lequel il ne se met pas en évidence seulement la conceptualisation de métaphore délirante, mais aussi leurs limites, qui, de même, ont conduit Lacan à la placer dans un second plan. Il est également proposé une analyse de la division logique du délire en quatre étapes, tenue par Maleval dans "Logique du délire" (1996), pour mettre en évidence non seulement le processus de traitement de la jouissance par la voie du signifiant, mais aussi la fragilité de cette solution, puisque le retour aux étapes antérieures est assez fréquent. Les principales références qui définissent et caractérisent la métaphore délirante sont, par conséquent, explorées. De cette façon, les portées et les limites de cette formulation dans la clinique des psychoses sont examinées. Le troisième axe du travail circule autour d'une relation possible entre le sens et la jouissance, afin de permettre une expansion de la notion de la métaphore la délirante. Ainsi, au-delà des limites, les impasses et les paradoxes de la métaphore délirante, il est suggéré une autre lecture de cette formulation, afin de permettre une meilleure utilisation de cet outil conceptuel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A CONCEITUAÇÃO DA METÁFORA: LINGÜÍSTICA E PSICANÁLISE	15
1.1 A metáfora em Jakobson: o duplo caráter da linguagem	17
1.2 A metáfora literária e sua apropriação pela psicanálise	22
1.3 O significante enquanto insignificante: a operação do algoritmo e o enigma do sentido.....	26
1.4 O ponto de basta: a solução lacaniana para a inconsistência do sentido.....	36
1.5 A metáfora e sua relação com a economia subjetiva: a metáfora paterna	42
2 METÁFORA DELIRANTE: UMA FORMULAÇÃO LACANIANA	51
2.1 O caso Mateus: “o anjo guerreiro, exterminador do mal”	53
2.1.1 Alguns apontamentos acerca do caso clínico.....	61
2.2 As contribuições de Freud à clínica das psicoses	63
2.2.1 O delírio paranóico como defesa contra a homossexualidade	65
2.2.2 O mecanismo de projeção inerente ao delírio	67
2.2.3 A teoria do narcisismo em Freud e sua relação com o delírio	68
2.3 O narcisismo em Lacan e sua articulação com o delírio.....	70
2.4 A metáfora delirante: uma solução assintótica sobre o impossível	74
2.5 As fases do delírio: uma sistematização das elaborações de Lacan acerca do delírio	82
2.5.1 Discussão clínica.....	89
3 OUTRAS CONFIGURAÇÕES DO CONCEITO DE METÁFORA DELIRANTE: METÁFORA E GOZO	91
3.1 Metáfora delirante: um empreendimento de tradução da língua.....	95
3.2 De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose: o alerta de Lacan	96
3.3 A metáfora enquanto ponto de basta: uma articulação possível entre a noção de metáfora e a teoria dos nós	102
3.4 A metáfora enquanto aparelho do sintoma	107
4 CONCLUSÃO	109
5 ANEXO: “BOOZ ENDORMI”	113
6 REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

A metáfora delirante, apesar de paradigmática, é uma noção que traz consigo algumas lacunas, em termos tanto conceitual quanto de sua operatividade clínica. Certamente, precisar tal noção não é tarefa simples, pois trata-se de uma ferramenta conceitual, que perde a importância ao longo do ensino de Lacan, já que ele praticamente não volta a esse termo. Além disso, a clínica das psicoses conta hoje com dispositivos de tratamento que não privilegiam a metáfora delirante como tratamento possível. Isso não significa que o analista não possa acolher o delírio quando este lhe é endereçado. Acolher, no sentido de escutar as construções delirantes, que, por mais absurdas que pareça — embora algumas vezes marcadas por um verdadeiro brilhantismo —, são fruto de um dispendioso trabalho do sujeito. É por isso que o delírio merece respeito. Mas uma coisa deve ficar clara: “Isso não tem nada a ver com deixar o sujeito delirar e esperar tranqüilamente que isso passe [...]. É a má concepção do delírio como tentativa de cura. Não é o que Freud queria dizer, extraindo a importância do delírio” (LAURENT, 2006: 24).

Nesse sentido, interessa aqui destacar na conceituação de metáfora delirante não apenas a sua definição, mas também os seus limites, que, inclusive, conduziram Lacan a colocá-la em segundo plano. Decerto, encontram-se nesses impasses elementos que ajudarão a compreender por que nas formulações posteriores de Lacan ela ocupará um lugar marginal. É interessante marcar que não se pretende trabalhar o último ensino de Lacan e, sim buscar em sua doutrina da metáfora elementos que sinalizem sua tentativa de dar conta dos instrumentos clínicos com que ele se defrontava, mas que só puderam ser formalizados com o auxílio do aparato da lingüística estrutural. Trata-se de buscar na própria formulação da metáfora delirante algo que descortine a perspectiva do *sinthoma*. O propósito, então, é examinar as principais referências que definem e caracterizam a metáfora delirante, de modo a explorar os

alcances e limites dessa formulação na clínica das psicoses e indagar possíveis relações com o *sinthoma*.

A noção de metáfora sempre esteve articulada à noção de sentido. Por conseguinte, investigar a metáfora delirante pressupõe a análise do seguinte tripé: metáfora, delírio e sentido. Se se toma como referência a linguagem poética — certamente, não a dos dias atuais, em que a metáfora não está mais entre as propostas literárias¹ —, o que se vê, em meio a uma brincadeira de combinar e substituir palavras, é o surgimento de um campo de sentido. É interessante constatar que tanto a filosofia² quanto a literatura vêm denunciando esses limites e impasses da metáfora há algum tempo. Interessa, aqui, investigar esses limites, que tanto a filosofia quanto a literatura de algum modo formulam, a partir daquilo que a clínica das psicoses ensina: a metáfora delirante, enquanto possibilidade de tratamento da psicose pela via da estrutura significante, traz consigo alguns impasses que sugerem uma insuficiência clínica desse recurso.

Ao retornar a Freud e introduzir os fundamentos de Jakobson sobre o funcionamento da linguagem e de suas leis, Lacan tentava dar conta daquilo que estabilizaria a relação entre o significante e o significado. A metáfora funcionaria, assim, como um ponto de basta³, um nó, algo que deteria o deslizamento incessante do significado sobre o significante, possibilitando um efeito de sentido. Trata-se, então, de uma operação que, além de possibilitar a criação de sentido, permite que este, em toda sua fugacidade, seja retido, mesmo que por um breve instante. Residiria nessa operação de *capitonagem* produzida pela metáfora os primórdios

¹ No campo da literatura é digno de nota a ausência da metáfora entre as seis propostas feitas por Calvino em 1984 para o próximo milênio. Quando ele lista os valores que mereceriam ser preservados no próximo milênio, e a literatura teria uma responsabilidade nisso, ele vai incluir a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade. Antes de redigir a sexta conferência ele morre, mas esse sexto valor segundo alguns seria a metonímia, embora existam indicações de que se trataria da consistência. Portanto, se seguimos por aí observamos que a metáfora não está entre as propostas literárias para o nosso milênio

² Nesse sentido cabe mencionar, por exemplo, o trabalho de Jacques Derrida em 1972, num livro denominado “Margens da Filosofia”, e também alguns anos depois Derrida publica em 1987 “A retirada ou recuo da metáfora”.

³ Vale assinalar que o ponto de basta é mítico e que, portanto, o sentido está sempre deslizando.

daquilo que, posteriormente, Lacan desenvolve em sua teoria dos nós? E, mais: será que a estabilização do sentido é uma propriedade da linguagem?

Nessa perspectiva, a metáfora funcionaria como algo que amarra. Mas, se a metáfora amarra, ela tem um ponto anterior, que é um mecanismo de substituição. Será que toda substituição amarra? A metáfora — particularmente, a metáfora delirante — estaria nesse horizonte? A impressão que se tem é que Lacan, ao definir a metáfora delirante, acaba por introduzir algo novo, que extrapola a discussão da metáfora. E, inclusive, pode-se questionar se o que Lacan chamou de “metáfora delirante” é efetivamente uma metáfora, pois, certamente, há diferenças entre aquilo que se concebe como metáfora paterna e aquilo que se trata na metáfora delirante. Será que tais diferenças afetam a própria concepção que Lacan tem da metáfora? Se afetam, não se pode buscar nesse ponto algum indício de que Lacan já começava a defrontar-se com os limites de sua formulação?

Decerto, se a lógica da metáfora mostrou-se insuficiente para tratar a questão das psicoses é porque Lacan deparou com algo que é próprio da psicose, o que acabou por exigir dele a construção de uma ferramenta conceitual que desse mais conta daquilo que ele se propôs a fazer quando deu início ao seu seminário sobre *as psicoses*: buscar o benefício de uma análise na clínica das psicoses e apontar para uma direção possível de tratamento.⁴

Como a metáfora delirante é o objeto deste estudo, considera-se imprescindível uma investigação teórica sobre a noção de metáfora em Lacan. Ou seja, como ele se apropriou desse conceito e o inseriu na psicanálise. Para tal, realizou-se um percurso pela lingüística e pela literatura, já que foi nesses campos do saber que Lacan buscou sustentação para a formulação de sua doutrina da metáfora. O primeiro capítulo será dedicado à metáfora, já que

⁴ Nesse seminário, logo de saída, Lacan afirma: “Vamos partir da doutrina freudiana para apreciar o que nesta matéria ela ensina, mas não deixaremos de introduzir as noções que elaboramos no decorrer dos anos precedentes, nem de tratar todos os problemas que as psicoses nos suscitam atualmente. Problemas clínicos e nosográficos em primeiro lugar, acerca dos quais me pareceu que todo o benefício que a análise pode produzir não tinha sido completamente evidenciado. Problemas de **tratamento** também, nos quais nosso trabalho deste ano deverá desembocar – **é o nosso ponto de mira**” (LACAN, 1955/2002: 11). Grifo nosso.

se trata de um ponto chave daquilo que se quer investigar. Aqui, o ponto de ancoragem é o seguinte texto: “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957).

Em relação à metáfora delirante, tema do segundo capítulo, a pesquisa teórica realiza-se em duas etapas, o que não significa que não possa haver interpenetração de uma na outra. Na primeira, faz-se uma análise da teoria freudiana das psicoses, tendo como eixo seu texto maior sobre o assunto: “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (1911). Na segunda, a investigação se deterá nos avanços que Lacan ofereceu a esse estudo, priorizando as seguintes leituras: “O seminário, livro 3: as psicoses” (1955-1956) e “De questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958), já que esses textos trazem o essencial das formulações de Lacan sobre a metáfora delirante como tratamento possível para a psicose. Para aumentar a precisão, a formalização do conceito de metáfora delirante aparece apenas em “De uma questão preliminar...”, mas o seminário sobre *as psicoses*, apesar de deter-se muito mais na questão do imaginário, já traz alguns apontamentos para essa formulação, que virá logo em seguida.

Portanto, o objetivo do segundo capítulo é precisar a noção de metáfora delirante. Mas, como se trata de uma noção definida de maneira tão pontual e econômica por Lacan — “o nível em que significante e significado se estabilizam” (LACAN, 1958/1998: 584) —, considera-se importante tratar essa conceituação a partir da construção de um caso clínico⁵: o caso Mateus. Tal construção será norteadas pelas fases do delírio — fases que Lacan sempre ressalta, apesar de não se deter especificamente nelas —, e para isso, conta-se com a ajuda de Jean-Claude Maleval (1996), que, em “Logique du délire”, propôs a ocupar-se de cada uma dessas etapas. Parte-se do princípio de que investigar as etapas do delírio permitirá alcançar aonde Lacan pretendia chegar ao formalizar a metáfora delirante.

⁵ É importante ressaltar a importância da construção do caso clínico como método para o empreendimento de uma pesquisa clínica em psicanálise, já que ele possibilita a abertura de um caminho para a produção de um saber. Portanto, a pesquisa clínica, que se ancora no caso singular, produz conhecimento, e é disso que se vale a psicanálise.

Assim, os dois primeiros capítulos abrem espaço para uma análise mais consistente da metáfora delirante, lançando as questões que orientarão o terceiro capítulo. Nesse sentido, o último capítulo estrutura-se a partir dos paradoxos que a própria noção de metáfora delirante induz, de forma a dar um passo além e fazer outra leitura da metáfora, que extrapola os mecanismos de substituição significativa. Trata-se, portanto, de dar uma nova configuração à metáfora delirante, a partir dos impasses clínicos e teóricos levantados ao longo do trabalho.

Portanto, a pesquisa aqui proposta se pautará pela conexão entre as investigações teóricas e a construção de um caso clínico. Tal perspectiva não pode ser confundida com uma verificação clínica da teoria. O que se pretende é, a partir da delimitação de uma questão colocada pela clínica, tecer um percurso teórico. Assim, o objeto é construído com base em uma pergunta clínica que induz a um recorte teórico, que, por sua vez, recoloca outras questões, que também são clínicas. Ou seja, ao investigar formulações teóricas, recortadas por meio de um afunilamento de questões clínicas, constrói-se um caminho.

1 A CONCEITUAÇÃO DA METÁFORA: LINGÜÍSTICA E PSICANÁLISE

A metáfora é uma noção fundamental no âmbito da psicanálise. A forma como Lacan apropriou-se desta figura de linguagem possibilitou-lhe formular questões clínicas preciosas e norteadoras daquilo que se pode considerar como pertencente ao campo analítico. O emprego da conceituação de metáfora, no terreno da psicanálise, parece consistir numa verdadeira subversão⁶, já que Lacan se serve desse conceito de maneira absolutamente inédita e o insere em suas formulações teórico-clínica. A metáfora, antes vislumbrada apenas no campo da retórica clássica, da poética ou da lingüística, ganhou um importante lugar na psicanálise. E o curioso, ou melhor, a subversão, está no fato de Lacan manter o significante — metáfora — para tratar de algo bem diferente.

Ora, o modo como Lacan se serve de uma palavra para dizer outra coisa, além de apontar para uma elegância própria ao seu discurso, evidencia o valor que ele confere a essa figura de linguagem. O termo *elegância* é extraído de Aristóteles, que, em suas formulações sobre a “Retórica” (2005), diz que “a expressão elegante provém da metáfora” (ARISTÓTELES, 2005: 269). A metáfora, como dispositivo de uma elegância retórica, esboçaria aquilo que Aristóteles consagra como a arte do bem-dizer.

Tal estilo, ou retórica, de Lacan não é, todavia, um mero enfeite, e sim uma decisiva constituição do seu discurso. “Discurso este que, quando determina a instância teórica da metáfora, convida, num mesmo gesto, seu leitor (seu ouvinte) a produzir um deslumbrante

⁶ Cabe salientar que a utilização da conceituação de metáfora por Lacan é tomada por Nancy e Labarthe, quando eles se interrogam sobre o motivo da manutenção dos conceitos da lingüística no arsenal teórico da psicanálise, como algo da ordem de um desvio. E disso eles concluem: “é pelo fato de que, em meio ao **desvio** e ao relativo embaralhamento dos conceitos que dele resulta, algo deve ser, de fato, mantido, algo que pertence menos ao conteúdo da disciplina lingüística do que aquilo que a fundamenta e a delimita [...] O aparelho lingüístico todo, com efeito, é desviado com o intuito de re(produzir) [...] o desvio do enunciado para a enunciação” (NANCY; LABARTHE, 1991: 124). Grifo nosso.

tecido de metáforas – que é tecido, ele próprio, de ponta a ponta numa poética da metáfora” (NANCY, LABARTHE; 1991: 83).

A construção do percurso, que possibilitou a Lacan suas formulações acerca da metáfora, mostra-se essencial para a investigação que se pretende neste trabalho. Mas as devidas precauções devem ser tomadas, para que não se caia numa discussão clássica em torno do tema, o que acarretaria numa perda da investigação clínica proposta neste trabalho. Apesar da inegável contribuição de Aristóteles em suas discussões sobre a “Retórica” e a “Poética”, e da notória leitura que Lacan fez desses trabalhos, privilegia-se neste capítulo aquilo que Lacan retirou da lingüística e da literatura para formalizar sua teoria da metáfora.

O que Lacan queria trabalhar quando trouxe a questão da metáfora? O que ele tentava formular com a metáfora delirante? E por que tal ferramenta conceitual tornou-se menos importante em suas formulações posteriores? Acredita-se que aí se localiza o ponto central dessa investigação. Mas o desenvolvimento dessa questão exige a construção de um percurso teórico orientado por uma pergunta anterior: Qual é o estatuto da metáfora no campo da psicanálise? Para tal análise, situa-se a metáfora a partir de três vertentes: a metáfora lingüística, a metáfora literária e a metáfora paterna. No primeiro caso, privilegia-se o trabalho de Roman Jakobson sobre as afasias e sua relação com os dois eixos de funcionamento da linguagem. A metáfora literária será analisada à luz do poema “O Booz adormecido”, de Victor Hugo. E, por fim, faz-se a apropriação da noção de metáfora por Lacan, bem como de sua formulação de uma potente construção teórica: a metáfora paterna.

Certamente, recolocar em discussão essa figura de linguagem que é a metáfora, por meio de uma formalização conceitual, torna mais consistente a compreensão daquilo que aparece depois no ensino de Lacan. Assim, a partir da retomada da doutrina lacaniana da metáfora, é possível extrair conseqüências clínicas e teóricas que, ao mesmo tempo em que sugerem um limite dessa formulação, incitam a uma outra leitura da metáfora.

1.1 A metáfora em Jakobson: o duplo caráter da linguagem

É notória a apropriação por Lacan de algumas noções da lingüística, assim como sua inserção no campo da psicanálise de maneira bastante peculiar. O trabalho de Roman Jakobson marca consideravelmente o pensamento de Lacan e persiste em diferentes momentos do seu ensino.⁷ Para abordar a noção de metáfora em Jakobson, recortam-se as questões centrais de sua investigação acerca dos dois eixos de funcionamento da linguagem. Pois foi ancorado nessas formulações da lingüística que Lacan estabeleceu sua tese do inconsciente estruturado como uma linguagem, situando a metáfora e a metonímia como dois mecanismos distintos de funcionamento do inconsciente.

No entanto, dizer que o inconsciente se estrutura como uma linguagem não significa que ele pertença ao campo da lingüística. Trata-se de algo bem distinto. Quanto a isso, Lacan é bastante claro: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da lingüística” (LACAN, 1972/1985: 25). E foi a necessidade de marcar a diferença entre o campo da psicanálise e o campo da lingüística que o levou a forjar outra palavra: a *linguisteria*.⁸ Portanto, se Lacan considerou imprescindível extrair elementos do campo da lingüística a partir da descoberta do inconsciente foi para construir algo novo. Mas, para atingir-se esse outro campo fundado por Lacan, não se pode esquivar da lingüística, já que Lacan precisou introduzir-se nesse terreno para estruturar sua própria lógica. É preciso, então, localizar e extrair os elementos que Lacan colheu do trabalho de Jakobson sobre as afasias para que se possa compreender a sua formulação da metáfora.

Uma das grandes contribuições de Jakobson foi o seu estudo crítico sobre os dois eixos de funcionamento da linguagem: o paradigmático e o sintagmático. Saussure já havia se

⁷ Jakobson é uma referência para Lacan no primeiro momento do seu ensino, em que é evidente a primazia do simbólico, mas também aparece de forma bem marcada no seminário 20, mesmo que seja para expor o seu rompimento com a lingüística.

⁸ Lacan utiliza esse termo para mostrar que, quando introduz elementos do campo da lingüística na psicanálise, introduz também a noção de sujeito. Trata-se, portanto, de uma espécie de *histericização* da lingüística. A esse respeito, ver: LACAN, “mais, ainda”, p. 26.

detido nessa questão, mas foi Jakobson quem extraiu as conseqüências disso. Ao associar os dois eixos à metáfora e à metonímia, ele teve a fina percepção de que tais mecanismos poderiam ter uma aplicação metodológica em suas investigações acerca dos fenômenos da afasia e da poesia.

De acordo com Jakobson⁹, a análise lingüística das afasias implica situar quais aspectos da linguagem estão prejudicados nos diferentes tipos dessa desordem. Ou seja, é fundamental “compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar” (JAKOBSON: 34), o que só é possível a partir da interpretação e sistematização dos dados clínicos referentes aos diversos casos de afasia. Jakobson aponta para a grande contribuição que o estudo das afasias trouxe ao campo da lingüística em relação ao funcionamento da linguagem e suas leis. É por isso que ele denuncia certa negligência dos seus colegas em não perceberem a dimensão daquilo que eles poderiam extrair de uma investigação sobre as afasias. Eis a sua crítica:

Tampouco houve qualquer tentativa de reinterpretar e sistematizar, do ponto de vista da Lingüística, os múltiplos dados clínicos referentes aos diversos tipos de afasia. Esse estado de coisas é bastante surpreendente, pois, de um lado, os espantosos progressos da Lingüística estrutural dotaram os pesquisadores de instrumentos e métodos eficazes para o estudo da regressão verbal e, de outro lado, a desintegração afásica das estruturas verbais pode abrir, para o lingüista, perspectivas novas no tocante às leis gerais da linguagem (JAKOBSON: 36).

Apesar da riqueza dos trabalhos de Jakobson, que começaram em 1915, quando ele tinha apenas dezenove anos de idade, com a criação do “Círculo Lingüístico de Moscou”¹⁰, detém-se aqui apenas naquilo que interessa a esta investigação, ou seja: a metáfora e a metonímia como os dois mecanismos distintos de funcionamento da linguagem. Há, portanto, um *duplo caráter da linguagem*¹¹, que se mostra presente no próprio ato da fala. Quando uma pessoa fala, ela executa dois atos, que se constituem da seguinte maneira: a partir de um

⁹ As considerações que se seguem foram extraídas do trabalho de Jakobson sobre as afasias. A esse respeito, ver JAKOBSON. “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, pp. 34-62.

¹⁰ Para aqueles que se interessarem pelo percurso de Jakobson nas etapas de sua carreira científica, ver: HOLENSTEIN, “Introdução ao pensamento de Roman Jakobson.

¹¹ Trata-se de um termo utilizado por Jakobson em: “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, p. 37.

arsenal de unidades lingüísticas, ela escolhe algumas e relaciona-as entre si até formar unidades mais complexas. Assim, “quem fala seleciona palavras e as combina em frases” (JAKOBSON: 37). Portanto, um discurso apresenta-se sobre dois eixos, que aparecem quando das operações de seleção e combinação. A seleção implica a possibilidade de substituição de um termo por outro, equivalente num aspecto, mas diferente em outro. Assim, seleção e substituição fazem parte da mesma operação. Já a combinação é um agrupamento de unidades lingüísticas, articulações que servem de contexto e encontram contexto numa formação mais complexa. Dessa forma, combinação e contexto estão estritamente ligados.

Os distúrbios da fala podem afetar a capacidade tanto de combinar quanto de selecionar as unidades lingüísticas, sendo, portanto, imprescindível distinguir qual dessas operações está prejudicada. Seguindo essa direção, Jakobson aponta para dois tipos principais de afasia, conforme a deficiência principal resida na seleção e substituição ou na combinação e contextura. Assim, as afasias são analisadas segundo dois tipos de distúrbios da linguagem: o da similaridade e o da contigüidade.

Em relação ao distúrbio de similaridade, o mecanismo afetado é o de seleção. Aquele que sofre desse tipo de afasia tem um tipo de linguagem que pode ser considerada como reativa. Nesse caso, o contexto não é afetado, o que possibilita ao afásico manter um diálogo, mas, ao mesmo tempo, ele se sente incapaz de iniciá-lo. Quanto mais uma palavra se relaciona com o contexto sintático, menos afetada será a fala do indivíduo que sofre desse distúrbio. Portanto, as palavras inerentes ao contexto ou sintaticamente subordinadas — isto é, os elos de conexão da comunicação — são preservados nesses casos. Já “o principal agente subordinante da frase, isto é, o sujeito, tende a ser omitido” (JAKOBSON: 43). Um afásico desse tipo tem dificuldades para iniciar uma frase, interpretar um signo lingüístico por meio de outros signos, denominar e, até mesmo, utilizar sinônimos. Em relação às duas figuras de estilo — a metáfora e a metonímia —, Jakobson associa a esse tipo de afasia um predomínio

da atividade metonímica, já que, nesse caso, a contigüidade determina todo comportamento verbal. Trata-se, portanto, de uma deficiência no processo de metaforização, já que as operações de seleção e substituição, características da metáfora, estão prejudicadas nesse distúrbio.

Aqui, pode-se fazer um paralelo com as psicoses, o que não significa igualar os dois fenômenos, e sim buscar nas afasias alguns princípios que ajudem na compreensão da estrutura psicótica. E foi isso que Lacan fez ao extrair desses distúrbios elementos fundamentais para a construção de sua doutrina da psicose. Afinal, a marca da psicose na teoria lacaniana, presente em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958), é a ausência da metáfora paterna. Se não há metáfora, o processo de seleção e substituição não opera, deixando o sujeito na contigüidade. Foi ancorado nessa tese que Lacan retirou os fundamentos que o levaram a verificar no fenômeno alucinatório um domínio da contigüidade decorrente da falta do pensamento principal na alucinação verbal.¹²

Não se poderia pôr melhor em evidência **a dominância da contigüidade no fenômeno alucinatório**¹³ do que apontando o efeito da fala interrompida tal como ela precisamente se dá, isto é, como investida, e digamos libidinalizada. O que se impõe ao sujeito é a parte gramática da frase, aquela que só existe por seu caráter significante e por sua articulação. É aquela que se torna um fenômeno imposto no mundo exterior. [...] O desequilíbrio do fenômeno de contigüidade que vem no primeiro plano do fenômeno alucinatório, e em torno do qual se organiza todo o delírio, não deixa de ter analogia com isso (LACAN, 1956/2002: 251).

Por conseguinte, o distúrbio de contigüidade segue um caminho oposto ao distúrbio de similaridade. Aqui, o prejuízo está na capacidade de combinar unidades lingüísticas mais simples com unidades mais complexas. Nesse tipo de afasia há uma deficiência em relação ao contexto e às regras sintáticas, resultando num verdadeiro *agramatismo*, que “tem por resultado fazer a frase degenerar num simples monte de palavras” (JAKOBSON: 51). As palavras se unem de maneira caótica, excluindo qualquer vínculo de coordenação e

¹² A esse respeito, além do trabalho citado, ver:

LACAN, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, p. 505.

LACAN, “as psicoses” 3, p. 251.

LACAN, “as formações do inconsciente”, p. 161.

¹³ Grifo nosso. É importante ressaltar a importância da metonímia do gozo na psicose.

subordinação gramatical. Inversamente ao distúrbio da similaridade, as conjunções, preposições e artigos desaparecem, conferindo à fala do afásico um estilo “telegráfico”. Assim, se nos distúrbios de similaridade o sujeito, ou seja, a palavra *núcleo*, é o primeiro a desaparecer, aqui ele se mantém, mas de uma forma completamente desconectada. Nesse tipo de afasia, muitas vezes, o enunciado é reduzido a uma única palavra. Desse modo, as operações de seleção e substituição são mantidas, permitindo ao doente o uso de similitudes e identificações que se aproximam da metáfora, enquanto que a operação metonímica é de difícil acesso para o sujeito.

Portanto, os distúrbios afásicos consistem na deterioração da faculdade de seleção e substituição ou da faculdade de combinação e contexto. No primeiro caso, há um prejuízo das operações metalingüísticas, enquanto no segundo a dificuldade está em preservar a hierarquia das unidades lingüísticas. Assim, há uma incompatibilidade entre a metáfora e o distúrbio da similaridade e entre a metonímia e o distúrbio de contigüidade. É importante ressaltar que “a dicotomia, aqui, discutida revela-se de uma significação e de um alcance primordiais para a compreensão do comportamento verbal e do comportamento humano em geral” (JAKOBSON: 58-59). Pois é a partir da manipulação desses dois tipos de conexão que “um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais” (JAKOBSON: 56).

A competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social [...]. Contudo, na maior parte dos casos, continua-se esquecendo o problema dos dois pólos, a despeito de seu vasto alcance e importância para o estudo de todos os comportamentos simbólicos, particularmente do comportamento verbal e de seus distúrbios. Qual a principal razão dessa negligência? [...] quando o pesquisador constrói uma metalinguagem para interpretar os tropos, possui ele meios mais homogêneos para manejar a metáfora, ao passo que a metonímia, baseada num princípio diferente, desafia facilmente a interpretação. Eis por que nada de comparável à rica literatura sobre a metáfora pode ser citado no que concerne à teoria da metonímia. (JAKOBSON: 61).

Será que também se pode atribuir tal negligência a Lacan? Decerto, os dois tropos estão presentes em suas formulações, mas é inegável a preferência que Lacan confere à metáfora num certo tempo do seu ensino. Pois, apesar de enfatizar a importância da metonímia, Lacan formaliza uma teoria que se sustenta pela lógica da metáfora. Eis uma

questão que circulará durante todo o trabalho: o que Lacan buscava com sua teoria da metáfora? Certamente, se se verifica o trajeto que a metáfora e a metonímia cumprem no ensino de Lacan, percebe-se que a metáfora vai, aos poucos, sendo deixada de lado, enquanto que a metonímia — mais precisamente, a metonímia do gozo — começa a abrir um novo campo de investigação.

Transita-se agora, de modo bastante pontual, pela literatura — tipo de linguagem que também inspirou Jakobson em “Linguística e Poética” —, mas detém-se aqui nos princípios que Lacan retirou da literatura para construir a sua lógica da metáfora.

1.2 A metáfora literária e sua apropriação pela psicanálise

O gênero literário — precisamente, a poesia — foi a via seguida por Lacan em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957) para esboçar sua tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. A “intervenção do poético no teórico” (NANCY; LABARTHE, 1991: 83), traço marcante no ensino de Lacan, serviu de instrumento para que ele formalizasse uma teoria do inconsciente calcada numa lógica de funcionamento do significante. Portanto, é em torno do significante e suas leis de funcionamento que Lacan ordenará sua construção teórica. Nessa perspectiva, o sentido do inconsciente é o efeito das articulações e substituições significantes. Ou seja, o inconsciente só produz seu sentido por meio das operações da metáfora e da metonímia. Essa constatação é fundamental, pois rompe completamente com as concepções que atribuem primordialidade ao inconsciente. Quanto a isso, Lacan é bastante claro: “O inconsciente não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas os elementos do significante” (LACAN, 1957/1998: 526).

Tomando a poesia como um exercício da metáfora, Lacan (1957) recorre aos versos de Victor Hugo¹⁴ para localizar o modo particular de relação entre significante e significado que

¹⁴ Trata-se do poema “Booz endormi”, em anexo, p. 113.

se realiza na metáfora. *Seu feixe não era avaro nem odiento*, eis o exemplo de que Lacan se serve para explicitar o mecanismo de substituição operado pela metáfora, descartando a idéia de que a metáfora é “uma comparação abreviada”¹⁵ (LACAN, 1956/2002: 248). Não se trata aqui de uma comparação, mas de uma identificação. Partindo do princípio de que uma metáfora se sustenta por uma articulação posicional, Lacan afirma que o simbolismo expresso na metáfora supõe a similaridade que só pode manifestar-se pela posição. É pelo fato de que o *feixe* é o sujeito de *avaro* e *odiento* que ele pode se identificar com o sujeito *Booz*. Trata-se, portanto, de uma similaridade de posição possibilitada pela sintaxe da linguagem, que estabelece uma distância entre o sujeito e a articulação predicativa.

Portanto, é a partir dessa referência poética que Lacan analisa o efeito metafórico, mostrando, assim, a relação de substituição de um significante por outro, da qual decorre a produção de um efeito inesperado de sentido. É por meio da substituição de *Booz* por *feixe* que se processa toda a eficácia poética que permite a criação de sentido no contexto poético. É importante ressaltar que a substituição significante não implica o desaparecimento completo do significante substituído. Se assim fosse, não haveria efeito metafórico. É aí que se encontra a metonímia como condição da metáfora, já que é esse mecanismo que possibilita o deslizamento da cadeia significante, em que o significante capturado, apesar de ausente, insiste em marcar sua presença.

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia¹⁶ (LACAN, 1957/1998: 510).

A análise desse processo literário aponta para algo extremamente importante na presente investigação: a significação poética se dá mediante as substituições e combinações

¹⁵ Ao iniciar sua discussão acerca da metáfora, em seu seminário sobre *as psicoses*, Lacan, faz uma crítica a Bossuet, que dá à metáfora o estatuto de uma comparação abreviada.

¹⁶ Aqui, além de deixar bem marcado o processo metonímico no efeito metafórico, Lacan faz uma crítica à escola surrealista, que reduziu a metáfora a um contraste entre duas imagens, como se a metáfora implicasse uma comparação entre imagens, nas quais, por meio do contraste, fosse criado o efeito de sentido.

dos elementos significantes.¹⁷ Tal constatação destrói a idéia de que o escritor partiria de um sentido já dado, como se esse existisse *a priori* e não fosse efeito da relação entre significantes. O que acontece é exatamente o contrário: “da aventura do significante o escritor conseguirá, ou não, a produção do significado poético” (VALLEJO; MAGALHÃES, 1981: 87).

É a partir do momento em que é possível dizer *seu feixe não era avaro nem odiento* — ou seja, em que é possível arrancar o significante de suas conexões lexicais e produzir uma nova significação — que a linguagem atinge seu ponto máximo de eficácia. E isso se dá quando se consegue “dizer alguma coisa dizendo outra” (LACAN, 1956/2002: 255). Um exemplo interessante e que marca o início desse processo é quando a criança se mostra capaz de brincar com o discurso e dizer de forma irônica que “o gato faz au-au e o cachorro faz miau-miau”.¹⁸

É a metáfora como aquilo em que se constitui a atribuição primária, aquela que promulga “o cachorro faz miau, o gato faz au-au” com que a criança, de um só golpe, desvinculando a coisa de seu grito, eleva o signo à função do significante e eleva a realidade à sofística da significação, e, através do desprezo pela verossimilhança, descortina a diversidade das objetivações a serem verificadas de uma mesma coisa (LACAN, 1960/1998: 820).

É valendo-se da metáfora poética que Lacan formaliza a metáfora da seguinte maneira:

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \equiv S (+) s$$

Essa fórmula indica que é a partir da substituição de um significante por outro que advém uma nova significação. O sinal + representa um mais de sentido que só é possível por meio da transposição da barra, transposição necessária para a emergência da significação, que se representa aqui pelo s. O significante que está acima da barra é o significante manifesto — ou seja, *feixe* — e o significante que se encontra embaixo da barra é o significante substituído,

¹⁷ Vale lembrar as considerações de Jakobson sobre os dois eixos de funcionamento da linguagem.

¹⁸ Lacan, em “A metáfora do sujeito” (1961), afirma: “A metáfora radical se dá no acesso de raiva, relatado por Freud, do menino ainda inerte em grosseria que foi seu Homem dos Ratos antes de se consumir como neurótico obsessivo, o qual ao ser contrariado pelo pai interpela-o: “Du Lampe, du Handdtuch, du Teller usw” (“Seu lâmpada, seu toalha, seu prato..., e assim por diante”). Com o que o pai se dedica a autenticar o crime ou talento. [...] O gato faz au-au, o cachorro faz miau-miau. Eis como a criança soleta os poderes do discurso e inaugura o pensamento” (LACAN, 1961/1998: 905).

que no exemplo escolhido é *Booz*. Aqui, o produto da metáfora é a significação da paternidade de Booz.

Se o feixe remete a Booz, como efetivamente faz, no entanto, é por substituí-lo na cadeia significante, no exato lugar que o esperava, por ter-se elevado em um grau mediante a remoção do entulho da avareza e do ódio. Mas, a partir daí, é de Booz que o feixe faz esse lugar vazio, rechaçado que ele fica desde então para as trevas do exterior em que o abrigam a avareza e o ódio, no vazio da negação deles. Contudo, uma vez que *seu* feixe assim lhe usurpou o lugar, Booz não pode retomá-lo [...]. Mas se, nessa profusão, o doador desaparece junto com o seu dom, é para ressurgir naquilo que cerca a figura em que ele se aniquilou (LACAN, 1957/1998: 511).

O que se pode extrair dessa passagem do texto de Lacan? Ora, o que Lacan indica é que o sentido se dá por meio da abolição, do rechaço do significante substituído. Assim, é a própria abolição que autoriza o sentido. É por isso que ele afirma que “a metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-sentido” (LACAN, 1957/1998: 512). Mas é importante enfatizar aqui esse aspecto do não-sentido.

Este “não-sentido”, como se vê, não deve ser tomado tanto como contra-senso, conforme o nome inglês (*nonsense*) do sentido absurdo, mas mais como negativo do sentido, momento de sua perda ou de sua ausência, cuja dialética articula o sentido. Se Booz é exemplar, não é só enquanto nome próprio mas, também, enquanto nome de um pai, isto é, daquele que deve ser morto [...]. A significação de Booz como pai em “seu feixe” traz à luz aqui, portanto, a paternidade de toda a sua *significação*: ela é engendrada pelo não-sentido, ou seja, fora do significado, e no puro significante (NANCY; LABARTHE, 1991: 84).

É por isso que Lacan adverte quanto ao erro de outorgar demasiado peso à significação e enfatiza o papel do significante na metáfora. O fundamental nesse processo é a articulação significante, sem a qual nenhuma transferência de significado seria possível. Esse princípio da metáfora está muito bem colocado em “O seminário, livro 3: as psicoses” (1955-1956), “O seminário, livro 5: as formações do inconsciente” (1957-1958) e “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957). Ora, se o fundamental nesse processo é o significante, mostra-se necessário realizar uma análise mais minuciosa do seu funcionamento, que ocorrerá no próximo item, por meio do algoritmo instituído por Lacan. Tal escolha se deve ao fato de o algoritmo lacaniano revelar a primordialidade do significante em relação ao significado.

Portanto, é por meio da metáfora e da metonímia que o significante faz surgir o significado. E, mais: a característica fundamental do significante é a sua articulação em cadeias, que ocorre devido a dois mecanismos: combinação e substituição. Assim, é por intermédio desses dois mecanismos, mais precisamente a relação de substituição — no caso da poesia de Victor Hugo, a substituição de *Booz* por *seu feixe* —, que reside a força criadora de sentido da metáfora.

Diante de tais colocações, podem-se extrair algumas conseqüências: se é por intermédio da metáfora (que se dá pela substituição de um significante por outro) que sentidos sempre novos podem surgir, pode-se então considerar que grande parte das significações humanas foi gerada metaforicamente. Mas será a metáfora a única via possível de criação de sentido? Para tratar essa questão, retorna-se à “Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), texto que tem por função subverter toda uma lógica, até que se atinja um outro discurso: o discurso do inconsciente¹⁹. Se Lacan recorre à lingüística, ele não se rende a ela. E, muito pelo contrário, ao tomar alguns elementos para si, faz deles um uso próprio. Interessa então fazer um percurso que vai desde o algoritmo saussuriano até às *trevas das significações inacabadas*.²⁰

1.3 O significante enquanto insignificante: a operação do algoritmo e o enigma do sentido

Ler Lacan implica passar pela decifração de um certo jogo metafórico inerente ao seu texto.²¹ A “Instância da letra no inconsciente”, texto fundamental no ensino de Lacan, instiga esse movimento. Servindo-se de mecanismos que são próprios da metáfora, Lacan convida a

¹⁹ É importante enfatizar que Lacan ainda não havia formalizado a sua teoria dos discursos.

²⁰ LACAN, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, p. 503.

²¹ A esse respeito, ver: NANCY; LABARTHE, “O título da letra”, p: 26-27.

pensar num inconsciente cujo sentido só pode ser concebido como produto da metáfora. Mas, o que deve denominar propriamente de sentido?

Antes de fixar nessa questão, convém retomar alguns pontos, a começar pelo título, que se mostra bastante sugestivo. De que se trata a instância da letra? O que isso quer dizer? O termo *instância*²² é utilizado para finalidades diversas. Pode designar uma solicitação insistente, uma série de atos de um processo, uma hierarquia judiciária ou, até mesmo, uma jurisdição. Em sentido amplo, instância quer dizer autoridade, poder de decisão, lugar de destaque. Trata-se, então, de uma autoridade da letra, que, ao ocupar um lugar de destaque, acaba por exercer uma autoridade. Desse modo, é a letra que rege e legisla.²³

Mas há também a vertente da insistência, uma solicitação insistente, um pedido que persevera. Nesse sentido, “instância é, de fato, quase insistência e, aliás, em seu primeiro sentido, insistir é fazer instância, perseverar em pedir” (NANCY; LABARTHE, 1991: 32). Vale ressaltar que *insistência* é um termo que aparece no próprio texto de Lacan para marcar a especificidade da cadeia significante e sua relação com o sentido: “[...] é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse momento” (LACAN, 1957/1998: 506).

Resta agora o conceito de letra. Trata-se de um conceito que sofre alterações durante o ensino de Lacan. Se inicialmente a letra se confunde com o significante, posteriormente ela

²² [Do lat. *instantia*.]

S. f.

1. Qualidade do que é instante.

2. Pedido ou solicitação instante, insistente: "Uma vez satisfeitas as instâncias da carne ou o orgulho pessoal, chega a saciedade." (João Gaspar Simões, *O Mistério da Poesia*, p. 230.)

3. Pedido urgente e repetido.

4. Inform. Cada um dos objetos [v. objeto (11)] criados durante a execução de programa (9).

5. Inform. Cada uma das execuções de um programa, realizadas durante uma mesma seção do sistema operacional.

6. Jur. Jurisdição; foro (ô).

7. Jur. Série de atos de um processo, desde a sua apresentação a um juiz ou tribunal até a sentença decisória.

8. Jur. Ordem ou grau da hierarquia judiciária.

9. Psican. Segundo Freud (v. freudiano), cada uma das diferentes partes do psiquismo considerado como elemento dinâmico. [V. id, ego e superego.]

* Em última instância.

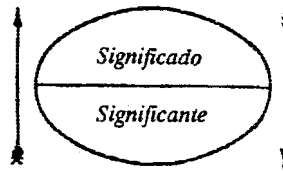
1. Como último recurso; em último caso.

²³ NANCY; LABARTHE, “O título da letra”, p. 32.

recebe um tratamento distinto daquele dado ao significante, e é de fato formalizada. No texto em que se trabalha, letra é “o suporte material²⁴ que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (LACAN, 1957/1998: 498). Para abordá-la, Lacan vai direto àquilo que seria sua ciência, ou seja, a lingüística aberta por Saussure.²⁵

Segundo Lacan, o surgimento da disciplina lingüística sustenta-se “no momento constitutivo de um algoritmo que a funda” (LACAN, 1957/1998: 500). Lacan toma como algoritmo o signo de Saussure — significante sobre significado — e o escreve da seguinte maneira: $\frac{S}{s}$. Embora esse signo não se encontre assim redigido em nenhum dos esquemas referentes aos cursos de Saussure, Lacan²⁶ considera legítimo atribuí-lo a Saussure, como uma forma de homenagem, meio às avessas, à etapa moderna da lingüística.

O esquema mais próximo do algoritmo $\frac{S}{s}$, que aparece no curso de Saussure, é o seguinte:



Logo de saída, uma diferença se mostra: o significante aparece sob a barra. Os autores de *O título da letra*²⁷, trabalho que Lacan, à sua maneira, tece elogios ao dizer que nunca foi tão bem lido²⁸, situam quatro traços principais que distinguem o algoritmo do signo de Saussure:

1. O desaparecimento de um certo paralelismo entre os termos inscritos de um e de outro lado da barra, uma vez que não se deve só ler, como o indica Lacan, significante sobre significado, mas S grande sobre s pequeno (este, aliás, escrito em itálico).

²⁴Decerto, essa materialidade conferida à letra já indica algo daquilo que será formalizado, posteriormente, por Lacan: a letra como um ponto de real.

²⁵ Seria a lingüística a ciência da letra?

²⁶ LACAN, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, p. 500.

²⁷ NANCY, LABARTHE, “O título da letra”, 1991.

²⁸ Em relação aos autores desse trabalho, Lacan afirma: “meus leitores – dos quais, eu lhes repito, vocês todos têm que comprar logo o livro – meus leitores encontraram mesmo isto. A instância, eles a interrogam com muito cuidado, uma precaução... – eu lhes digo, jamais vi um só dos meus alunos fazer um trabalho semelhante, ai de nós!, ninguém levará jamais a sério o que eu escrevo, salvo, é claro, aqueles de quem eu disse há pouco que eles me odeiam, com o pretexto de que me dê-supõem o saber” (LACAN, 1973/1985: 94).

2. O desaparecimento da elipse saussuriana, jamais ausente e símbolo, sabe-se disso, da unidade estrutural do signo.
3. A substituição da fórmula saussuriana das duas *faces* do signo pela designação de duas etapas do algoritmo.
4. Por fim, o acento colocado sobre a barra que separa S de s. (...) (NANCY, LABARTHE, 1991: 43).

É certo que o esquema de Saussure aponta para uma oposição entre o significante e o significado. Mas tal oposição acaba sendo negada pela própria idéia de signo, que carrega em si algo da ordem de uma relação indissociável. É justamente essa relação que é indicada nas duas setas do esquema que representa o signo. Mas não se pode esquecer de que há uma barra que separa o significante do significado.²⁹ E é essa barra que, por resistir a qualquer significação, acaba por subverter a concepção saussuriana do signo.

Ali, no ponto em que, para Saussure, a relação (ou a reciprocidade ou a associação) é o inicial, Lacan introduz uma resistência tal que a transposição da barra, a relação do significante com o significado, resumindo, a produção da própria significação jamais serão evidentes – é o menos que se pode dizer (NANCY e LABARTHE, 1991: 44).

Portanto, ao mesmo tempo em que a “ciência da letra”³⁰ se instaura na lingüística, a destrói no mesmo movimento que a constitui. Pois o tratamento dado por Lacan ao signo de Saussure faz dele um algoritmo que o impede de funcionar como signo. Trata-se, portanto, de uma operação que subverte o signo saussuriano num algoritmo que tem por função destruir o signo. Assim, se a ciência da letra pressupõe uma teoria do signo, paradoxalmente, ela destitui sua possibilidade. Nessa perspectiva: “A ciência da letra seria este impossível: *uma lingüística sem teoria do signo*. Como poderia isto funcionar?” (NANCY; LABARTHE, 1991: 44). O que Lacan mostra é que a linguagem não pode ser pensada a partir do signo. E, mais do que isso, é preciso desfazer-se dele, o que implica destituir sua função de representar uma unidade que contém em si o significante e o significado.

²⁹ Saussure utiliza a barra, mas o uso das setas, que persiste em seus esquemas, acaba por anular a idéia de resistência conferida pela barra.

³⁰ NANCY; LABARTHE, “O Título da Letra”, p. 44.

Lacan parte do pressuposto de que a idéia de que um significante representa um significado só pode ser concebida em sua vertente de ilusão. Para tal, dá o seguinte alerta: “Fracassaremos em sustentar sua questão enquanto não nos tivermos livrado da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado, ou, melhor dizendo: de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer” (LACAN, 1957/1998: 501).

O trabalho operado por Lacan sobre o signo de Saussure — ou melhor, a subversão do seu sistema — aponta para a importância da barra e da resistência imputada por ela. Disso pode-se inferir o caráter primordial da barra de resistência, de forma que a autonomia do significante, apesar do seu caráter central no funcionamento da linguagem e nos mecanismos possíveis de criação de sentido, ocupa um lugar secundário nesse processo. É importante marcar que o fato de ser secundário não retira a sua importância. Muito pelo contrário, pois é a instauração da barra e a conseqüente produção de um corte no signo que fazem com que a operação recaia no significante. Trata-se de tomar o significante não mais como um elemento do signo e encarná-lo num conceito paradoxal: “aquele de um significante sem significação” (NANCY; LABARTHE, 1991: 47). “Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado” (LACAN, 1957/1998: 500).

Há, portanto, uma diferença radical entre o esquema saussuriano de signo e o algoritmo $\frac{S}{s}$. Compreender o modo como Lacan operou a transformação do signo em algoritmo pressupõe um retorno à ilustração de um dos esquemas de Saussure que serviu de material para a demonstração da operação efetuada por Lacan. Trata-se do esquema da árvore, que é ilustrado da seguinte maneira:



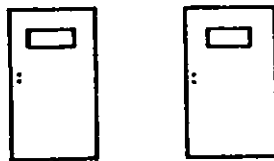
Lacan se serve desse esquema. No entanto, faz algumas transformações que, certamente, modificam a elaboração que estava por trás da ilustração de Saussure. Além de inverter os dois termos, Lacan suprime a elipse e as duas setas, o que denota uma ruptura em relação tanto à idéia de que há uma relação dialética entre os dois termos, tal como as duas setas nos indicam, quanto à idéia de unidade sugerida pela elipse. Eis o esquema de Lacan:

ÁRVORE



Em seguida ao esquema da árvore, Lacan propõe um outro esquema, que, apesar do seu caráter burlesco, ilustra muito bem aquilo que ele configura como algoritmo. Trata-se do esquema das duas portas, que “funciona como uma espécie de duplicata paródica do esquema saussuriano” (NANCY; LABARTHE, 1991: 48).

HOMENS MULHERES



Mas o que Lacan pretendia demonstrar com isso? Em que esse esquema se diferencia do anterior? O que ele dá a entender? Ora, antes de qualquer coisa, esse esquema evidencia a primordialidade do significante na produção do significado, posto que se forem retirados os dois significantes que se posicionam sobre a barra o que resta são duas portas absolutamente idênticas.

[...] se vê que, sem estender muito o alcance do significante implicado na experiência, ou seja, apenas duplicando a espécie nominal, pela simples justaposição de dois termos cujo sentido

complementar parece ter que ser consolidado por ela, produz-se a surpresa de uma inesperada precipitação do sentido, na imagem de duas portas gêmeas que simbolizam, com o reservado oferecido ao homem ocidental para satisfazer suas necessidades naturais fora de casa, o imperativo que ele parece compartilhar com a grande maioria das comunidades primitivas, e que submete sua vida pública às leis da segregação urinária (LACAN, 1957/1998: 503).

Trata-se, agora, de elaborar o esquema proposto por Lacan. Ao contrário do esquema anterior, em que havia a inscrição de um único significante, Lacan inscreve dois termos acima da barra. Opera-se, então, a duplicação do significante, “ou, mais exatamente, a introdução de uma dualidade no significante, isto é, de uma diferença” (NANCY; LABARTHE, 1991: 49). Outro ponto que merece ser destacado, já que suscita uma enormidade de questões, é o seguinte: tanto o significante *Homens* quanto o significante *Mulheres* induzem a pensar — se for tomado como referência o esquema da árvore — que as duas figuras sob a barra, ou seja, no lugar do significado, seriam algo que figurasse um homem e uma mulher, como silhuetas masculina e feminina.³¹ No entanto, o que aparece sob a barra, no lugar do significado, é a representação de duas portas idênticas. Portanto, a relação entre significante e significado não é unívoca, como sugere o esquema saussuriano da árvore.

Há, ainda, outros aspectos do comentário de Lacan sobre esse esquema que exigem uma análise mais rigorosa e que, certamente, trarão alguma luz acerca da função do algoritmo e sua relação com o sentido. Segundo Lacan, as duas portas *simbolizam* o *imperativo* que sujeita a vida pública às *leis* da segregação urinária. Disso pode-se extrair a seguinte consequência: “em lugar do significado, introduz-se a simbolização de uma lei, que é a lei da segregação sexual” (NANCY; LABARTHE, 1991: 49). Lacan esclarece também que da justaposição de dois termos emerge a surpresa de uma *precipitação inesperada do sentido*. Assim, “[...] a passagem do significante nesta simbolização (o equivalente, portanto, ao processo por onde é gerada a significação) é dada como uma precipitação de sentido” (NANCY; LABARTHE, 1991: 49).

³¹ Esse exemplo das silhuetas é dado pelos autores do *Título da letra*, na página 49.

Certamente, o efeito provocado por essa operação é surpreendente. O homem e a mulher como “conceitos” perdem o seu valor, sendo reduzidos a quase nada, já que são as duas portas que ocupam o lugar do significado. Chega-se, assim, ao cerne da questão: “[...] o sentido precipita-se no sentido químico da palavra, isto é, deposita-se como tal no meio ou na solução do significante” (NANCY; LABARTHE, 1991: 50). Fica mais claro o propósito de Lacan: “[...] mostrar como o significante de fato entra no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade” (LACAN, 1957/1998: 503).³² Trata-se, portanto, de abolir qualquer concepção que faça menção à idéia de referência como função do significante, “para substituí-la por um acesso do significante ao significado” (NANCY; LABARTHE, 1991: 50).

Retoma-se a *lei da segregação urinária* para esclarecer a função do significante e o seu papel no processo de significação. Decerto, não é por acaso que Lacan utilizou esse termo, o que suscita o interesse de buscar aí alguma orientação. Certamente, a *lei da segregação urinária* está ligada à diferença entre os sexos, diferença que se torna lei, como indica Lacan com o uso do termo *imperativo*. Há, portanto, uma lei que articula a diferença dos sexos. Mas o que o significante tem a ver com isso?

O significante é, pois, a diferença dos lugares, a própria possibilidade da localização. [...]. Não se divide em lugares, divide os lugares – isto significa que ele os institui. [...]. Sobre esses lugares, aliás, o significante lingüístico *Homens/Damas* não se inscreve para remeter diretamente ao significado (os conceitos de homem e de mulher), mas inscreve-se só a si mesmo como diferença. Ou seja, exatamente *Homens ≠ Damas*, isto é, a própria lei (NANCY, LABARTHE, 1991: 50).

Assim, a dualidade significante impressa no esquema de Lacan — ou seja, *Homens/Mulheres* — não tem como regra a produção do significado. O elemento principal que deve ser extraído é a articulação de uma lei que simboliza a diferença, garantida aqui pelo espaçamento dos significantes. Isso implica destituir a concepção saussuriana de que o

³² Trata-se de um debate de Lacan com os nominalistas.

significante é uma das faces do signo em sua relação dialética com o significado.³³ Para ilustrar toda essa problemática, Lacan acolheu uma experiência de infância fornecida por um amigo que se encaixou perfeitamente como exemplo daquilo que ele se propunha a elaborar com o seu esquema das duas portas. Trata-se da seguinte história:

Um trem chega à estação. Numa cabine, um menino e uma menina, irmão e irmã, estão sentados um em frente ao outro, do lado em que a vidraça dando para o exterior descortina a visão das construções da plataforma ao longo da qual o trem parou: “Olha!, diz o irmão, chegamos a Mulheres!”; “Imbecil!, responde a irmã, não está vendo que nós estamos em Homens?” (LACAN, 1957/1998: 503)

As conseqüências que Lacan extrai dessa *historinha de criança* têm um efeito de ruptura com a concepção saussuriana de signo, instaurando aí uma outra lógica. Vale deter numa citação de Lacan para aproximar um pouco mais da questão inicial, que acabou por conduzir a uma análise mais sistemática do algoritmo, ou seja: o que se deve chamar propriamente de sentido?

Além, com efeito, de os trilhos dessa história materializarem a barra do algoritmo saussuriano de uma forma que é a conta certa para sugerir que sua resistência pode ser outra que não dialética, seria preciso – essa é exatamente a imagem que convém – não ter olhos na cara para se atrapalhar quanto ao respectivo lugar do significante e do significado, e para não observar de qual centro irradiante o primeiro vem refletir sua luz nas trevas das significações inacabadas (LACAN, 1957/1998: 503).

Trata-se de uma passagem essencial do texto de Lacan, já que lança alguma luz acerca do papel do significante e de sua relação com a significação. A idéia do significante enquanto elemento diferencial que possibilita o reconhecimento da diferença entre os sexos, tal como esboçado, começa a clarear com esse exemplo. É a materialidade dos lugares, das posições ocupadas pelas crianças, que permite apreender o que se desenrola nesse processo. “É, pois, por ocuparem lugares distintos e opostos que as duas crianças escolhem, por conta da parada³⁴ (sem decifrar, por conseguinte, o significado), a inscrição correspondente ao lugar de cada um” (NANCY, LABARTHE, 1991: 53). Como não é possível ocupar dois lugares ao mesmo

³³ Mas a idéia saussuriana de língua como um sistema de diferenças é preservada.

³⁴ Será que podemos articular essa parada ao ponto de basta?

tempo, ocupar um certo lugar implica a exclusão de outro lugar, o que faz com que “as crianças permaneçam simbolicamente separadas da significação pelos trilhos. Ou, caso se prefira, os trilhos impedem (eles não são dialéticos) a significação de cumprir-se” (NANCY, LABARTHE, 1991: 53). Esbarra-se aí num impasse: tornar possível a significação, apesar da resistência imposta pela barra.³⁵

O que se pode então extrair dessa relação de exclusão? Se uma certa inscrição exclui outra inscrição possível, depara-se com a impossibilidade de uma inscrição total, o que remete à castração. Mas, paradoxalmente, parece ser a própria castração o *centro irradiante*, que permite ao significante *refletir sua luz*. No entanto, trata-se de *luz* nas *trevas*, já que as significações serão sempre *inacabadas*. É esse inacabamento — ou seja, essa impossibilidade de uma significação completa — que exige um eterno movimento de busca do sentido. Isso implica dizer que há um furo no significante, ou melhor, um furo produzido pelo significante. Eis aí uma maneira de conceber a castração, ou o próprio algoritmo, que parece interessante: o buraco do significante. Em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960), texto posterior ao que ora se analisa, Lacan assinala algo muito importante e que, certamente, vem contribuir com as elaborações aqui traçadas: “Se a lingüística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso” (LACAN, 1960/1998: 815).

Retoma-se agora a função do algoritmo para extrair daí algumas conseqüências que serão fundamentais a esta investigação: as relações entre significante e significado, e suas implicações na produção de sentido. (Afinal, se o objeto desta investigação é a metáfora delirante enquanto uma saída pela via do sentido, não se pode escorregar quanto ao sentido, mesmo sabendo que sua característica principal consiste em ser escorregadio.) Quanto ao algoritmo, Lacan afirma o seguinte: “[...] o algoritmo, na medida em que ele mesmo é apenas

³⁵ Como se viu no item anterior, é a operação metafórica que possibilita a transposição da barra, permitindo, assim, o surgimento da significação.

pura função do significante, só pode revelar uma estrutura de significante nessa transferência” (LACAN, 1957/1998: 504). Isso implica dizer que o algoritmo em si mesmo não tem sentido algum e que o significante desarticulado é um *insignificante*. Portanto, a função do significante está em suas articulações e combinações, que podem ou não gerar um sentido. E quanto ao sentido, só se pode colher os seus efeitos. Tais constatações apontam para a seguinte conclusão: “[...] o esquema algoritmo, por si só, não permite assegurar até o fim a produção do sentido” (NANCY, LABARTHE, 1991: 50).

Quando se trabalha a metáfora literária, deixa-se em aberto uma questão, que merece ser retomada, para que se possa fazer outras articulações: A metáfora é a única via possível de criação de sentido? Outra questão que certamente produz uma via de articulação com essa é: Pode haver produção de sentido com o significante desarticulado?

1.4 O ponto de basta: a solução lacaniana para a inconsistência do sentido

A fórmula do algoritmo impede de conceber a emergência de sentido advindo de um significante isolado, já que “a estrutura do significante está, como se diz comumente a respeito da linguagem, em ele ser articulado” (LACAN, 1957/1998: 504). Por conseguinte, o significante fora dessa lógica de funcionamento, pelo menos nesse momento do ensino de Lacan, só pode ser concebido como *insignificante*. Nesse sentido, “somente as correlações do significante com o significante fornecem o padrão de qualquer busca de significação” (LACAN, 1957/1998: 505). Portanto, é o puro funcionamento do significante que forja a estrutura que permite uma abertura para o sentido.

Pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca... A verdade é que... Talvez, também... Nem por isso ela deixa de fazer sentido, e um sentido ainda mais opressivo na medida em que se basta ao se fazer esperar (LACAN, 1957/1998: 505).³⁶

³⁶ Essa antecipação do significante em relação ao sentido aparece de forma bem marcada no fenômeno das alucinações verbais, tal como colocado no item referente à metáfora em Jakobson. Tal idéia também será discutida no próximo capítulo, quando será trabalhada especificamente a questão das psicoses, em que a

Portanto, vale insistir que é “na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento” (LACAN, 1957/1998: 505). Tomar como ponto de partida a lógica do significante, que pressupõe a preexistência e independência do significante em relação ao significado³⁷, impulsionou Lacan a elaborar sua teoria do ponto de basta. Ora, se nada pára, se o que se impõe é “a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante” (LACAN, 1957/1998: 506), “como se dar conta pelo menos do *efeito* de significação ou de sentido?” (NANCY; LABARTHE, 1991: 62).

É preciso um ponto de parada. Um trem que desliza por trilhos de tempos em tempos pára numa estação, mesmo que logo em seguida prossiga em seu trajeto. É o significante que, em algum ponto de sua cadeia perpétua, deve interromper o deslizamento incessante do significado, possibilitando, assim, uma paragem: algo que permita um certo encontro com o sentido. Isso implica dizer que, para haver significação, o significante necessita de um ponto de ancoragem. É preciso dar lugar a uma “pontuação³⁸, em que a significação se constitui como produto acabado” (LACAN, 1960/1998: 820). A solução encontrada por Lacan para toda essa problemática do funcionamento significante e sua relação com o sentido é formalizada com sua teoria dos pontos de basta.

Mas, certamente, Lacan não acredita nessa colagem do significado no significante. É por isso que o ponto de basta só pode ser concebido em seu caráter mítico. Pois, “não há significação que não esteja sempre a ponto de deslizar fora de seu sentido pretensamente próprio” (NANCY, LABARTHE, 1991: 63). Portanto, o que se pode esperar de uma ligação

antecipação da significação – as significações anômalas – permite compreender a estrutura do processo de significação nas psicoses. Em relação às frases interrompidas, vale lembrar o caso Schreber.

³⁷ O que denota sua franca oposição à idéia saussuriana de signo, que tem por fundamento a coextensão da cadeia dos significados à cadeia significante.

³⁸ Vale fazer um parêntese com a clínica das psicoses, já que são freqüentes os casos, em que a função do analista é justamente ajudá-los a pontuar os textos que escrevem.

entre significantes? Paradoxalmente, deve-se esperar o inesperado, ou seja, a surpresa de uma nova significação. E, tal como assinalado no item em que se trabalhou a metáfora literária, o escritor jamais saberá o que pode decorrer de sua *aventura significante*. Nessa perspectiva, pode-se pensar a poesia, em suas composições nada lineares, enquanto busca de uma linguagem *em ponto de basta*: uma linguagem que se abre para sentidos sempre novos e surpreendentes.

Mas se, com efeito, é necessária a linearidade que F. de Saussure considera constitutiva da cadeia do discurso, em conformidade com sua emissão por uma só voz e na horizontal em que ela se inscreve em nossa escrita, ela não é suficiente. [...] Mas basta escutar a poesia, [...] para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura. (LACAN, 1957/1998: 506-507).

Disso podem-se extrair elementos essenciais. Se a linearidade da cadeia significante — ou seja, a articulação sintagmática — não é suficiente para a constituição do discurso, depara-se com a necessidade da verticalidade, que é o eixo paradigmático. Nesse sentido: “Não há cadeia significante, com efeito, que não se sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto” (LACAN, 1957/1998: 507).

Para compreender melhor essa afirmação de Lacan, mostra-se necessário buscar em Jakobson os elementos que ele localiza nos eixos paradigmático e sintagmático. O linguista³⁹ separa esses dois eixos em duas colunas, que ele designa como polares, os quais seriam o resultado descritivo do ato da fala. Em relação ao eixo paradigmático, ele inclui os seguintes mecanismos: seleção, substituição, similaridade e metáfora. Já no eixo sintagmático: combinação, contextura, contigüidade e metonímia. Nessa perspectiva, o sentido só pode ser concebido como o resultado desses mecanismos, que, no mesmo movimento em que engendram um sentido, também o modificam.⁴⁰

³⁹ HOLENSTEIN, “Introdução ao pensamento de Roman Jakobson”, p: 142-143.

⁴⁰ HOLENSTEIN, “Introdução ao pensamento de Roman Jakobson”, p. 84.

“A metáfora é, então, o tropo paradigmático ou a figura de alternância por meio da qual a mensagem faz surgir por antecipação, no código, os paradigmas de sua ocorrência” (NANCY; LABARTHE, 1991: 83). Mas a metáfora, enquanto eixo paradigmático, não pode ser concebida de forma desvinculada do eixo sintagmático — ou seja, da metonímia. Quanto à metonímia, é o seu funcionamento que confere à cadeia significante o caráter de um perpétuo deslizar, o que levou Lacan a buscar uma equivalência entre a metonímia e o desejo. Em relação a esse tropo, Lacan declara: “A metonímia, como lhes ensino, é o efeito possibilitado por não haver nenhuma significação que não remeta a outra significação, e no qual se produz o denominador mais comum entre elas, ou seja, o pouco de sentido [...]” (LACAN, 1958/1998: 628-629). Lacan formaliza a metonímia da seguinte maneira:

$$f(S...S') S \equiv S (-) s$$

Trata-se de uma combinação de significantes — e não de substituição — que, ao contrário da metáfora, não gera um suplemento de sentido, e sim um menos de sentido. O sinal (-) indica a manutenção da barra, marcando, assim, “a irredutibilidade em que constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação” (LACAN, 1957/1998: 519). Nessa perspectiva, a metonímia deve ser concebida como “o rodeio segundo o qual o sentido se empobrece ou se esgota na letra do discurso” (NANCY; LABARTHE, 1991: 82). Por conseguinte, é a linearidade do sintagma “o que mais resiste à autonomização do significante tal como Lacan a encara” (NANCY; LABARTHE, 1991: 82).

Se uma significação remete sempre a outra significação, resultando num deslizamento incessante do significado, tal como Lacan enfatiza diversas vezes, aonde isso vai parar?

Quanto a isso, eis uma questão que Lacan assinala:

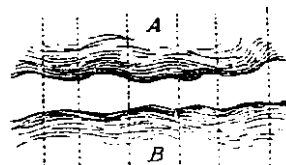
O sentido vai sempre em direção a alguma coisa, em direção a uma outra significação, em direção ao encerramento da significação, ele sempre remete a alguma coisa que está adiante ou volta sobre si mesmo. Mas há uma direção. Isso quer dizer que não temos ponto de parada? Eu estou certo de que esse retardo permanece sempre incerto no espírito de vocês considerando a minha insistência em dizer que a significação remete sempre à significação. Vocês se interrogam se afinal de contas o objetivo do discurso, que não é simplesmente o de abranger,

nem mesmo o de ocultar o mundo das coisas, mas o de apoiar-se nele de vez em quando, não seria irremediavelmente falhado (LACAN, 1956/2002: 159).

O autor de “A Instância da Letra no Inconsciente...” desenvolve essa questão opondo-se radicalmente à idéia de que o ponto de parada fundamental do discurso⁴¹ seria a indicação da coisa, alegando que “há uma absoluta não-equivalência do discurso com alguma indicação” (LACAN, 1956/2002: 159). Assim, continua-se no mesmo impasse: onde o discurso pára? Lacan chega à seguinte conclusão: “Há uma propriedade original do discurso em relação à indicação. Mas não é aí que encontramos a referência fundamental do discurso. Estamos procurando onde ele pára? Pois bem, é sempre no nível desse termo problemático chamado o ser” (LACAN, 1956/2002: 160). Mas, certamente, nesse trajeto que visa o ser, ou seja, o cerne daquilo para onde o discurso se dirige, o seu umbigo — que nada mais é que o ponto em que o sentido parece acabar num buraco —, deve haver vários pontos de basta. Desse modo, em cada uma dessas paradas, ocorre uma certa estabilização da cadeia significante, permitindo, assim, algum efeito de sentido. Senão a que se ater?

A relação do significante com o significado levou-me a fazer referência ao célebre esquema de Ferdinand de Saussure em que vemos representado o duplo fluxo paralelo do significante e do significado, distintos e fadados a um perpétuo deslizamento de um sobre o outro. Foi a propósito disso que forjei a imagem, retirada da técnica do estofador, do ponto de basta. É preciso que em algum ponto, com efeito, o tecido de um se prenda ao tecido do outro, para que saibamos a que nos atermos, pelo menos nos limites possíveis desses deslizamentos. Existem pontos de basta, portanto, mas eles deixam uma certa elasticidade nas ligações entre os dois termos (LACAN, 1957/1999: 15).

Eis a imagem de Saussure da qual Lacan se serve para fazer tais explicações.⁴²



⁴¹ Não se trata aqui da teoria dos discursos, que só será formalizada por Lacan alguns anos mais tarde.

⁴² Mas não se deve esquecer-se de que tudo aquilo que Lacan retira da lingüística recebe um tratamento distinto daquele que lhe havia sido dado e que, certamente, as elaborações de Saussure referentes a essa imagem diferem da de Lacan.

Assim, Lacan chama de ponto de basta “o ponto em que vêm se atar o significado e o significante” (LACAN, 1956/2002: 303). Trata-se de um significante em torno do qual “tudo se irradia e tudo se organiza [...]. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa no discurso” (LACAN, 1956/2002: 303). É por isso que Lacan afirma que “o esquema do ponto de basta é essencial na experiência humana” (LACAN, 1956/2002: 303). Logo em seguida, faz uma articulação entre o esquema do ponto de basta e a noção de pai em Freud, já que este sempre se manteve insistente em sua defesa do Complexo de Édipo, como essencial à experiência humana. Assim Lacan articula esses dois conceitos.

Por que esse esquema mínimo da experiência humana, que Freud nos deu no complexo de Édipo, conserva para nós seu valor irreduzível e, no entanto enigmático? E por que esse privilégio do complexo de Édipo? Por que Freud quer sempre, com tanta insistência, reencontrá-lo por toda a parte? Por que há aí um nó que lhe parece tão essencial que ele não pode abandoná-lo na menor observação particular? – se não é porque a noção de pai, muito mais próxima daquela de temor a Deus⁴³ lhe dá o elemento mais sensível na experiência do que chamei o ponto de basta entre o significante e o significado (LACAN, 1956/2002: 303).

Quando se trabalha o algoritmo, depara-se com um impasse: tornar possível a significação, apesar da resistência imposta pela barra. Mas, de certa forma, esse impasse já havia sido solucionado antes mesmo de deparar-se com ele. Pois, ao trabalhar a metáfora literária, percebeu-se que o mecanismo de substituição operado pela metáfora possibilita a transposição da barra, permitindo, assim, a emergência de uma nova significação. Mas, como articular a operação engendrada pela metáfora com a noção de ponto de basta? Afinal, trata-se da mesma coisa? A metáfora, enquanto uma operação de substituição significante, produz um efeito de *capitonagem*⁴⁴? Para esclarecer essas questões, aborda-se metáfora paterna.

⁴³ Em seu comentário sobre a tragédia *Atália* de Racine, Lacan afirma que o significante temor a Deus funciona como ponto de basta, já que é ele o organizador dos demais significantes. A esse respeito, ver: LACAN, “as psicoses”, p: 292- 305.

⁴⁴ O termo *capitonagem* não existe em nosso vocábulo. É usado aqui em referência à idéia absorvida por Lacan em sua formulação do ponto de basta: trata-se de uma técnica de estofamento conhecida como capitonê.

1.5 A metáfora e sua relação com a economia subjetiva: a metáfora paterna

Revisitar o conceito de metáfora em Lacan implica necessariamente percorrer outros conceitos, também fundamentais à psicanálise, tais como a noção de pai. Quando Lacan se propôs a abordar o problema da metáfora a partir de sua leitura de Jakobson, estava certo de que a dimensão da verdade ingressa na economia subjetiva por intermédio do pai. Lacan⁴⁵ retoma o texto freudiano “Moisés e o monoteísmo” (1939) para marcar o quanto Freud insistiu nessa questão até seus últimos trabalhos. Portanto, é imprescindível considerar a estreita relação entre o problema paterno e o problema da metáfora.

A idéia do pai como metáfora já permeia “O seminário, livro 3: as psicoses” (1955-1956) e “O seminário, livro 4: a relação de objeto” (1956-1957). Mas o tratamento lingüístico dado por Lacan ao movimento do Édipo e ao da castração, por meio da escrita formal da metáfora paterna, aparece algum tempo depois em “O seminário, livro 5: as formações do inconsciente” (1957-1958) e em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958). Nesses trabalhos, Lacan faz do pai um significante — o significante do Nome-do-Pai —, de modo que a função paterna passa a ser vislumbrada como uma função significante, que opera segundo as leis da metáfora. Decerto, conceber a função paterna como uma operação metafórica foi a via encontrada por Lacan para sustentar a sua tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. É nesse contexto teórico que tais formulações se deram.

O poema de Victor Hugo é um bom ponto de partida para trabalhar a metáfora paterna, pois o que está em jogo nesse verso é a significação da paternidade de Booz.

Para localizar o verso no seu contexto é preciso considerar que procede de uma poesia que tem como ponto de referência uma passagem de Ruth, do Antigo Testamento, tomada como evocadora da metáfora paterna. O relato bíblico traça essencialmente a história de Ruth, viúva moabiata, que vai viver perto da terra de Booz. Booz tinha fama de ser muito generoso e ela começa a trabalhar em sua terra desfrutando da prodigalidade do patrão. Um dia Booz tem um

⁴⁵ LACAN, “as psicoses”, p. 245.

sonho no qual a divindade lhe anuncia que vai ser pai. Essa promessa se cumpre efetivamente em Ruth. Em todo o contexto poético, é esse o motivo sobre o qual se desenvolve a poesia de Hugo. Estão em jogo dois aspectos fundamentais: de um lado a generosidade e a prodigalidade; de outro a fecundidade, explicitada através do advento à paternidade (VALLEJO; MAGALHÃES, 1979: 86).

A substituição de *Booz* pelo possessivo *seu feixe* realizada nesse contexto poético, além de evocar o sentido de generosidade e riqueza, traz também a idéia de fecundidade. Mas convém deter na significação da paternidade engendrada pela operação de substituição significante, já que é esse o mecanismo que remete à metáfora paterna. Quanto a isso, Lacan sustenta que

[...] é entre o significante do nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética, ainda mais eficaz aqui, para realizar a significação da paternidade, por reproduzir o evento mítico em que Freud reconstruiu a trajetória, no inconsciente de todo homem, do mistério paterno (LACAN, 1957/ 1998: 511).

Considerando que as questões referentes à abolição significante e suas implicações na produção da significação já foram bem trabalhadas, detém-se aqui naquilo que se refere à função paterna propriamente dita. Em “O seminário, livro 4: a relação de objeto” (1956-1957), Lacan formula a seguinte pergunta: “O que é ser um pai”? (LACAN, 1957/1995: 209). Já em “O seminário, livro 5: as formações do inconsciente” (1957-1958), ele parte do seguinte princípio: “O pai é uma metáfora” (LACAN, 1958/1999: 180). Se uma metáfora se constitui mediante a substituição de um significante por outro, pode-se, a partir dessa afirmação, concluir que “o pai é um significante que substitui um outro significante” (LACAN, 1958/1999: 180). Portanto, é aí que reside a função do pai no Complexo de Édipo.

Mas que significante é esse que o pai vem substituir? Trata-se da mãe, enquanto uma simbolização primordial, operada pela criança por meio da subjetivação do par significante ausência-presença materna. É a essa simbolização primordial que Freud⁴⁶ se refere ao tratar da brincadeira do *fort-da*, em que o automatismo da repetição permite à criança simbolizar esse movimento da mãe, que ora está presente, ora está ausente. É essa ausência materna que

⁴⁶ FREUD, “Além do princípio de prazer”, p. 23-34.

lança um enigma para a criança, ao apontar-lhe que, para além dela, existe algo que fisga sua mãe.

É a mãe que vai e vem. É por eu ser um serzinho já tomado pelo simbólico, e por haver aprendido a simbolizar, que podem dizer que ela vai e que ela vem. (...). A pergunta é: qual é o significado? O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela – é o x , o significado. E o significado das idas e vindas da mãe é o falo (LACAN, 1958/1999: 180-181).

Desde muito cedo uma criança é capaz de perceber “o que é o x imaginário, e, uma vez tendo o compreendido, fazer-se de falo. Mas a via imaginária não é a normal” (LACAN, 1958/1999: 181). Então, qual seria a via normal? Pelas indicações de Lacan, trata-se da via simbólica. Mas “qual é a via simbólica? É a via metafórica. [...] é na medida em que o pai substitui a mãe como significante que vem a se produzir o resultado comum da metáfora” (LACAN, 1958/1999: 181).

Vale evocar a fórmula da metáfora, já mencionada, para explicitar melhor esse processo de substituição significante: o pai, S , substitui a mãe, S' , que aqui já está ligada ao x , que quer dizer “o significado na relação com a mãe” (LACAN, 1958/1999: 180). Ou seja, “o elemento significante intermediário cai, e o S se apodera, pela via metafórica, do objeto do desejo da mãe, que então se apresenta sob a forma do falo” (LACAN, 1958/1999: 181).

$$\frac{S}{S'}, \frac{S'}{x} \rightarrow S \left(\frac{I}{s} \right)$$

Assim, essa formulação parte do princípio de que a relação da criança com o falo vai se estabelecer na medida em que o falo é objeto de desejo da mãe.⁴⁷ Para ilustrar o desejo da mãe, Lacan nos diz o seguinte.

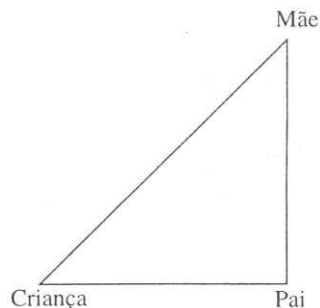
O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. [...] Há um rolo,

⁴⁷Num outro momento do seu ensino, Lacan faz uma releitura da metáfora paterna a partir do gozo, e não do desejo, como foi formulado nesse período do seu ensino. A esse respeito, ver: LACAN, “o avesso da psicanálise”, p. 95-124.

de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha (LACAN, 1970/1992: 105).

A estrutura da metáfora paterna permite “articular claramente o Complexo de Édipo e seu móbil, isto é, o complexo de castração” (LACAN, 1958/1999: 181). A metáfora paterna — ou seja, a operação de substituição significante, que permite ao sujeito interpretar o desejo da mãe — constitui “o ponto axial, o nervo motor, a essência do progresso representado pelo Complexo de Édipo” (LACAN, 1958/1999: 186). Mas, para que a metáfora se realize, é necessária a instauração da castração. Para mostrar como a castração incita o desfecho do Édipo e de que forma o falo entra na trama edípica, situam-se os três tempos do Édipo⁴⁸, tal como Lacan⁴⁹ fez em suas formulações.

A essência da metáfora paterna consiste no seguinte triângulo:



Inicialmente, a relação com a realidade é desenhada entre a mãe e o filho. Mas “é para desenhar objetivamente essa situação que fazemos o pai entrar no triângulo, embora para a criança ele ainda não tenha entrado” (LACAN, 1958/1999: 186). Em sua relação com a mãe, a criança acaba se tornando dependente do desejo da mãe. Mas o que isso quer dizer? Certamente, desejar o desejo da mãe pressupõe que a criança já tenha simbolizado os movimentos da mãe, de modo a reconhecer que “há nela o desejo de Outra coisa” (LACAN, 1958/1999: 188). Assim,

⁴⁸ Apesar de Lacan, nesse seminário, enfatizar a idéia do pai simbólico, ou seja, do pai enquanto significante, ao situar os três tempos do Édipo, ele trabalha o pai imaginário, o pai real e o pai simbólico.

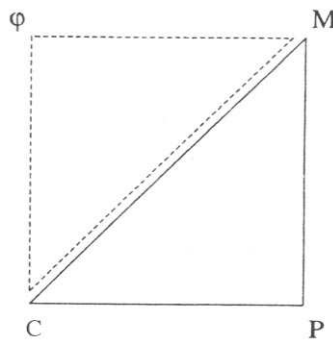
⁴⁹ LACAN, “as formações do inconsciente”, p. 185-220.

A partir dessa primeira simbolização em que se afirma o desejo da criança esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que o seu desejo é o desejo da mãe. [...] essa simbolização primordial abre para a criança, ainda assim, a dimensão do que a mãe pode desejar de diferente, como se diz, no plano imaginário (LACAN, 1958/1999: 188).

Mas é preciso mais que a simbolização primordial da mãe.

Esse algo mais, que é preciso que exista, é exatamente a existência por trás dela, de toda a ordem simbólica de que ela depende, e a qual, como está sempre mais ou menos presente, permite um certo acesso ao objeto de seu desejo, o qual já é um objeto tão específico, tão marcado pela necessidade instaurada pelo sistema simbólico, que é absolutamente impensável de outra maneira quanto à sua prevalência. Esse objeto chama-se falo (...) Por que esse objeto se faz necessário nesse lugar? Só pode ser porque é privilegiado na ordem simbólica. (LACAN, 1958/1999: 189).

Há, portanto, uma relação entre o simbólico e o imaginário, que pode ser esboçada da seguinte maneira:



Mas qual é a relação entre o falo, que está no vértice superior do ternário imaginário, e o pai, que se encontra no vértice inferior do ternário simbólico? “Veremos que não há aí uma simples simetria, mas uma ligação. Como é que já se faz possível eu adiantar que essa ligação é de ordem metafórica?” (LACAN, 1958/1999: 189). É justamente essa relação que leva à dialética do Complexo de Édipo. Analisa-se, a seguir, como essa ligação se efetua. Ora, se a criança deseja o desejo da mãe e se esse desejo comporta um para-além, como atingi-lo? É por esse viés que se deve interrogar a função do pai, pois “para atingir esse para-além é necessária uma mediação, e essa mediação é dada, precisamente, pela posição do pai na ordem simbólica” (LACAN, 1958/1999: 190). Mas de que forma essa mediação se opera? O que se pode esperar do pai? Deve-se esperar que ele prive a mãe de seu objeto de desejo.

Assim, é no plano da privação da mãe que, num dado momento da evolução do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é essencial. Vocês o encontrarão em todas as encruzilhadas, a cada vez que sua experiência os levar a um certo ponto que agora tentamos definir como ponto nodal no Édipo (LACAN, 1958/1999: 191).

Mas o que acontece quando não opera a privação da mãe pelo pai? Se a privação da mãe é o motor que permite ao sujeito avançar no Édipo e assumir uma identificação, a que o sujeito se atém quando a privação da mãe não se efetua? Ora, “na medida em que a criança não ultrapassa esse ponto nodal, isto é, não aceita a privação do falo efetuada na mãe pelo pai, ela mantém em pauta [...] uma certa forma de identificação com o objeto da mãe” (LACAN, 1958/ 1999: 192). A forma como a criança se relaciona com a mãe, com o pai e com o falo tem seu fundamento na estrutura. Mas, “em que medida [...] é preciso apontar que [...] a criança mantém sua identificação com o falo?” (LACAN, 1958/ 1999: 192). Quanto a isso, Lacan explica:

Existem graus, é claro, e essa relação não é a mesma na neurose, na psicose e na perversão. Mas essa configuração de qualquer modo é nodal. Nesse nível a questão que se coloca é *ser ou não ser, to be or no to be* o falo. No plano imaginário, trata-se, para o sujeito, de ser ou não ser o falo. (...) Mas, digamos, uma vez que convém nos exprimirmos bem, que existe, em termos neutros, uma alternativa entre ser ou não ser o falo (LACAN, 1958/ 1999: 192).

Portanto, se no primeiro tempo do Édipo a criança se identifica especularmente com o objeto do desejo da mãe, o que lhe confere o lugar imaginário de falo da mãe, não significa que ela não possa sair desse lugar. Mas para tal é necessária a privação da mãe pelo pai. Assim, no segundo tempo o pai intervém no plano imaginário como privador da mãe, que agora não pode mais fazer do filho o seu falo. É por intermédio da privação da mãe que a criança pode experimentar a própria castração, de modo a posicionar-se em torno da seguinte questão: *Ter ou não ter* o falo? Assim, não se trata mais de *ser ou não ser* o falo, e sim de *ter ou não ter* o falo.

Aquilo de que se trata no complexo de castração nunca é articulado e se faz quase completamente misterioso. Sabemos, no entanto, que é dele que dependem esses dois fatos: que, de um lado, o menino se transforma em homem, e de outro, a menina se transforme em

mulher. Em ambos os casos, a questão do ter ou não ter é regida [...] por intermédio do complexo de castração (LACAN, 1958/1999: 192).

O que retorna para o sujeito da privação imaginária da mãe é a lei do pai. Assim, ao mesmo tempo em que se desvincula de sua identificação, o sujeito se liga a uma lei que, apesar de ser remetida pela mãe, não é mais a lei da mãe, e sim a lei de um Outro. A mãe aparece agora como “dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem” (LACAN, 1958/1999: 199). Agora, o caminho está aberto para o terceiro tempo do Édipo. Nesse momento, o pai intervém como aquele que tem o falo, decorrendo disso a internalização do pai no sujeito como Ideal do Eu e o declínio do Complexo de Édipo. É importante salientar que a assunção do sexo pelo sujeito — ou seja, a virilidade e a feminização — está diretamente ligada à função do Ideal do Eu. Mas o que isso quer dizer? Como se pode pensar tal questão sob o viés da metáfora, já que foi essa a solução encontrada por Lacan?

A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde. [...] na medida em que é viril, um homem é sempre mais ou menos sua própria metáfora. É isso, aliás, que coloca sobre o termo virilidade a sombra de ridículo que, enfim, convém destacar (LACAN, 1958/1999: 201).

Portanto, a função do pai no Complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na significação, que é o significante materno. O resultado desse processo de substituição significante é a emergência de uma nova significação: a significação fálica. É essa significação que confere um sentido ao ser do sujeito, estando diretamente ligada às suas identificações imaginárias. A significação fálica permite ao sujeito se orientar na ordem simbólica. Tal operação é formalizada por Lacan da seguinte maneira:

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

Trata-se, como se vê, de uma operação metafórica ao nível do significante, “que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (LACAN, 1958/1998: 563). Mas para-além da operação de substituição há o engendramento de uma nova significação. Ora, se o processo de substituição significante operado pela metáfora paterna possibilita a precipitação da significação fálica, isso implica certa estabilização do sentido. Estaria aí, na operação da metáfora paterna, aquilo que Lacan formalizou como ponto de basta? A esse respeito Lacan esclarece:

De fato, a fórmula da metáfora que lhes forneci não quer dizer nada senão isto: existem duas cadeias, os S do nível superior, que são os significantes, ao passo que encontramos abaixo deles tudo o que circula de significados ambulantes, porque eles estão sempre deslizando. A amarração de que falo, o ponto de basta, é tão somente uma história mística, pois ninguém jamais pode alinhavar uma significação num significante. Em contrapartida, o que se pode fazer é atar um significante num significante e ver no que dá. Nesse caso, sempre se produz alguma coisa de novo, a qual, às vezes, é tão inesperada quanto uma reação química, ou seja, o surgimento de uma nova significação (LACAN, 1958/1999: 202).

A metáfora paterna, fundamental para se pensar a condição do sujeito, depende de algo que se desenrola no Outro, pois “o pai é no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei. Ele se coloca, por assim dizer, acima desta” (LACAN, 1958/1999: 202). Trata-se, então, de conceber o Nome-do-Pai como um significante preferencial, que, por meio da metáfora, consegue barrar o insaciável materno, de modo a fazer do Outro o tesouro do significante e o lugar da lei. Para esboçar a idéia do significante do Nome-do-Pai enquanto um significante que está cima da cadeia significante, Lacan⁵⁰ utiliza a seguinte ilustração:

$$\begin{array}{c} S \\ \hline S \ S \ S \ S \ S \\ \hline s \ s \ s \ s \ s \end{array}$$

A metáfora paterna é uma construção extremamente importante, pois foi por meio dela que Lacan conseguiu articular o movimento do Édipo e o da castração. No entanto, a fórmula da metáfora paterna aponta um limite que merece ser considerado. A metáfora paterna, tal as

⁵⁰ LACAN, “as formações do inconsciente”, p. 202.

como Lacan a formula, indica que há uma substituição significante — mais precisamente a substituição do significante do Desejo da mãe pelo significante do Nome-do-Pai — que engendra a significação fálica. Mas ela não oferece nenhuma indicação sobre o gozo da mãe, que já aparece aqui significantizado. Também não explica como o gozo do sujeito atinge a dimensão fálica. Portanto, tudo se passa em termos de uma relação entre significantes, de modo que o Nome-do-Pai aparece como um elemento do Outro.

Mas, se o próprio Lacan, já em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960), aponta para a inconsistência da estrutura simbólica, mediante a formalização do $S(\bar{A})$, ou seja, do significante que falta no Outro, como se pode pensar o Nome-do-Pai como um significante do campo do Outro? Pois, se o Outro é concebido em seu caráter de incompletude, como pensar o Nome-do-Pai como um significante privilegiado capaz de denominar todo conjunto?

2 METÁFORA DELIRANTE: UMA FORMULAÇÃO LACANIANA

A noção de delírio pode ser evocada de diversas maneiras. Geralmente, aparece vinculada à idéia de êxtase, arrebatamento, excitação do espírito ou desvairamento. O sentido etimológico⁵¹ do termo vem do latim, *delirare*, que significa “sair do sulco”, enquanto que *lirare* quer dizer “traçar sulcos”.⁵² Mas tal termo só ganhou sentido técnico no século XIX, com o surgimento da psiquiatria enquanto disciplina autônoma.⁵³ Esquirol foi um dos primeiros a precisar o conceito de delírio. Seguindo uma vertente sensualista, ele define o delírio, em 1814, como uma não relação entre as sensações e os objetos externos, entre as idéias e as sensações, entre o julgamento e suas determinações.⁵⁴ Trata-se de uma extrema confiança nas sensações, como se elas representassem fielmente o mundo exterior, conferindo ao bom uso das percepções a garantia de não se estar louco. Tal concepção acabou por induzir a visões puramente negativas do delírio, em que a questão deficitária é valorizada em detrimento do seu aspecto criativo.

Várias teses surgiram depois. Alguns autores acrescentam à tese de Esquirol a idéia de convicção inabalável como pressuposto para a caracterização do delírio. Tal idéia também aparece em Jasper, que, pelo viés da fenomenologia, define o delírio da seguinte maneira:

O delírio se comunica em juízos. Só onde se pensa e se julga pode nascer um delírio. Neste sentido, chamam-se idéias delirantes os juízos patologicamente falsos. [...] De maneira vaga, chamam-se idéias delirantes todos os juízos falsos que possuem em determinado grau – não precisamente delimitado – os seguintes caracteres externos: 1º a convicção *extraordinária* com que lhes adere, a *certeza subjetiva*, incomparável. 2º a *impossibilidade de influenciamento* da parte da experiência e de raciocínios constringentes. 3º a *impossibilidade* do conteúdo (JASPER, 2000: 118).

No entanto, essa tentativa de precisar o delírio a partir de uma abordagem fenomenológica nada esclarece sobre a psicose propriamente dita. É nesse sentido que uma

⁵¹ MALEVAL, “Logique du delire”, p. 7.

⁵² Ora, essa idéia de traçar sulcos remete ao ravinamento do significante, tratado por Lacan em *Lituraterra*. A esse respeito, ver: LACAN, “Lituraterra”, *Outros Escritos*, p. 15-25.

⁵³ MALEVAL, “Logique du delire”, p. 7.

⁵⁴ MALEVAL, “Logique du delire”, p. 7.

abordagem estrutural mostra-se necessária para uma análise mais consistente da psicose. A análise psicanalítica do delírio possibilitou uma investigação mais cuidadosa da estrutura psicótica. Pois conceber o delírio como uma tentativa de cura permitiu a apreensão daquilo que estava por trás da formação delirante e que impulsionava um dispendioso trabalho de construção.

O estudo das psicoses no campo da psiquiatria sempre utilizou como método a categorização dos fenômenos psicopatológicos e o seu isolamento em entidades clínicas por meio da reunião de anomalias e deficiências. E, “se a psicanálise revelou alguma coisa de significativo, de esclarecedor, de luminoso, de fecundo, de abundante, de dinâmico, foi pondo em desordem as minúsculas construções psiquiátricas continuadas sem descanso durante décadas” (LACAN, 1955/2002: 46). A psicanálise, ao considerar a importância do Complexo de Édipo para a formação da subjetividade e a linguagem em sua dimensão estruturante, provocou uma ruptura conceitual, que permitiu um novo modo de se pensar o estatuto da psicose.

Graças a Freud e à leitura das memórias de Schreber feita por ele, a questão das psicoses ganhou um campo de estudo no âmbito da psicanálise. Apesar de o objetivo do seu encaminhamento não ter sido propriamente o de promover uma direção do tratamento⁵⁵ das psicoses, mas, pelo contrário, apontar para uma contra-indicação de tal tipo clínico ao trabalho analítico, ele foi fundamental para um desenvolvimento clínico-teórico posterior. Certamente, o bom uso que Lacan fez do texto de Freud permitiu-lhe extrair elementos clínicos preciosos e formalizar uma consistente teoria das psicoses.

Se Freud vislumbrou a formação delirante como uma tentativa de restabelecimento, esse foi o ponto de partida para a formulação lacaniana acerca da metáfora delirante. Tal formulação traz consigo a perspectiva de tratamento da psicose pela psicose. No entanto, a

⁵⁵ Lacan faz ressalvas quanto ao uso do termo *tratamento* das psicoses em Freud. Alega que Freud jamais falou disso a não ser de maneira alusiva. A esse respeito, ver: LACAN, “as psicoses”, p. 11.

experiência clínica não encoraja qualquer aposta no delírio e, até, sugere outras saídas, que escapam à via do sentido. Parte-se, portanto, de um caso clínico, com o intuito de localizar alguns impasses do delírio que emergiram da clínica para, em seguida, construir um percurso teórico que ajudará na investigação do tema proposto e na construção do caso.

2.1 O caso Mateus: “o anjo guerreiro, exterminador do mal”

A primeira passagem de Mateus⁵⁶ pelo Instituto Raul Soares (IRS) se deu aos 20 anos de idade, em dezembro de 2002. Após longa conversa com o psiquiatra do Serviço de Urgência, revela um delírio de cunho místico-religioso. Conta que desde os 7 anos de idade, escuta duas vozes: uma de Deus e outra do Diabo. Traz um episódio em que havia diversos CORDIZES — “um animal diferente de uma perdiz, que tem a carne totalmente pura” — e que uma vez saiu andando, obedecendo a uma voz que lhe mandava ir atrás dos CORDIZES, enquanto outra voz dizia que ele não deveria fazer isso. Diz que, ao mesmo tempo em que tem um “fogo de lava” dentro do corpo, sente um frio gélido. Afirma ter descido ao inferno e que agora tem uma missão.

Mateus estava trancado há três dias dentro de um quarto sem se alimentar. O pai havia falecido há três anos e a irmã mais velha tinha saído de casa recentemente. De acordo com o relato da mãe, Mateus usava drogas desde os 17 anos, mas tinha certeza de que no último mês ele não havia usado. Mateus teve um filho com uma namorada. Nessa época, o garoto tinha três anos de idade. De acordo com a mãe, ele sempre foi presente na vida do filho. Algumas semanas antes dessa vinda ao IRS, ele havia trabalhado com raspção de sinteco, que era a mesma profissão do pai.

Quando o psiquiatra propôs a Mateus tomar os comprimidos em casa e voltar dentro de três dias, ele foi taxativo: “Não tomo nenhum remédio”. Mateus concordou em ficar no

⁵⁶ Trata-se de nome fictício, utilizado para preservar a identidade do paciente.

hospital desde que lhe dessem um quarto com chave e que ele pudesse fazer o que quisesse. Supôs-se que ele gostaria de prolongar o jejum, que havia sido iniciado há três dias. Tal suposição foi confirmada pela mãe, que assim interpretava o delírio místico-religioso do filho. Ela se exalta com a situação e afirma que os problemas do filho são de ordem espiritual.

A ex-namorada, com a qual Mateus ficou quatro anos, diz que sempre notou algo de diferente nele. Ela relata episódios de agressividade, principalmente com a mãe. Às vezes, impressionava-se com as coisas sem sentido que ele falava. Diz que quando o pai de Mateus faleceu a situação se agravou, e ela optou pelo fim do relacionamento.

Ficou claro que a mãe também tinha problemas psiquiátricos, de modo que houve uma mobilização da equipe para encaminhá-la a um serviço de saúde. Após alguns dias em que Mateus ficou na Sala de Observação do IRS, percebeu-se um movimento da mãe em retirar o filho do hospital. Por isso, a equipe optou pela construção de um vínculo com a rede de saúde mental, na tentativa de garantir o tratamento de Mateus. Até 2006, quando é internado, passou vários períodos em Casas de Recuperação, devido ao uso de *crack*, que se tornou cada vez mais excessivo. Mateus vendeu vasos sanitários, portas, lâmpadas e outros objetos de sua casa, além de cometer pequenos furtos para conseguir comprar a droga.

Em março de 2006, ele procurou espontaneamente o IRS. Diz que a mãe morreu de madrugada e que isso o deixou muito confuso. De acordo com o relato da tia, ele estava em casa no momento da morte da mãe e havia forte suspeita de que ele a tivesse assassinado. Mateus se mostrou indignado com tal acusação. Um dia antes da morte da mãe, os dois haviam discutido por causa de dinheiro.

No período em que ficou internado, escuta vozes que o mandam fazer penitências. Num certo momento, diz que Deus tem seu rosto. Afirma ter matado pela primeira vez aos três meses de idade: seu tio colocou uma arma em sua mão, e ele puxou o gatilho. Conta que matou mais de 400 pessoas num só dia e que, apesar de chegar em casa cheio de sangue, não

foi preso, pois a polícia está do seu lado. Sempre mata a mando dos anjos que o acompanham. Os anjos ficam constantemente ao seu lado, mas só falam quando querem. Ficou dependente das drogas porque os anjos jogavam do céu e o obrigavam a fumar. Diz que estava internado aguardando avisos para matar pacientes e funcionários que sofriam de “mal do coração”.

Após relativa melhora, foi encaminhado ao Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM). No entanto, apesar de algumas passagens pela urgência do IRS, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e CERSAM, as Casas de Recuperação foram o dispositivo de tratamento mais utilizado por ele, já que a família acreditava ser a droga o foco do tratamento⁵⁷.

Em junho de 2007, após sair de uma Casa de Recuperação, em que ficou durante cinco meses, Mateus é trazido ao IRS pela irmã. Nesse momento, ele estava bastante agressivo, a ponto de precisar de seis auxiliares de enfermagem para contê-lo. Antes, a irmã o havia levado até o CERSAM, mas devido à gravidade da situação, optou por interná-lo. Tinha medo de que ele fugisse de lá e fosse assassinado por moradores do bairro, que o ameaçavam por causa de pequenos furtos cometidos por ele. A irmã conta que, ao chegar ao CERSAM, ele começou a beber água da privada dizendo tratar-se de água sagrada. Mateus é admitido na Sala de Observação do IRS e depois é internado.

No segundo dia da internação de Mateus, João⁵⁸, um paciente crônico e morador do IRS há muitos anos, é encontrado morto com a bolsa escrotal dilacerada e um dos testículos arrancado. Mateus foi o primeiro suspeito, pois um dia antes foi visto tentando enforcar João por causa de cigarros. Além disso, ele já havia esboçado a idéia de ser um *matador*. Para a sua própria segurança e a dos outros pacientes, foi transferido de enfermaria. Foi nesse momento que comecei a atendê-lo.

⁵⁷ Certamente, essas casas, que têm como proposta de tratamento o trabalho e a religião, funcionaram, de algum modo, como contenção do gozo de Mateus.

⁵⁸ Trata-se de nome fictício, para preservar a identidade do paciente.

Abordo Mateus, e ele se mostra receptivo ao atendimento. Pergunto se ele sabe por que está contido⁵⁹, e ele responde: “Sou acusado de ter matado João”. Diz não ser responsável por esse assassinato, que João deve ter morrido de doença do coração, pois ele já era velho. Apesar de negar o crime, faz questão de falar sobre sua missão. Ele é o SUBCOMANDEBE, que significa o *anjo guerreiro*. Sua missão é limpar o mundo das almas más. Diz já ter matado muitas pessoas, mas que ainda faltam algumas almas. Conta que desde a infância os anjos falam com ele. Fala sobre o uso de *crack* e afirma que o mundo precisa disso: “Quando eu fumo, os aleijados ganham pernas, os famintos recebem comida. É maravilhoso!” Quando vai ser transferido para a Unidade Clínica de Cuidados Intensivos (UCCI), por causa dos devidos cuidados que a situação exigia, pede para que eu continue a atendê-lo. Fica combinado que o atenderei regularmente.

Num dos primeiros atendimentos, ele fala do pai: um pastor muito rígido que o mandava ouvir a voz de Deus. Diz que, apesar de ter aprendido a trabalhar com o pai, nunca conseguiu um contato mais afetivo com ele. Conta que o pai faleceu em 2000 de problema do coração e que ele era raspador de chão de madeira, profissão que Mateus também exerceu num certo período. Segundo ele, a mãe morreu há um ano e poucos meses de infarto fulminante. A questão da morte da mãe será esclarecida após entrevista com sua irmã.

Mateus fala sobre um “calabouço do demônio”, local em que as vítimas são cortadas por lanças de fogo, que não cortam de verdade, mas fazem sofrer. Conta que os demônios se alimentam do sexo das vítimas. Em seguida, enfatiza: “É do sexo, e não dos genitais”. As vítimas se alimentam das fezes dos cachorros. Mesmo sabendo que as vítimas não são pessoas boas, ele não concorda com o calabouço e precisa destruí-lo.

Retoma o tema da sua missão: limpar o mundo das almas más. Para fazer isso, recebe muito dinheiro e vários carros. São os anjos que comandam sua ação: escolhem as vítimas,

⁵⁹ Além da contenção química, Mateus ficou amarrado, até que o hospital se organizasse para atendê-lo. Após um tempo, a contenção mecânica foi mantida apenas à noite e, atualmente, não se mostra mais necessária.

fornece as armas, e depois vem a recompensa. Deus é mafioso, e ele faz parte dessa máfia. Um anjo lhe mostrou que se ele conquistar as 120 almas apaixonadas por Lúcifer reinará no céu. Deve machucar os maus, pois estes machucam os bons, por meio da espada de fogo.

Queixa-se do excesso de medicação e de sua dificuldade de jejuar, o que o deixa muito apreensivo, pois o jejum é necessário para a “mortificação da carne.”⁶⁰ Afirma que são as vozes de Deus que o mandam matar e que os remédios fazem com que as vozes desapareçam, o que não é bom para ele, que deve continuar a “boa obra”: matar os espíritos ruins, para ganhar muito dinheiro dos anjos e distribuir para as pessoas boas. Feito isso, fundará o *Novo Rio de Janeiro* e lá reinará. Quando questionado se seria a voz de Deus que o manda matar, ele diz ter certeza, pois “a ovelha conhece o seu pastor”. Tento colocar uma certa dúvida sobre o seu modo de fazer o bem, e ele diz: “Quando vem a *força da morte*, ninguém segura. É um frio, um calafrio. Nenhum homem controla. Você acorda e está todo mundo morto”.

Quando lhe é solicitado um exame de sangue, Mateus fica muito preocupado. Diz ter feito o exame para agradar a equipe, e com isso acabou desobedecendo a voz que o havia alertado contra a coleta de sangue. Fala do seu grande impasse: obedecer às vozes ou agradar os profissionais. Teme que a equipe vá para o “lago de fogo” por causa de sua desobediência.

Diz ser filmado constantemente por radares da máfia. Não pode nem se masturbar, pois eles veriam. Conta que no Natal de 2002 não pôde se reunir com a família porque a voz de Deus o mandou ficar e jejuar. A masturbação também era proibida. Encontrou um cachorro na rua e o acolheu. Tal cachorro o ajudou a não se masturbar, pois ele jamais se masturbaria na frente de um cachorro.

Traz uma cena em que escorregou na lama, e os vizinhos o chamaram de *gayzinho*. Mostra-se extremamente incomodado com tal nomeação e diz que essas pessoas são seus

⁶⁰ Estaria aí, nessa mortificação da carne, uma tentativa de esvaziamento do gozo?

perseguidores: “Eles me perseguem, me chamam de *gayzinho*. Como pode um *matador gay*? Metralhei todos eles”.

Diz ter um corpo glorioso, com unhas de diamante e um corpo de morte, que é feio e dói. Foi ele quem destruiu as Torres Gêmeas, pois iriam colocar uma camisinha lá e Deus cairia em cima com seu ânus. Deus sofreria muito e todo esse sofrimento seria sentido por ele.

Nasceu para ser *A Besta*, mas não aceitou isso e mudou seu destino. Para tal, fazia tudo ao contrário do que a voz do Diabo mandava. Hoje, só escuta a voz de Deus, mas deve ser obediente no cumprimento dessas ordens, pois o castigo de Deus é muito severo: caso ele falhe em sua missão, será *A mulher de Lúcifer*.

Num outro momento, conta que morava no céu e que após o massacre de Jesus Deus o enviou a Terra, num Opala preto, para que pudesse vingar a morte de Jesus. Diz que a única diferença entre ele e Jesus é que ele mata. Existem quatro capangas que também estão nessa missão. Ele é superior aos capangas e tem a função de protegê-los. Um desses capangas é uma mulher, Cristiane Altíssimo, personagem muito importante na sua construção. Conta que Cristiane estudou com ele até a sexta série, época em que perdeu o ano e ela passou. Tem 42 mulheres: 40 louras e 2 morenas. Dentre elas, Cristiane é sua preferida. Depois de alguns atendimentos, diz estar muito preocupado com ela, pois o dragão assassino, que ficava com ele, agora está ao lado dela. Demanda alta, alegando que essa é a única chance de rever a Cristiane e que se não conseguir será castigado.

É o homem mais velho do mundo. Antes de nascer, apareceu para os seus pais em forma de espírito, para avisá-los de que eles teriam um filho varão que carregaria um cedro de ouro e teria uma missão especial. Tem que cumprir a sua missão para que tudo se transforme em prazer e que no céu seja possível ter 400 ejaculações por minuto.⁶¹

⁶¹ Ora, esse intenso prazer sexual, que Mateus busca tornar possível no céu, remete ao *estado constante de prazer* que Deus exige de Schreber. Se, de acordo com a *Ordem das Coisas*, é dever de Schreber fornecer a maior geração possível de voluptuosidade, ele não recua diante dessa obrigação, mas, ao mesmo tempo, é capaz de retirar daí um pouco de prazer *sensual*, tal como ele indica em suas memórias: “[...] Deus exige um estado

Mateus é comunicado sobre a conclusão da investigação policial: ele foi considerado culpado pela morte de João. Ele demonstra certo incômodo com a notícia, alegando que eles estão acusando um inocente. E, rapidamente, muda de assunto. Começa a falar dos carros que vai ganhar após realizar alguns crimes, que já haviam sido ordenados há algum tempo. Um dos carros, que ele aguarda com muita expectativa, tem 42 lugares. Diz que precisa salvar a alma do filho e que para isso vai ter que matar duas pessoas: “Eu tiro a ovelha da boca do lobo”. Volto à questão da investigação e digo que tal ato pode lhe trazer mais problemas. Isso não o preocupa, pois seus crimes não deixam corpos. Quando mata, suas vítimas caem no lago de fogo e desaparecem, de forma que não há corpo. E continua: “Sabe para que servem os corpos? Para os leões comerem”.

Após alguns dias, Mateus se mostra mais deprimido e calado. Começa a esboçar um medo de ser preso e pergunta se poderia continuar no hospital. Assume ter matado João e acredita ter feito a coisa certa, pois é *obediente*. Vangloria-se dos seus crimes perfeitos, que não deixam corpos. Pontua que no caso de João o corpo não desapareceu. Nesse momento, ele começa a pensar sobre as conseqüências que seu ato poderia acarretar. Revela uma pequena dúvida e questiona se fez a coisa certa. Diz que o jeito é mudar de casca, dormir e acordar num outro corpo, um corpo mais bonito, que agrada suas mulheres. Apesar de sua fala sinalizar um grande risco de auto-extermínio, a equipe apostou que essa reação depressiva poderia ter um efeito positivo em seu tratamento. Pois, se, de um lado, ele reafirma que não vai deixar de obedecer às vozes, de outro lado, já percebe a repercussão que isso tem para ele. A dúvida de Mateus permite à equipe que o assiste vislumbrar um prognóstico mais interessante para ele.

constante de prazer, tal como estaria de acordo com as condições de existência impostas às almas pela Ordem das Coisas; e é meu dever fornecer-lhe isso sob a forma da maior geração possível de voluptuosidade espiritual. E se, nesse processo, um pouco de prazer sensual cabe a mim, sinto-me justificado em aceitá-lo como diminuta compensação pela excessiva quantidade de sofrimento e privação que foi minha por tantos anos passados” (FREUD, 1911/1996: 43).

A incidência da lei sobre Mateus, que parecia produzir algum efeito, começa a esvaziar. Parece que a não responsabilização pelo assassinato da mãe se reflete nesse último ato. Desde a conclusão do laudo policial até hoje, muitos dias se passaram, e o processo ainda não foi instaurado, o que levou Mateus à seguinte conclusão: “Se a polícia não veio me buscar até hoje é porque ela está do meu lado. Eles também são mafiosos e estão me dando um tempo”. Insiste que precisa continuar sua missão e que só está aguardando a próxima ordem: “Sou *obediente*.⁶² Não tenho vontade. Faço aquilo que as vozes mandam”.

Um melhor entendimento do caso é possível após entrevista com a irmã. Ela conta que Mateus tem um irmão mais velho, que é usuário de drogas e está preso por furto. A irmã é casada e tem dois filhos. Mateus é o caçula. O pai trabalhava com obras e levantava muito cedo. A mãe levantava junto com o marido, fazia o café e o almoço dele e depois ia se deitar, não se preocupando se os filhos teriam ou não uma refeição. Além de trabalhar com construção, o pai era um pastor evangélico. Ele chegava à noite e fazia com que todos corresse para assistir ao culto que ministrava. Organizava também idas a um monte próximo à casa deles, quando levava todos os filhos, não importando a idade. Nesse local, várias pessoas “recebiam o demônio” enquanto esperavam o nascer do sol.

A falta de regra imperava na casa. Muitas vezes, os filhos chegavam e encontravam a casa aberta, com a mãe dormindo. Muitas pessoas da comunidade freqüentavam a residência, e geralmente algum objeto era roubado. Conta que a mãe sempre acobertou todas as infrações cometidas pelo filho. Inclusive, em certo momento Mateus se refere à mãe como sua cúmplice. Inicialmente, ele roubava material escolar, depois passou a assaltar as Lojas Americanas para roubar LEGO. O namoro de Mateus foi duramente repreendido pelo pai, mas a mãe deixava a porta de casa aberta para que os namorados pudessem dormir juntos.

⁶²Em relação à obediência, Lacan afirma: “É no nível em que o significante acarreta a significação, e não no nível sensorial do fenômeno, que o ouvir e o falar são como o direito e o avesso. Escutar as palavras, acomodar o seu ouvir a elas, é já ser mais ou menos obediente a elas. Obedecer não é outra coisa, é ir ao encontro, numa audição” (LACAN, 1956/2002: 159).

Quando Mateus se tranca em um barracão e fica em jejum por três dias, é o irmão mais velho quem intervém, pois a mãe solicita que deixem o filho. De acordo com a irmã, a primeira crise de Mateus ocorreu na época em que o pai morreu. Nesse mesmo momento, nasce seu filho e sua namorada termina o relacionamento.

Após ser jurado de morte no bairro em que residia, Mateus foi morar com a irmã e a família dela. Ficou um tempo tranqüilo, até chegar o mês de seu aniversário. A irmã conta que todo Natal e aniversário ele piora. Começou a roubar as coisas de sua casa e acabou voltando para seu antigo bairro. A mãe o seguiu, com medo de que matassem o seu filho. Às sete horas da manhã do dia seguinte, uma vizinha da mãe liga para a irmã de Mateus e avisa-a que a mãe deles estava passando muito mal. A irmã vai à casa da mãe e encontra a rua cheia de gente, além de uma viatura. Ao entrar em casa, depara-se com a mãe deitada no chão, sobre um cobertor, coberta com um lençol, com uma santa quebrada na mão e sangue no travesseiro. Um vizinho acha uma toalha molhada, suja de sangue, em seu quintal. A irmã reconhece como pertencente à mãe. Mateus explica que ela teve uma dor e cuspiu sangue na toalha. Uma vizinha conta que, depois de ver Mateus bastante drogado, levando um botijão de gás para vender, foi à casa deles para avisar sua mãe. A vizinha encontra Mateus na porta e diz que precisa conversar com a mãe dele. Inicialmente, Mateus afirma que ela está com dor de dente, depois alega doença e, finalmente, reconhece seu falecimento. O laudo do IML foi de “causa indeterminada”. O caso foi arquivado. Essa foi a única vez que Mateus pediu para ser internado.

2.1.1 Alguns apontamentos acerca do caso clínico

Trata-se de um caso extremamente difícil e que abre discussões em âmbitos diversos. Se, de um lado, Mateus insiste pela via da construção delirante — é o SUBCOMANDEBE, que significa o *anjo guerreiro*, cuja missão é limpar o mundo das almas más, para que no céu

tudo se transforme em prazer, tal como 400 ejaculações por minuto —, de outro lado, a passagem ao ato é uma variável clínica constante. Não se pode esquecer também da toxicomania: um recurso utilizado por Mateus em sua tentativa de tratamento do gozo.

Detém-se aqui na construção delirante de Mateus, com o intuito de localizar algumas questões que serão norteadoras do trabalho, tais como: pode-se pensar em metáfora delirante no caso Mateus? Quais são os elementos presentes na construção delirante de Schreber que lhe conferem o estatuto de metáfora delirante? É possível observar esses elementos na construção delirante de Mateus? Afinal, o que é uma metáfora delirante? Pode-se, a partir deste caso, atestar a insuficiência clínica desse recurso? Qual é a deficiência do conceito de metáfora delirante? De que forma pensar o caso Mateus a partir da teoria da metáfora poderia ajudar na condução do caso?

Ora, o que este caso aponta é a dificuldade em situar a metáfora delirante no seu estatuto de tratamento da psicose, já que, muitas vezes, a construção delirante demonstra ser uma saída bem perigosa. A metáfora delirante, além de ser um recurso sofisticado⁶³ e que não está à disposição de qualquer sujeito, traz também outros limites. Tal limitação aparece de forma muito clara no caso clínico escolhido. Pois, se Mateus constrói o seu delírio em torno de uma missão e isso lhe confere o direito de matar, esbarra-se aí num ponto delicado e de difícil manejo clínico. Essa construção é fruto de um longo trabalho do sujeito, e por isso não pode ser desprezada, já que é por essa via que esse sujeito tenta se arranjar. Mas, ao mesmo tempo, é justamente essa construção que o deixa exposto a passagens ao ato, atestando, assim, a sua insuficiência clínica.⁶⁴

⁶³ Dizer que a metáfora delirante é um recurso sofisticado parece extremamente coerente, seja devido à sua raridade na clínica, seja devido à engenhosidade que requer. Além disso, não se pode esquecer de que Freud se refere a Schreber como um “talentoso paranóico”. A esse respeito, ver: FREUD, “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”, p. 87.

⁶⁴ É certo que a passagem ao ato é também uma solução e que, portanto, não pode ser vista apenas em sua vertente de problema. Mas, se a passagem ao ato é uma das saídas possíveis da psicose, certamente não é a solução almejada pelo analista.

Dessa forma, o caso clínico lança questões acerca do paradigma da metáfora delirante. Para tratá-las, será tecido um percurso teórico orientado pelas construções de Freud e Lacan acerca da psicose e sua relação com o delírio. Certamente, a investigação conceitual da metáfora, realizada no primeiro capítulo, somada com uma investigação acerca do delírio, ajudará a localizar os elementos que conferem a uma construção delirante o estatuto de metáfora e, assim, orientar esta investigação.

2.2 As contribuições de Freud à clínica das psicoses

Desde 1895, numa fase precoce de suas pesquisas em psicopatologia, Freud já sinalizava sua preocupação em investigar a paranóia. Em carta enviada a Fliess, o “Rascunho H” (1895), ele define essa modalidade clínica como uma neurose de defesa⁶⁵ e situa a projeção como sendo o seu principal mecanismo. Poucos anos depois, na “Carta 125” (1899), sugere um retorno a um auto-erotismo primitivo, hipótese que será retificada e desenvolvida num momento posterior, em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914). Esse trabalho, cuja importância é inegável, possibilitou o desenvolvimento de formulações fundamentais para a psicanálise, tal como a formalização do estágio do espelho, por Lacan. É por isso que Lacan critica os pós-freudianos, alegando que eles foram incapazes de retirar desse texto o que ele tinha de mais precioso: a idéia de que o *eu* não existe desde o começo.

⁶⁵ Em seu seminário de 25 de janeiro de 1956, Lacan alerta: “É exato que a noção de defesa desempenha um papel muito precoce, e que desde 1894-1895 Freud propõe a noção de neuropsicose de defesa. Mas ele emprega esse termo com um sentido absolutamente preciso. [...] A primeira vez em que aparece a noção de defesa, estamos no registro da rememoração e de seus distúrbios. [...] é explorando os distúrbios da rememoração, querendo restituir o vazio que a história do sujeito apresenta, procurando passo a passo o que se tornaram o acontecimento de sua vida, que constatamos que eles vão se aninhar ali onde não se esperava. [...] percebe-se que não é possível tratar simplesmente de reencontrar a localização mnésica, cronológica dos acontecimentos, de restituir a parte do tempo perdido, mas que também a coisas que se passam no plano tópico. A distinção de registros completamente diferentes na regressão está aí implícita. [...] E é então que se faz a descoberta do narcisismo. Freud percebe que há modificações na estrutura imaginária do mundo, e que elas interferem com modificação na estrutura simbólica – é preciso de fato chamá-lo assim, já que a rememoração está forçosamente na ordem simbólica” (LACAN, 1956/2002: 123-124).

Em 1911, com sua análise das memórias de Schreber, Freud formula o essencial de sua teoria da psicose. Retoma a tese do mecanismo de projeção⁶⁶, já abordada anteriormente, e acrescenta um outro ponto: a vinculação entre esse tipo clínico e o homossexualismo. A formação delirante, que a psiquiatria presumia ser o produto patológico, aparece aqui como uma tentativa de cura. É importante ressaltar que sua produção sobre a questão das psicoses não se inicia e tampouco termina com esse texto. Em dois artigos, intitulados “Neurose e Psicose” (1924) e “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924), Freud pensa a questão das psicoses a partir das seguintes instâncias psíquicas, o Eu, o Isso e o Supereu, e o conflito delas com a realidade.

Mas, sem dúvida, foi a análise freudiana do texto de Schreber que incitou diversos analistas a uma investigação clínica das psicoses. Nesse sentido, é fundamental saber em que medida esse caso é paradigmático para a psicose. Para isso, serão abordadas algumas noções introduzidas por Freud em sua análise do texto de Schreber. Uma delas consiste em afirmar: “A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução” (FREUD, 1911/1996: 78). Essa tese também aparece no seu artigo de 1914, sob o viés de um processo secundário, decorrente de uma regressão narcísica.⁶⁷ Daí a importância de uma análise sobre a teoria freudiana do narcisismo, para que se possa investigar o processo que antecede a construção delirante.

Outro ponto importante levantado por Freud, mas que merece algumas críticas é a hipótese de o delírio paranóico funcionar como uma defesa contra a pulsão homossexual. Daí a dedução gramatical das diferentes formas do delírio paranóico. Apesar dos limites que apresenta, essa análise foi fundamental para a formulação ulterior de Lacan do *empuxo-à-*

⁶⁶ Apesar de Freud manter sua tese acerca do mecanismo de projeção, em sua análise do texto de Schreber ele acaba por reconhecer o embaraço que tal conceito produz quando se pretende abordar a paranóia.

⁶⁷ FREUD, “Sobre o narcisismo: uma introdução”, p. 82.

mulher.⁶⁸ Talvez o *empuxo-à-mulher* seja o que restou da metáfora delirante para Lacan.⁶⁹ Pois, se se concebe o delírio como uma solução assintótica⁷⁰, vê-se que a idéia de *empuxo-à*, ou seja, de *empurrar-à* também se fia na concepção de infinito.

2.2.1 O delírio paranóico como defesa contra a homossexualidade

Após analisar as memórias de Schreber, Freud explicita sua tese de que a fantasia de desejo homossexual constitui o centro do conflito na paranóia. Tal hipótese é defendida por ele a partir da dedução gramatical da origem das principais formas do delírio paranóico, que se constituiriam, sem exceção, como uma defesa contra as pulsões homossexuais, por meio da negação da seguinte proposição: *eu (um homem) o amo*.

Segundo Freud, a negação pode se referir ao verbo, de modo que a proposição passe pela seguinte transformação: *Eu não o amo. Eu o odeio*. No entanto, essa afirmação, por ser inaceitável pela consciência, necessita ser substituída por uma percepção vinda do exterior. Opera-se, então, um mecanismo de projeção que intervém por meio de uma operação que transforma o *Eu o odeio* em *Ele me odeia* e, portanto, me persegue. Segundo Freud, estaria aí a lógica do delírio de perseguição.

Outra maneira também possível de negar tal proposição é por meio da mudança do objeto. Assim, o *Eu o amo* se transforma em *Eu a amo*. Aqui, o mecanismo de projeção

⁶⁸ O *empuxo-à-mulher* é uma expressão forjada por Lacan, em 1972, quando comenta as fórmulas da sexuação. Trata-se de uma noção construída a partir das elaborações sobre o caso Schreber e que se refere à orientação feminina do gozo na psicose. Pois, se há forclusão da significação fálica, como o caso Schreber permite vislumbrar, depara-se com uma significação feminina dominante. Nesse sentido, se o sujeito não se inscreve na função fálica, por meio da lei comum da castração, prevalece um gozo, cuja significação feminina exige uma perpétua construção delirante que seja capaz de alojar o sujeito. Sob essa perspectiva, pode-se pensar a metáfora delirante como um tratamento dado pelo sujeito ao *empuxo-à-mulher*.

⁶⁹ Conceber o *empuxo-à-mulher* como o resto da metáfora delirante não implica equiparar as duas noções, como se uma tivesse substituído a outra. Mas, certamente, as duas formulações, apesar de terem sido elaboradas em períodos diferentes, foram extraídas do mesmo ponto: a feminização de Schreber. Se a metáfora delirante vai, aos poucos, sendo deixada de lado no ensino de Lacan, o *empuxo-à-mulher* torna-se uma noção de grande aplicação e de um alcance clínico inquestionável.

⁷⁰ O termo *assintótico*, que Lacan retoma de Freud, é também uma leitura do “pousse à” da expressão “pousse-à-la-femme”. A concepção do delírio como uma solução assintótica será investigada no item 2.4.

também intervém, e uma percepção externa se impõe: *Ela me ama*. Segundo Freud, é dessa operação que se deve extrair a origem do delírio erotomaníaco.

Há também o delírio de ciúme. Nesse caso, o sujeito da frase é negado, e por isso o mecanismo de projeção não se faz necessário. A origem dessa modalidade de delírio estaria na seguinte transformação: *Não sou eu que o amo; É ela que o ama*.

Outra maneira de contradizer a proposição inicial é por meio de uma rejeição total da frase, que se opera globalmente, não precisando incidir sobre os elementos. Surge, assim, o *Eu não amo ninguém*, que acaba por equivaler a *Eu só amo a mim*. E seria nessa supervalorização do *eu* que se encontraria a base do delírio de grandeza.

Apesar de uma temática aparentemente homossexual ser freqüente na fala dos psicóticos, essa tese freudiana merece algumas críticas.⁷¹ Certamente, tal dado clínico o levou a construir sua hipótese acerca da origem desses quatro tipos de delírio paranóico. No entanto, a clínica das psicoses, freqüentemente, revela outros tipos de delírio que não podem ser deduzidos gramaticalmente, como ele o fez com esses quatro tipos, tais como os delírios místicos, de filiação, de invenção, etc. Mas, apesar dos limites dessa abordagem, Freud não recuou diante de sua teoria da paranóia, a ponto de reafirmá-la, em sua “Comunicação sobre um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica” (1915). Nesse trabalho, Freud traz um fragmento clínico que, à primeira vista, parece contrariar sua teoria da paranóia, já que neste caso o perseguidor seria do sexo oposto. No entanto, sua análise acaba por confirmar a mesma tese ao concluir que o verdadeiro perseguidor é do mesmo sexo.

Lacan não se contentou com a tese freudiana da paranóia. Ele extraiu da homossexualidade delirante outras conseqüências clínicas, que apontam muito mais para um transsexualismo do que para uma homossexualidade propriamente dita. Portanto, foi sob o viés de um transsexualismo ancorado na forclusão do Nome-do-Pai que Lacan teceu suas

⁷¹ Cabe salientar que a simbolização sexual é decorrente do Édipo e da castração e que se eles falham isso não é sem conseqüências sobre o sexual.

considerações sobre Schreber em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958). Muitos anos depois, em “O Aturdido” (1972), deduz o efeito de *empuxo-à-mulher* suscitado pela forclusão do Nome-do-Pai.

2.2.2 O mecanismo de projeção inerente ao delírio

Como se viu no item anterior, a maioria dos exemplos propostos por Freud de negação da pulsão homossexual exige ainda outro mecanismo: a projeção. Assim, além da negação, torna-se necessário expulsar da consciência os pensamentos inaceitáveis, por meio de um mecanismo que consiste em rejeitar, em lançar para fora, aquilo que não pode ser reconhecido como pertencente a si mesmo. Ou seja, num primeiro tempo aquilo que é insuportável é reprimido e transformado em seu contrário e, num segundo tempo, é evacuado para o mundo exterior, de forma que aquilo que é desconhecido pelo sujeito retornará na realidade de maneira deformada.

No entanto, o conceito freudiano de projeção apresenta uma série de problemas, pois trata-se de um mecanismo difícil de ser especificado e presente em diversas patologias. Mas Freud não ignora tal dificuldade. Em seu comentário sobre Schreber, aponta para a insuficiência de tal mecanismo para tratar a especificidade da paranóia. Nesse sentido, a projeção não seria a via de análise mais indicada para a paranóia.

Em primeiro lugar, a projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas de paranóia; e, em segundo, ela faz seu aparecimento não apenas na paranóia, mas também sob outras condições psicológicas, e de fato é-lhe concedida participação regular em nossa atitude para com o mundo externo (FREUD, 1911/1996: 74).

Mas, esse conceito — em torno do qual Freud aponta para as dificuldades e adia sua discussão para um outro momento — acaba sendo retificado por Freud ainda em suas elaborações sobre Schreber. Ao retificar o conceito de projeção, Freud traz à tona um aspecto fundamental da psicose, que, certamente, foi decisivo para a elaboração posterior de Lacan

sobre o conceito de forclusão do Nome-do-Pai. Freud afirma: “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (FREUD, 1911/1996: 78).

2.2.3 A teoria do narcisismo em Freud e sua relação com o delírio

Logo no início de seu artigo sobre o narcisismo, Freud sustenta que o motivo que o levou a ocupar-se de um narcisismo primário surgiu a partir do momento em que tentou incluir as psicoses em sua teoria da libido. Apesar de desacreditar nos efeitos possíveis da psicanálise em relação aos parafrênicos⁷², considerou importante precisar o mecanismo que levaria tal tipo clínico a um afastamento do mundo externo e viu na análise das parafrenias o principal meio de acesso a suas investigações sobre o narcisismo.

Segundo Freud, o afastamento da realidade não é exclusivo das psicoses. Trata-se de um mecanismo também presente na histeria e na neurose obsessiva, mas que difere do mecanismo operado nas psicoses pelo seguinte aspecto: tanto na histeria quanto na neurose obsessiva, a libido retirada do mundo externo é substituída pela fantasia.

Com o parafrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta aos objetos (FREUD, 1914/1996: 82).

Mas, se na psicose o mecanismo de substituição pela fantasia não opera, o que acontece, então, com a libido que foi afastada dos objetos externos? Freud trata essa questão a partir da megalomania, que seria o resultado dessa retirada das catexias objetivas. Assim, a libido afastada dos objetos é dirigida para o *eu*, dando margem ao que ele denomina

⁷² Freud opta por chamar de “parafrenia” aquilo que Kraepelin chamou de “demência precoce” e Bleuler, de “esquizofrenia”. Parece ser um termo mais apropriado, já que ele se refere aqui a sujeitos que encontram uma saída por meio de uma sistematização do delírio. No entanto, Freud não mantém essa distinção durante todo o trabalho, de forma que os termos *paranóia* e *esquizofrenia* também aparecem sem uma preocupação em distingui-los.

“narcisismo”. No entanto, o que Freud constata é que a megalomania não constitui em si uma novidade. Trata-se de uma manifestação mais clara de uma condição que já existiu num momento prévio. Disso Freud extrai a seguinte consequência: a construção delirante, como uma tentativa de restabelecimento, é um processo secundário, que se sobrepõe a um narcisismo primário.

Mas pressupor um narcisismo primário colocou Freud diante de outra questão: Qual a relação entre o auto-erotismo, que ele descreveu como um estado inicial da libido, e o narcisismo primário? Trata-se de uma questão fundamental, que conduziu Freud ao cerne de toda uma problemática relativa à constituição do *eu*. Falar em constituição do *eu* implica dizer que o *eu* não existe desde o começo e que, portanto, precisa ser desenvolvido. Ou seja,

[...] uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914/ 1996: 84).

Segundo Lacan, esse é o elemento mais precioso desse texto, e é daí que se deve extrair uma série de consequências. Se os pós-freudianos não perceberam o alcance de tal constatação⁷³, Lacan, ao contrário, serviu-se muito bem dessa hipótese e soube retirar daí as bases para sua formulação do estágio do espelho.

Freud descreve o aparelho mental como “um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos”. (FREUD, 1914/1996: 92). Sua hipótese é de que a elaboração mental auxilia no escoamento dessas excitações, que, por serem incapazes de uma descarga direta, necessitam de um processo de elaboração, que pode ser efetuado tanto a partir de objetos reais quanto de objetos imaginários. Se na neurose a libido liberada pela frustração recebe seu tratamento por meio da fantasia, de modo a não se retirar para o *eu*, já que se liga a objetos na fantasia, nas

⁷³ Lacan tece duras críticas aos pós-freudianos, por deixarem escapar algo tão importante do texto de Freud. A esse respeito, ver: LACAN, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, p: 548-549.

parafrenias esse tratamento é dado pela megalomania. A megalomania seria, então, o correspondente da fantasia, de forma a possibilitar o domínio psíquico da libido que não pôde ser descarregada. Portanto, se “a megalomania permite uma semelhante elaboração interna da libido que voltou ao eu, talvez apenas quando a megalomania falhe, o represamento da libido no eu se torne patogênico e inicie o processo de recuperação que nos dá a impressão de ser uma doença” (FREUD, 1914/1996: 93).

Mas se a construção delirante é um processo secundário, o cerne da questão está justamente na retirada da libido dos objetos externos. Mas o que isso quer dizer? “Em que plano essa retirada se exerce?” (LACAN, 1956/2002: 107). Trata-se de um dos pontos que Lacan se propõe a elaborar, a partir de sua análise do delírio de Schreber.

[...] o estudo do delírio de Schreber tem o interesse eminente de nos permitir discernir de maneira desenvolvida a dialética imaginária. Se ele se distingue manifestamente de tudo o que podemos pressupor de uma relação instintiva, natural, é em virtude de uma estrutura genérica que marcamos na origem, e que é a do estágio do espelho. Essa estrutura faz antecipadamente do mundo imaginário do homem, alguma coisa de decomposto. Nós o encontramos aqui em seu estado desenvolvido, e é um dos interesses da análise do delírio como tal” (LACAN, 1956/2002: 105).

2.3 O narcisismo em Lacan e sua articulação com o delírio

Lacan concebe o narcisismo como uma relação imaginária da qual decorre uma apreensão do outro pela imagem. Trata-se de um *eu* que se instaura a partir de uma relação fundada na agressividade, numa relação em que se busca dominar o outro. É nesse *ou ele ou eu* que o sujeito assume uma imagem e constitui um *eu*. O estágio do espelho, tal como ele o formula, coloca em evidência essa relação de agressividade que está por trás da constituição do *eu*. Nessa perspectiva, “o eu é desde já por si mesmo um outro” (LACAN, 1956/2002: 110) instaurado numa dualidade interna ao sujeito. É por isso que Lacan aponta para o fato de toda relação com o outro manter algo dessa relação de exclusão, já que é assim que o sujeito se constitui no plano imaginário, de modo que “o outro está sempre prestes a retomar seu

lugar de domínio em relação a ele” (LACAN, 1956/2002: 111). Por aí já é possível perceber a instabilidade fundamental de uma relação puramente imaginária com o outro.

Lacan confere à imagem especular uma funcionalidade essencial ao homem, “na medida em que lhe dá o complemento ortopédico dessa insuficiência nativa, desse desconcerto, ou desacordo constitutivo, ligado à sua prematuração no nascimento” (LACAN, 1956/2002: 113). No entanto, sua unificação, que se dá por uma via alienante, ou seja, por meio de uma imagem estranha, jamais será completa. Assim, toda espécie de funcionamento imaginário está sempre ligada a uma tensão agressiva entre o *eu* e o *outro*.

Levando em conta a ambigüidade da relação imaginária, Lacan aponta para a exigência de algo que possibilite a manutenção de uma relação, de uma distância, para que não haja colisão entre o *eu* e o *outro*. Trata-se da ordem simbólica, cuja função de articulação impede a dissolução do imaginário. E, como se viu no primeiro capítulo, a ordem simbólica é fundada por meio da metáfora paterna. Assim, a operação efetuada pela metáfora paterna permite um certo enquadramento do imaginário, de modo a tornar possível a estabilização da imagem. Mas se na psicose a metáfora paterna não opera, o que impede a dissolução do imaginário? Até que ponto a construção delirante consegue sustentar essa distância necessária entre o *eu* e o *outro*? Seria essa a função do delírio?

Com isso, vocês aprenderam como podemos conceber o efeito de total estranheza do real que se produz nos momentos de ruptura desse diálogo do delírio que é o único pelo qual o psicótico pode sustentar em si o que chamaremos de uma certa intransitividade do sujeito. (...) Com certeza, é essa a dificuldade para o psicótico, precisamente em razão da redução da duplicidade do Outro com maiúscula e do outro com minúscula, do Outro como sede da fala e garantia da verdade, e do outro dual, que é aquele diante de quem o sujeito se encontra como sendo sua própria imagem. O desaparecimento dessa dualidade é justamente o que causa ao psicótico tantas dificuldades de se manter num real humano, isto é, num real simbólico (LACAN, 1957/1999: 14-15).

O delírio de Schreber revela uma verdadeira invasão imaginária, que acaba por levar à dissolução tanto do outro enquanto identidade como de si próprio, pois a dissolução do

imaginário⁷⁴ é a dissolução do *eu*. É certo que quando escreveu suas memórias, Schreber não se encontrava mais nesse estágio, em que a aniquilação de tudo poderia ocorrer a qualquer instante. Mas ele dá o testemunho de uma experiência de despedaçamento, de fragmentação, que é central na relação especular. Ora, se se detém por um instante nas personagens do seu delírio, vê-se que elas se dividem em duas categorias, que “são, apesar de tudo, um mesmo lado de uma certa fronteira” (LACAN, 1956/2002: 115). Se há os *homens feitos às três pancadas*, que apenas vivem em aparência, e que são *feitos às pressas*, tais como guardas, enfermeiros, há também as almas que invadem o seu corpo. Há um Flechsig superior e um Flechsig inferior, e até Deus é dividido em camadas. “O próprio sujeito é apenas um exemplo segundo de sua própria identidade” (LACAN, 1956/2002: 115), já que Schreber soube da própria morte pelos jornais.

Ele é um outro. Mas é ainda assim o mesmo, que se lembra do outro. Essa fragmentação da identidade marca com seu próprio selo toda a relação de Schreber com os seus semelhantes no plano imaginário. [...] Há literalmente uma fragmentação da identidade, e o sujeito fica sem dúvida chocado com esse dano causado à identidade de si mesmo (LACAN, 1956/2002: 116).

Assim, a análise do discurso⁷⁵ delirante permitiu a Lacan extrair uma série de conseqüências; entre elas, uma noção fundamental: a de que o outro é estruturalmente desdobrável. Isso implica dizer que a identidade imaginária pode se dissolver a qualquer instante. É por isso que Lacan confere ao simbólico uma função de extrema importância: a de garantir a estabilização da imagem. Ou seja, é a articulação simbólica que possibilita a manutenção do imaginário. Em relação a isso, Lacan argumenta:

É sugestivo ver que, para que tudo não se reduza de repente a nada, para que toda a tela da relação imaginária não torne a enrolar-se a um só tempo, e não desapareça num preto hiante, do qual Schreber não estava tão longe do início, é preciso aí essa rede de natureza simbólica, que conserva uma certa estabilidade da imagem nas relações inter-humanas (LACAN, 1956/2002: 117).

⁷⁴ A dissolução do imaginário está estritamente ligada à ruptura da identificação, seja ela qual for, pela qual o sujeito assumiu o desejo da mãe.

⁷⁵ Não se trata aqui da teoria dos discursos formalizada posteriormente por Lacan.

Chega-se agora a um ponto extremamente importante para esta investigação. Se a estabilização da relação imaginária depende de uma articulação simbólica, isso implica dizer que o fenômeno psicótico deve ser procurado nos distúrbios da linguagem. Trata-se, então, de uma falha no simbólico, da qual decorre uma série de fenômenos, que são analisados por Lacan enquanto fenômenos de linguagem. Abre-se, assim, “uma dimensão nova na fenomenologia das psicoses” (LACAN, 1956/2002: 120). Portanto, “tudo que o lingüista pode imaginar como decomposições da função da linguagem se acha no que Schreber experimenta” (LACAN, 1956/2002: 118).

Há aqui, na relação do sujeito com a linguagem como no mundo imaginário, um perigo, perpetuamente sabido, de que toda essa fantasmagoria se reduza a uma unidade que aniquila, não sua existência, mas a de Deus, que é essencialmente linguagem. Schreber escreve isso formalmente – os raios devem falar. É preciso que a cada instante se produzam fenômenos de diversão para que Deus não se reabsorva na existência central do sujeito (LACAN, 1956/2002: 119).

É importante lembrar que em “O seminário, livro 3: as psicoses” (1955-1956) Lacan ainda não havia definido a metáfora delirante, de modo que a ênfase é dada no “mecanismo essencial da redução do Outro, do grande Outro, do Outro como sede da fala, ao outro imaginário. É uma suplência do simbólico pelo imaginário⁷⁶” (LACAN, 1957/1999: 14). Portanto, rigorosamente, só se pode falar em tratamento da psicose pelo simbólico, algum tempo depois, com “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958). Nesse trabalho Lacan define a metáfora delirante e deduz o seu efeito de suplência à não operação da metáfora paterna. Mostra-se a seguir, o que Lacan formula acerca da metáfora delirante.

⁷⁶ É interessante ressaltar que o imaginário como suplência é algo pensável, posteriormente, com a “escultura do ego em Joyce”. Com a teoria dos nós é possível pensar que qualquer um dos elos — real, simbólico, imaginário — pode ser o que fica solto e precisará ser amarrado.

2.4 A metáfora delirante: uma solução assintótica sobre o impossível

Lacan, ao retornar a Freud e formalizar o seu avanço na leitura do caso Schreber, possibilitou um mais além decisivo na teoria psicanalítica da psicose. A partir de uma sistematização do Complexo de Édipo, produz a categoria de Nome-do-Pai, e a psicose passa a ser pensada a partir da concepção de forclusão do Nome-do-Pai. Freud já havia vislumbrado esse mecanismo, para o qual introduziu o termo *Verwerfung*. Mas foi Lacan quem extraiu as conseqüências disso, dando à forclusão um caráter determinante da psicose. Ou seja, trata-se, em Lacan, de uma concepção estrutural da psicose que opera com a idéia de um mecanismo essencial, a forclusão do Nome-do-Pai.

Esse pensamento de Lacan está formalizado no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958), que se encontra nos *Escritos*. Tais elaborações marcam um período do ensino de Lacan caracterizado pela primazia do simbólico, acarretando, assim, considerável influência em sua formulação acerca da metáfora delirante. O delírio como solução psicótica é trabalhado por Lacan antes do término da sua formulação do objeto *a*.⁷⁷ Portanto, o seu referencial nesse momento é a metáfora paterna. É daí que resulta sua tese de que a metáfora delirante tem por função fazer suplência à metáfora paterna — ou seja, suprir a falta de inscrição do significante do Nome-do-Pai.⁷⁸

A partir de agora, detém-se aos termos “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958). É importante ressaltar que a doutrina da psicose, tal como Lacan a formulou nesse trabalho, tem como referência “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957). Dessa forma, Lacan forja a sua doutrina da psicose ancorado na tese do inconsciente estruturado como linguagem, pressupondo, assim, um lugar

⁷⁷ A esse respeito, ver: LAURENT, “Limites en las psicosis”, p. 31.

⁷⁸ É interessante pensar que se Lacan traz a possibilidade de uma metáfora de suplência, ou seja, de algo que compense a falta de inscrição do significante do Nome-do-Pai, por meio de um substituto que exerça uma função análoga, isso implica uma relativização do Nome-do-Pai. Portanto, é uma via aberta para o que Lacan desenvolverá mais tarde acerca da pluralização dos Nomes-do-Pai. A esse respeito, ver: SOLER, “Estabilización de la psicosis”, p. 134.

fundamental à metáfora. Aqui, a questão das psicoses é tratada por Lacan como um distúrbio no campo da significação decorrente da ausência da operação da metáfora paterna.

Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958), Lacan toma a metáfora como um princípio de estabilização, um ponto de basta, algo que detém o deslizamento do significado sobre o significante, permitindo, assim, a sustentação de uma significação. Mas ele não se refere a qualquer metáfora, e sim à metáfora paterna, já que é dela que emerge uma significação sobre o ser do sujeito. Na neurose, a substituição do significante materno pelo significante do Nome-do-Pai tem como efeito a emergência da significação fálica. Portanto, o efeito de significação que se dá na neurose está sempre ligado ao falo. Já nas psicoses, que têm como condição essencial a forclusão do significante do Nome-do-Pai, esse efeito de significação decorrente do processo de substituição significante não opera, deixando o sujeito fora da significação fálica. Ou seja, se há forclusão do significante do Nome-do-Pai (P_0), a metáfora paterna não opera, acarretando, assim, a forclusão da significação fálica (Φ_0).

Portanto, o que está em jogo nas psicoses é a questão da significação, mas uma significação outra, que não opera a partir da substituição significante efetuada pela metáfora paterna. Nesse sentido, o delírio é uma tentativa de cura pela via da significação. Mas a construção delirante só ganha estatuto de metáfora delirante quando atinge a função de restabelecer a relação entre o significante e o significado. A estabilização⁷⁹ do sujeito seria, portanto, o resultado dessa nova forma de relação. Assim, pode-se pensar a metáfora delirante como outra forma possível de relação entre significante e significado. Mas isso não parece ser o caso de Mateus, pois, ao invés de estabilizar a relação entre significante e significado, ele a realiza. Ora, será que se pode pensar a realização como uma forma de estabilização entre significante e significado?

⁷⁹ Colette Soler aponta para a necessidade de um certo rigor quanto ao uso do termo *estabilização*, já que não se trata de um conceito psicanalítico. Quando se diz metáfora e suplência, aí sim está-se no vocabulário psicanalítico. A esse respeito, ver: SOLER, “Estabilización de la psicosis”, p. 119-138.

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante (LACAN, 1958/1998: 584).

Se Lacan coloca a forclusão do Nome-do-Pai como condição essencial da psicose, não significa que isto baste por si mesmo. O desencadeamento da psicose vai depender de uma causa complementar, que varia de acordo com as circunstâncias da vida. A tese de Lacan é que essa causa, seja ela qual for, é algo que produz um chamado ao Nome-do-Pai. É o encontro com um pai real, que, por não ter nenhum correspondente no simbólico, produz esse chamado. A metáfora delirante funcionaria, portanto, como uma metáfora de suplência, que possibilitaria ao sujeito uma reorganização significante. Ou seja, ali onde falta a significação fálica advém uma significação de suplência, que, no caso de Schreber, é “ser a mulher de Deus”. Pelo trabalho do delírio, Schreber faz advir o Ideal no lugar do Nome-do-Pai e a significação da feminização no lugar da significação fálica.

Em “O seminário, livro 3: as psicoses” (1955-1956), Lacan afirma que a relação do sujeito psicótico com o seu delírio é algo que ultrapassa o jogo do significado e das significações.⁸⁰ Traz a possibilidade de um delírio organizar-se dentro de uma articulação lógica, mas aponta para o seguinte fato: mesmo quando se constrói uma frase logicamente articulada e produtora de um sentido, não significa que se encontrará aí a dimensão da metáfora.⁸¹ Ora, tal afirmação é bem interessante, pois sugere a possibilidade da emergência de uma significação por outra via que não a metafórica — ou seja, uma produção de sentido que não tem como pressuposto a substituição significante.

Lacan⁸² situa a articulação significante, característica da metonímia, como o ponto de partida da metáfora. Isto é, sem a base da coordenação significante a transferência de significado, que concerne à metáfora, não é possível. Dessa forma, não se pode negligenciar o

⁸⁰ LACAN, “as psicoses”, p. 246.

⁸¹ LACAN, “as psicoses”, p. 248.

⁸² LACAN, “as psicoses”, p. 262.

papel fundamental da metonímia nos distúrbios da linguagem, seja em relação à neurose ou à psicose.

Servindo-se do trabalho de Jakobson sobre as afasias, Lacan coloca a metáfora ao lado da identificação e do simbolismo e a metonímia ao lado da articulação e da contigüidade. Ele localiza no fenômeno alucinatório das psicoses um desequilíbrio do fenômeno da contigüidade.⁸³ E mais: tudo aquilo em torno do qual se organiza o delírio⁸⁴ está inevitavelmente ligado a esse fenômeno. Como pensar, então, a construção delirante em sua vertente de metáfora se o que esse fenômeno revela é algo da ordem de uma articulação metonímica infinita? A nova significação, decorrente da metáfora delirante, funcionaria como ponto de basta dessas articulações infinitas? Mas o delírio não conduz a uma *infinetização*⁸⁵ do sujeito? Trata-se de questões que incitam a uma reflexão, pois, apesar de paradigmática, a estabilização delirante traz alguns paradoxos.

Em “Psicosis y debilidad”, Laurent (1989) sustenta que o delírio aponta para uma ausência de intervalo entre S_1 e S_2 , e que quando o intervalo desaparece, no lugar da metonímia, que só pode introduzir-se aí, surge a *infinetização*.⁸⁶ Tal idéia é introduzida por Lacan no seu Esquema I⁸⁷, que corresponde à representação gráfica da estabilização do sujeito pela metáfora delirante. Esse esquema é uma transformação do Esquema R⁸⁸, que mostra a sustentação do campo da realidade pelo falo na neurose. Esse campo é representado por um quadrilátero delimitado pelos seguintes pontos: M , como o significante do objeto primordial;

⁸³ Como já mostrado, em relação às afasias, quando há um distúrbio da similaridade, há um funcionamento metonímico da linguagem.

⁸⁴ Em relação “às famosas equivalências que o delirante Schreber dá como formuladas pelos pássaros do céu [...] o importante não é a assonância, é a correspondência termo a termo de elementos de discriminação muito vizinhos [...] Schreber, com toda sua eficácia, mostra-lhes uma vez mais que o que é procurado é da ordem do significante, isto é, da coordenação fonemática [...]” (LACAN, 2002: 262).

⁸⁵ Lacan faz uso do termo *infinetização do valor do sujeito*, no seminário 11, da seguinte maneira: “No que o significante primordial é puro não-senso, ele se torna portador da infinetização do valor do sujeito, de modo algum aberto a todos os sentidos, mas abolindo todos o que é diferente” (LACAN, 1998: 238). Certamente, há diferenças entre a infinetização do sujeito, observada na psicose, e a infinetização do valor do sujeito.

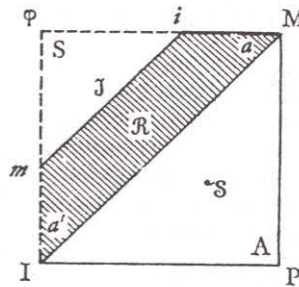
⁸⁶ LAURENT, “Psicosis y debilidad”, p. 37-38.

⁸⁷ LACAN, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, p. 578.

⁸⁸ LACAN, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, p. 559.

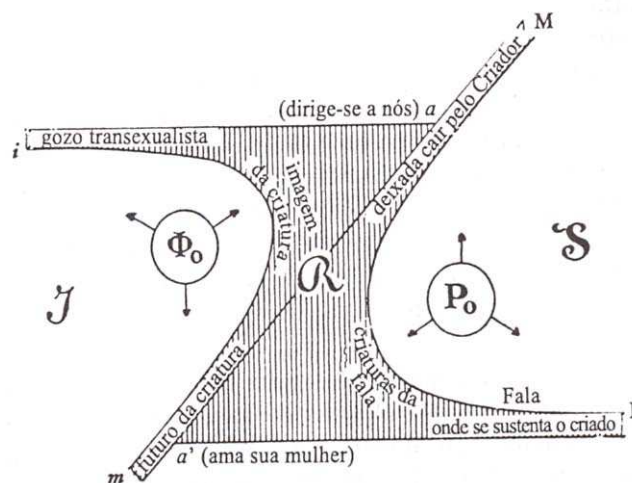
I , como Ideal do Eu; e o i e m , representando o eu e a imagem especular, ou seja, os dois termos imaginários da relação narcísica.

ESQUEMA R:



No Esquema I, Lacan mantém os mesmos pontos geométricos para representar o remanejamento do campo da realidade realizado pelo sujeito psicótico, por meio da construção delirante. Mas, para garantir a sustentação desse campo, é necessário remeter ao infinito os quatro parâmetros fundamentais do sujeito: m , i , M , I . Nesse modelo, o campo da realidade é sustentado por estes quatro pontos simétricos dos dois ramos opostos da curva hipérbole. Desse modelo, é possível a dedução das retas assíntotas⁸⁹ da hipérbole de forma que essas percorram caminhos paralelos e lancem ao infinito o seu encontro.

ESQUEMA I:



⁸⁹ Retas paralelas que só se encontram no infinito.

Portanto, a eterna construção delirante do sujeito psicótico, que pode acarretar uma *errância significativa* sem fim, é uma maneira de manter o infinito longe do seu campo da realidade. É por isso que a solução delirante é muito frágil e requer um trabalho constante, pois a qualquer instante algo pode emergir e destruir a construção delirante que serve de sustentação ao campo da realidade. É a metáfora delirante que, paradoxalmente, estabiliza essa *errância significativa*, ao estender sua realização ao infinito. A não sustentação do campo da realidade, característica do surto, pode ser representada pela interseção das retas, que deveriam encontrar-se apenas no infinito.

Em “Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose”, Neto (1999) situa o paradoxo como a forma possível de presentificar o infinito em termos matemáticos. Ele apresenta o seguinte exemplo: “O conjunto dos números pares está contido no conjunto dos números naturais, porém ambos são infinitos, conseqüentemente do mesmo ‘tamanho’ – paradoxo” (NETO, 1999:84).⁹⁰ É justamente por remeter ao infinito que o paradoxo traz alguns riscos para o sujeito psicótico, o qual, ao deparar-se com um paradoxo, terá que ver-se com o gozo a que esse remete. E, assim, a realidade delirante que serve de sustentação para o sujeito pode desabar a cada irrupção de um novo gozo, estando aí a causa do desencadeamento da psicose. Portanto, o delírio só é eficaz na medida em que adquire uma consistência suficiente para proteger o sujeito dos paradoxos.

Daí se pode deduzir a necessidade, e não a contingência, da realidade do psicótico muitas vezes ter que se mostrar como sendo assintótica. [...] Para evitar esse confronto, que seria para o sujeito psicótico devastador, ele remete os pontos de ancoragem de seu delírio, pontos onde o encontro com o Outro se presentificaria, para uma data sempre a ser atingida, mesmo que próxima, porém nunca concretamente alcançada (NETO, 1999: 89).

Retoma-se, sucintamente, a construção delirante de Schreber para que se possa fazer um paralelo com o caso clínico que deu início a esse capítulo. O delírio de Schreber

⁹⁰ Nesse artigo, o autor busca uma comparação entre o infinito da matemática e o real de Lacan.

apresenta algumas fases, o que mostra que a solução dada por ele foi fruto de uma longa construção.

Em certo momento do seu delírio, Schreber vê Deus como seu perseguidor. Ao explicar a ordem do universo, ele diz que os seres humanos têm um corpo e uma alma, sendo esta última composta de nervos. Já Deus é constituído apenas de nervos, que ele chama de “raios”. Quando Deus quer criar um homem, ele cede alguns de seus nervos. Mas esses se mantêm constantes, pois se um homem morre Deus reintegra em si esses nervos. Schreber sente que está atraindo para si os raios de Deus, ameaçando, assim, a integridade deste. É por isso que Deus se volta contra ele e, por meio dos seus “milagres”, faz Schreber passar por diversas provações. Schreber sente-se ameaçado em sua mente e em seu corpo. Deus quer assassinar sua alma e tomar seu corpo como o de uma mulher.

Se num primeiro momento a idéia de ser uma mulher na hora do coito lhe parecia repugnante, num estágio mais avançado de seu delírio ele encontra uma explicação digna para isso, identificando aí a solução para seu conflito. Ou seja, ele só se reconcilia com a idéia de sua transformação em mulher, quando vê nisso um propósito sagrado e universal: a criação de uma raça de homens nascida do seu espírito. Mas tanto a sua transformação em mulher quanto a extinção total dos seres humanos existentes para a criação de uma nova raça, levariam milhares de anos para se efetuar por completo. Trata-se, portanto, de uma solução assintótica. Freud já havia vislumbrado esse mecanismo em suas análises de Schreber. Quanto a isso, ele declara o seguinte:

Seu ego encontrava satisfação na megalomania, enquanto que sua fantasia feminina de desejo avançava e tornava-se aceitável. A luta e a doença podiam cessar. O senso de realidade do paciente, contudo, que nesse meio tempo tornara-se mais forte, compelia-o a adiar a solução do presente para o futuro remoto, e a contentar-se com o que poderia ser descrito como uma realização de desejo assintótica. A qualquer momento, previa ele, sua transformação em mulher ocorreria; até então, a personalidade do Dr. Schreber permaneceria indestrutível (FREUD, 1911/1996: 57).

Retorna-se, agora, à construção delirante de Mateus. Se o produto da metáfora é a emergência de uma nova significação, pode-se até pensar a construção delirante de Mateus em sua vertente de metáfora, já que dela advém uma nova significação. Mateus inventa um sentido para a sua existência: ele é o *subcomandante*, que significa o *anjo guerreiro*, e tem como missão limpar o mundo das almas más. Ele é aquele que pode mudar o mundo com o cumprimento de sua missão. Por causa dos seus assassinatos, receberá muito dinheiro e o distribuirá aos pobres. O mal será extinto do mundo. Fundará o Novo Rio de Janeiro e lá reinará. Mas, para que a construção delirante de Mateus seja eficaz, é necessário um eterno trabalho de reconstrução, de forma que ele consiga manter esse ideal o mais distante possível, ou melhor, que ele o remeta ao infinito. E é justamente aí que mora o perigo. A espera pelo *grande dia* começa a se tornar insuportável e as chances de passagem ao ato se aproximam⁹¹, ameaçando destruir por completo o seu campo da realidade.

Portanto, o delírio só pode ser pensado como uma solução se ele for assintótico. E, efetivamente, não é isso que acontece com Mateus, já que ele realiza o seu ideal. Sob esse ponto de vista, a solução delirante comportaria um aspecto estabilizador, na medida em que ela recuasse infinitamente. Nesse sentido, o delírio de Schreber é uma solução assintótica ao impossível, já que a sua transformação em mulher levaria milhares de anos. É justamente o adiamento da sua emasculação que preserva a sua personalidade. Tal perspectiva sugere que a estabilização via metáfora delirante é uma solução de recuo e que o *aqui e agora*, como um dado concreto e imediato da experiência, pode ser catastrófico. Em vista disso, será que se pode pensar a metáfora delirante como uma significação daquilo que o sujeito vai ser?

⁹¹ É importante enfatizar que a aproximação entre delírio e passagem ao ato não é uma via de mão única, pois o próprio ato pode ser subjetivado pelo sujeito por meio de um delírio. Então, se o delírio trata o real do ato, ele pode ser pensado como um modo de subjetivação do real. Trata-se, portanto, de uma via de mão dupla. E, muitas vezes, é a passagem ao ato que possibilita o surgimento do delírio.

2.5 As fases do delírio: uma sistematização das elaborações de Lacan acerca do delírio

Freud, ao sustentar sua tese de que o delírio é uma tentativa de cura, de reconstrução, aponta para algo extremamente importante: o delírio tem um objetivo. Decerto, tal idéia poderia até aparecer na elaboração de outros autores⁹², que, de alguma maneira, deduziram essa função do delírio ao constatarem que, diante de um sentimento de perplexidade, de um momento de ruptura, o delírio é um movimento tendencial do sujeito de produzir uma significação para aquilo que o atormenta. Mas, certamente, a concepção de Freud acerca do delírio difere das abordagens psicopatológicas do tema.

Foi a leitura freudiana das memórias de Schreber que impeliu Lacan a buscar uma lógica inerente à dinâmica do delírio, que será investigada a partir de uma divisão do delírio em quatro fases. É certo que essas fases não foram encontradas tão didaticamente separadas no ensino de Lacan, mas é possível deduzi-las, tal como Maleval (1996) fez em “Logique du délire”. É interessante marcar que, apesar de não ter se proposto a fazer uma divisão tão explícita das fases do delírio, Lacan sustentou claramente a existência dessas fases, ao fazer uma crítica à definição de Kraepelin da paranóia. Retoma-se, portanto, a definição de Kraepelin, que foi apontada por Lacan:

A paranóia se distingue dos outros porque ela se caracteriza pelo desenvolvimento insidioso de causas internas, e, segundo uma evolução contínua, de um sistema delirante, durável e impossível de ser abalado, e que se instala com uma conservação completa da clareza e da ordem no pensamento, no querer e na ação (LACAN, 1955/2002: 26).

⁹² Jaspers, ao trabalhar a vivência delirante primária, aponta para a necessidade que o doente em estado de extrema angústia tem de adquirir um saber para aquilo que o aflige. Jasper afirma: “há algo no ar, de que o doente não se pode dar conta, uma tensão suspeita, desagradável, estranha o domina [...]. Esta disposição delirante geral, sem conteúdo determinado, deve ser insuportável. Os doentes sofrem horrivelmente; e conseguir uma idéia determinada já é como um alívio. Nasce no doente uma sensação de falta de apoio e insegurança que o impele instintivamente a procurar um ponto firme onde possa segurar e agarrar. (...) nenhum terror é maior do que o terror diante de um perigo indeterminado. Nascem então convicções de determinadas perseguições, crimes, incriminações ou na direção delirante oposta, convicções de idade de ouro, de elevação divina, santificação etc” (JASPER, 2000: 121).

Lacan discorda radicalmente dessa definição e afirma que “ela contradiz ponto por ponto todos os dados da clínica” (LACAN, 1955/2002: 26). Segundo ele, o desenvolvimento da paranóia não é insidioso, pois há sempre fases. Para refutar a idéia de evolução contínua, introduz a noção de “momento fecundo”, apontando, assim, para a existência de uma ruptura. Além disso, Lacan considera extremamente ingênua a idéia de que um sistema delirante é algo impossível de ser abalado. Esses aspectos, que foram acentuados por Lacan em seu “O seminário, livro 3: as psicoses” (1955-1956), aparecerão de forma bem marcada nesta investigação acerca das fases do delírio.

No seu seminário sobre *as psicoses*, Lacan afirma: “O delirante, à medida que ele sobe na escala dos delírios, está cada vez mais certo de coisas postas como cada vez mais irreais” (LACAN, 1956/2002: 93). Certamente, o verbo “subir”, tal como Lacan o utiliza, indica que há um trabalho em andamento no delírio, há períodos, fases a serem atingidas, e quanto mais um delírio se sistematiza — ou seja, quanto mais alto se sobe nessa escala — mais convicto se torna o delirante.

Discernir essas fases não foi exatamente o objetivo de Freud, que estava muito mais interessado em sustentar a existência de uma fantasia original no princípio do desenvolvimento do delírio. No entanto, ele é bastante claro quanto à presença de etapas ao longo da construção delirante, tal como ele indica em suas análises das memórias de Schreber:

O relatório médico poderia facilmente levar-nos a supor que Schreber apresentava a forma corriqueira de fantasia de Redentor, na qual o paciente acredita ser o filho de Deus, destinado a salvar o mundo de sua desgraça ou da destruição que o ameaça, e assim por diante. É por essa razão que tive o cuidado de apresentar com pormenores as peculiaridades da relação de Schreber com Deus. A importância desta relação para o resto da humanidade só raramente é mencionada nas *Denkwürdigkeiten*, e apenas **na última fase de sua formação delirante**⁹³ (FREUD, 1911/1996: 38).

Segundo Maleval (1996), a psiquiatria clássica colocou em evidência uma estrutura evolutiva do delírio a partir da constatação de três períodos, que se mostravam freqüente nos diversos casos de psicose investigados. Trata-se de uma sucessão que vai de uma

⁹³ Grifo nosso.

perplexidade inicial à megalomania. A inquietante construção delirante seria o período intermediário, situado entre a perplexidade e a megalomania. Mas a sucessão desses períodos estava relacionada a uma construção puramente racional e, portanto, limitada a uma psicologia da consciência. Talvez seja por isso que Freud não tenha demonstrado interesse por essas análises.

Em compêndios de psiquiatria, frequentemente deparamos com afirmações segundo as quais a megalomania pode desenvolver-se a partir de delírios de perseguição. Imagina-se que o processo seja o seguinte: o paciente é primariamente vítima de um delírio de estar sendo perseguido por forças de máximo poder. Sente então necessidade de explicar isso a si próprio e, dessa maneira, ocorre-lhe a idéia de que ele próprio é personagem muito eminente e digna de tal perseguição. O desenvolvimento da megalomania é assim atribuído, pelos livros didáticos, a um processo que (tomando de empréstimo a Ernest Jones (1908) uma palavra útil) podemos escrever como “racionalização”. Mas **atribuir conseqüências afetivas tão importantes a uma racionalização é, segundo nos parece, procedimento inteiramente não psicológico** e, conseqüentemente, traçaríamos a divisão nítida entre nossa opinião e aquela que citamos, dos livros didáticos (FREUD, 1911/1996: 57)⁹⁴.

Maleval (1996) deduziu das formulações lacanianas quatro fases do delírio, que, apesar de não terem sido esboçadas por Lacan, foram incitadas pelo seu ensino. Mas, antes de especificar cada um desses períodos, ele faz um convite para dar um passo além e ir direto àquilo que é essencial à lógica do delírio: trata-se de uma evolução na relação do sujeito com o gozo.⁹⁵ E é levando em conta o gozo que ele se propõe a fazer uma análise da dinâmica do delírio que extrapola as abordagens clássicas. Entra-se agora nas fases do delírio. Mas, antes, deixa-se em aberto uma questão: Será que quando atribui conseqüências afetivas ao delírio, Freud tentava indicar algo dessa ordem?

A primeira fase tem como característica principal a *deslocalização do gozo*. Nesse período há uma angústia extrema, revelada por uma carência paterna fundamental. Trata-se de um período de perplexidade e de intenso sofrimento. Durante esse período, em que o autor chama de P_0 — tal como Lacan o fez em seu Esquema I para dizer da forclusão do Nome-do-

⁹⁴ Grifo nosso.

⁹⁵ A noção de gozo pode ser apreendida como um equivalente laciano da “satisfação pulsional”, postulada por Freud. Trata-se de uma noção que engloba, ao mesmo tempo, a idéia de prazer e sofrimento, de modo a produzir uma unificação dos alvos pulsionais, que, com Freud, se dividiam entre “pulsão de morte” e “pulsão de vida”. No entanto, se a noção de gozo introduzida por Lacan realiza essa unificação, ele mantém o caráter de conflito inerente à própria satisfação da pulsão.

Pai —, o psicótico constata que a ordem do mundo está alterada. Abre-se um buraco no campo do simbólico que gera angústia e perplexidade. Esse buraco no campo do simbólico, decorrente da carência do significante do Nome-do-Pai, traz como consequência o desencadeamento do significante e a *deslocalização do gozo*.

Essa angústia impulsiona o sujeito a um trabalho de mobilização do significante, permitindo, assim, a construção de algo que o ajude a encontrar uma explicação para aquilo que o invade. Nesse período, observa-se, com frequência, um apelo ao pai, como tentativa de moderar o *gozo deslocalizado*. No entanto, o sujeito ainda se mantém perplexo, pois o delírio não consegue funcionar como sutura daquele vazio esmagador com o qual o sujeito se deparou. Portanto, o que caracteriza o segundo período é a tentativa desesperada do sujeito de *significantizar o gozo*, que, geralmente, dá-se sob uma forma paranóide. Durante P₁ — letra utilizada para designar essa fase, em referência ao P₀ de Lacan — o sujeito faz uso de uma verdadeira aparelhagem significante, na tentativa de tratar a falha simbólica inicial. Tal perspectiva pode ser extraída das formulações freudianas acerca da psicose, que viam no delírio a tentativa de cura realizada pelo sujeito, mediante a construção de um remendo no lugar em que uma falha se instaurou na relação do eu com o mundo exterior. Certamente, essa fase aponta para a perspectiva freudiana de uma *tentativa* de restabelecimento via formação delirante. Mas será que esse movimento de *significantização*, por si só, permite ao sujeito *recapturar*⁹⁶ sua relação com o mundo?

Pode-se extrair desse momento algo da ordem da metáfora delirante? É certo que aqui o sujeito está longe de uma estabilização, mas todo o seu trabalho consiste num remanejamento significante, suscitado pelo furo no simbólico. E se se pensa a metáfora como um mecanismo de substituição significante que tem por efeito a emergência de um novo sentido, fica-se obrigado a constatar que algo da ordem de uma metáfora já se opera nessa

⁹⁶ Trata-se de termo utilizado por Freud. A esse respeito, ver: FREUD, “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”, p. 78.

fase. No entanto, seria incorreto afirmar que se trata aqui de uma metáfora delirante, no sentido preciso do termo. Trata-se, portanto, de um momento de remanejamento dos significantes, bem como uma tentativa ou ensaio de localização do gozo, que ganhará mais consistência de substituição quando houver uma localização do gozo do Outro.

Para não perder-se nessa discussão acerca da metáfora e cair numa leitura mecânica e presa aos alicerces da lingüística, é preciso delimitar aquilo que seria a finalidade última da construção delirante. O que se constata em meio a uma infinidade de fenômenos observados na clínica das psicoses é que, apesar das diferentes formas com que um delírio se apresenta, o que o sujeito busca com tais construções acaba sempre por girar em torno da mesma questão: Como tornar aceitável essa posição fundamental do sujeito psicótico de ser objeto de gozo do Outro?⁹⁷ Eis o fundamento de toda problemática levantada, que será resolvido de forma mais ou menos bem sucedida, dependendo do talento⁹⁸ do sujeito e das contingências⁹⁹ da vida. Portanto, se existe uma lógica inerente ao delírio, ela tem como finalidade dar um tratamento ao gozo deslocalizado. Sem dúvida, direcionar esta investigação para esse ponto ajudará a compreender aquilo que Lacan chamou de “metáfora delirante”¹⁰⁰ ou, pelo menos, aquilo que ele tentava formalizar, mas ainda não dispunha das ferramentas conceituais adequadas.

O terceiro período caracteriza-se pela identificação do gozo do Outro, o que permite ao sujeito encontrar um ponto de ancoragem, por meio do qual inicia um trabalho de sistematização do delírio. Mas no seio do delírio que se sistematiza persiste uma violência

⁹⁷ Como já trabalhado, nas considerações sobre a metáfora paterna, a falta de inscrição simbólica do psicótico diante do Outro o coloca numa posição de objeto.

⁹⁸ Como já

mencionado anteriormente, Freud se refere a Schreber como um *talentoso paranóico*.

⁹⁹ Esse caráter de contingência pode ser retirado da seguinte pontuação de Freud: “Pode-se suspeitar, contudo, que aquilo que capacitou Schreber a reconciliar-se com sua fantasia de desejo homossexual, e possibilitou à sua moléstia terminar em algo que se aproxima de um restabelecimento, pode ter sido o fato de que o seu complexo paterno achava-se, principalmente, afinado de maneira positiva, e que, na vida real, os anos finais de seu relacionamento com um pai excelente provavelmente não foram tempestuosos” (FREUD, 1911/1996: 85).

¹⁰⁰ Certamente, no momento de tal formulação, Lacan estava mais interessado em tratar a psicose a partir dos distúrbios de linguagem, e para isso até forçou um pouco no caso Schreber para tratar o fenômeno por tal viés. Mas é inegável que a questão do gozo sempre esteve colocada de alguma forma. Até mesmo porque isso pode ser extraído do encaminhamento inicial de Freud.

operada pelo Outro, que é traduzida por meio de perseguidores, agora localizados. Trata-se aqui do paranóico, ou seja, do sujeito que localiza o gozo no campo do Outro.

Esse afrontamento do sujeito com seu perseguidor só cessa em raros casos. Para tal, é necessário que o sujeito consiga sustentar a sua construção delirante até o último período do delírio, ou seja, até P₃. Talvez isso exija certo talento. Nesta fase do delírio o sujeito consegue entrar em acordo com a nova realidade, que ele se sentiu impelido a construir. Trata-se aqui de um consentimento com o gozo do Outro, o que, certamente, traz um apaziguamento para o sujeito. Geralmente, esse consentimento aparece vinculado ao desenvolvimento de idéias megalomaníacas, que surgem por meio de construções, muitas vezes, fantásticas e bizarras, mas que conferem ao sujeito a certeza de que por meio dessas experiências ele irá adquirir um saber de extrema importância para a humanidade. O sujeito acredita ser o escolhido de Deus ou, mesmo, o próprio Deus. Surgem profetas ou grandes sábios que têm por missão resolver um problema fundamental para o universo.

Nesse período do delírio o sujeito não necessita mais de perseguidores, de forma que seria impreciso considerá-lo um paranóico, já que a base da paranóia é a localização do gozo no Outro. Segundo a nosologia clássica, está-se diante de uma parafrenia, que se caracteriza pela existência de um delírio crônico, bastante extravagante, mas que não traz grandes prejuízos para o sujeito.¹⁰¹ É um momento de estabilização, de apaziguamento, mas que, muitas vezes, pode deixar o sujeito à mercê de críticas, dificultando os seus laços sociais. No entanto, isso não constrangeu Schreber, que, apesar de saber que seria alvo de críticas que poderiam colocar a sua reputação em jogo, sustentou a publicação de suas memórias. Pois a certeza de que sua experiência deveria ser transmitida para a ciência e para a religião, em prol

¹⁰¹ Num certo momento do seu seminário sobre as psicoses, Lacan defende a idéia da “manutenção de uma certa unidade entre os delírios que se isolou talvez prematuramente como paranóicos, e as formações ditas, na nosologia clássica, parafrênicos” (LACAN, 1956/2002: 93).

de um conhecimento maior, ultrapassava qualquer sentimento de vergonha de tal exposição.¹⁰²

Assim, tomando como referência a especificidade dessas quatro posições subjetivas, próprias ao psicótico, podem-se nomear esses quatro períodos da seguinte maneira: deslocalização do gozo e perplexidade angustiante (P₀); tentativa de significantização do gozo do Outro (P₁); identificação do gozo do Outro (P₂); e consentimento com o gozo do Outro (P₃). Trata-se de uma sucessão ordenada, que possui a mesma fonte: a forclusão do Nome-do-Pai. Há, portanto, um primeiro momento, o “momento fecundo”¹⁰³, para usar o termo de Lacan, que impulsiona o sujeito para uma organização, que caracterizaria o segundo período. Dessa organização, sucede uma verdadeira sistematização, que já indica um outro período, até que se atinja a última fase, que seria o consentimento com o gozo do Outro.

No entanto, atingir esse quarto período da construção delirante, além de ser algo extremamente raro¹⁰⁴, não traz nenhuma garantia para o sujeito, já que o retorno a fases anteriores¹⁰⁵ mostra-se bastante freqüente, sinalizando, assim, a fragilidade dessas posições subjetivas. Disso pode-se extrair a seguinte consequência: a estabilização via metáfora delirante é precária e pode se dissolver a qualquer instante, o que sugere uma insuficiência clínica de tal recurso. Talvez seja por isso que Lacan levanta a seguinte questão:

Podemos falar de processo de compensação, e mesmo de processo de cura como alguns não hesitariam em fazê-lo, sob pretexto de que, no momento da estabilização de seu delírio, o sujeito apresenta um estado mais calmo que no momento da irrupção do delírio? Seria uma cura, ou não? É uma questão que vale a pena de ser posta, mas creio que ela só pode ser posta num sentido abusivo (LACAN, 1956/2002: 103).

¹⁰² Em relação a isso Schreber afirma: [...] sou de opinião que poderia ser vantajoso tanto para a ciência quanto para o reconhecimento de verdades religiosas se, durante meu tempo de vida, autoridades qualificadas pudessem encarregar-se de examinar meu corpo e realizar pesquisas sobre minhas experiências pessoais (FREUD, 1911/1996: 22).

¹⁰³ Lacan, em seu seminário de 1955-56, traz a noção de “momento fecundo” para apontar a existência de uma ruptura, o que contradiz completamente aquilo que Kraepelin chamou de “evolução contínua”, tal como apontamos no início desse item. A esse respeito, ver: LACAN, “as psicoses”, p. 28.

¹⁰⁴ Tal afirmação se baseia na minha experiência com a clínica das psicoses no Instituto Raul Soares e nas freqüentes discussões clínicas acerca do tema.

¹⁰⁵ Ora, se há retornos a fases anteriores, isso exclui a tese kraepeliana de que haveria uma evolução contínua no delírio.

2.5.1 Discussão clínica

Uma conceituação mais rigorosa da noção de metáfora delirante implica considerar a questão do consentimento do gozo do Outro. Trata-se, portanto, de um dispositivo teórico que não pode ser investigado apenas sob o viés conceitual da lingüística. Pois, para além da lógica binária do significante há o gozo. Será possível pensar em metáfora delirante no caso Mateus? Para tratar essa questão, retorna-se às fases do delírio propostas por Maleval. Mateus não atingiu o último período do delírio, já que ele não consente com o gozo do Outro. A feminização, tal como Lacan articula no Esquema I, parece não ocorrer aqui. Pode-se questionar também se Mateus conseguiu identificar o gozo do Outro (P₂). Pois em alguns momentos o gozo parece invadir seu próprio corpo.

A posição de ser um objeto de gozo à mercê do Outro é sustentada por Mateus a partir de uma significação delirante. De um lado, pode-se até pensar a construção delirante de Mateus como um correlato da fantasia neurótica, já que, como ele mesmo localiza, há uma tentativa de transformar tudo em prazer (tem que cumprir sua missão para que tudo se transforme em prazer e que no céu seja possível 400 ejaculações por minuto). Mas o que o caso mostra é uma significação delirante, que o deixa completamente sem saída: ou ele cumpre sua missão como anjo exterminador ou será *A Mulher de Lúcifer*. Ou seja, ele não tem para onde correr. Assim, se, de um lado, pode-se pensar nisso como uma solução, como uma tentativa de transformar esse gozo angustiante em prazer, de outro, uma vez que a gente identifica que essa solução o deixa sem saída, pode-se constatar que o delírio, ou seja, o sentido que ele constrói para abrigar o gozo, não cria anteparos que o impeçam de passar ao ato. Ao contrário disso, o delírio, ao produzir elaborações de sentido fechadas e inquestionáveis, leva Mateus a buscar uma saída pelo ato.

Por que se teria tanta dificuldade na psicose de restaurar a relação do sujeito com a realidade, já que o delírio é em princípio inteiramente legível? [...] O delírio é, com efeito legível, mas ele é também transcrito num outro registro. Na neurose, fica-se sempre na ordem simbólica, com esta duplicidade do significante e do significado que é o que Freud traduz pelo compromisso

neurótico. O delírio se passa em um registro bem diverso. **Ele é legível, mas sem saída.** Como isso acontece? Aí está o problema econômico que fica aberto no momento em que Freud termina o caso Schreber (LACAN, 1956/2002: 124).¹⁰⁶

A psicose se caracteriza por uma perturbação do sistema pelo qual se alcança a significação. Assim, na idéia delirante “alguns de seus elementos se isolam, tornam-se pesados, ganham um valor, uma força de inércia particular, carregam-se de significação, simplesmente de uma significação” (LACAN, 1955/2002: 67), conferindo ao delírio um caráter repetitivo. Nesse sentido, as idéias delirantes não obedecem às leis de funcionamento do significante, que tem por fundamento o deslizamento do significante. Há, portanto, um caráter repetitivo, uma função de real, já que algo sempre volta ao mesmo lugar¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Grifo nosso.

¹⁰⁷ A esse respeito, ver: LAURENT, “Sobre de una cuestión preliminar...”, p. 41.

3 OUTRAS CONFIGURAÇÕES DO CONCEITO DE METÁFORA DELIRANTE: METÁFORA E GOZO

O conceito de metáfora delirante foi forjado de acordo com um referencial teórico pautado pelos alicerces da lingüística e da literatura.¹⁰⁸ Certamente, de uma literatura bem diferente daquela apresentada por Joyce.¹⁰⁹ Uma literatura composta de narrativas e personagens que se desenrolam numa incessante busca de recobrimento do mundo enlouquecedor das palavras, por meio da conquista de um sentido. Trata-se de uma formulação que é fruto de uma clínica, que concebe o sujeito como um efeito do significante decorrente da articulação de um significante com outro significante. É a clínica da metáfora. É a clínica da interpretação. É a clínica do sentido. É o sintoma enquanto metáfora e, portanto, carregado de sentido e passível de interpretação. Mas não se trata de uma interpretação fechada, e sim de uma interpretação que se abre para múltiplos sentidos, já que estes estão sempre deslizando. Essa é a lógica do sentido.¹¹⁰

A relação do sujeito com o sentido, todavia, é extremamente problemática, tanto na neurose¹¹¹ quanto na psicose. Decerto, essa dificuldade é mais gritante nas psicoses, que, por serem desprovidas da significação fálica, encontram maiores obstáculos em conferir um sentido ao sexo e à existência. Foi esse embaraço com o sentido que fez com que Schreber se engajassem pela via da construção delirante. Seu empreendimento nessa façanha foi tão grande

¹⁰⁸ Como já apontado, Lacan se serve desses campos para construir algo bem diverso. Mas, por mais que ele marque uma cisão com esses campos, de modo a abrir espaço para um outro campo, o campo da psicanálise, é inegável a forte presença desses campos no referencial teórico produzido pela psicanálise.

¹⁰⁹ “[...] a escrita de Joyce não se rende ao imaginário literário, ela vai em direção ao ‘real da literatura’. O que aparece em primeiro plano, no texto de Joyce, não é a narrativa ou os personagens, mas aquilo que o sonho literário não se cansa de tentar recobrir: o universo enlouquecedor das palavras” (MACEDO, 2006: 32).

¹¹⁰ Segundo Deleuze, um dos paradoxos do sentido, que nunca será dito naquilo que se diz, é o paradoxo da regressão ou da proliferação indefinida. A esse respeito, ver: DELEUZE, “A lógica do sentido”, p:31-38.

¹¹¹ A esse respeito, vale lembrar o *Homem dos Ratos* e o seu embaraço quanto ao sentido, evidenciado por meio de três significantes: *ratten* (rato), *spielratten* (jogador), *heirratten* (casamento). Ver: FREUD, Sigmund. “Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909)”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume X.

que, apesar de nunca ter sido atendido por nenhum psicanalista¹¹², seu caso serviu, durante muito tempo, de paradigma à clínica psicanalítica das psicoses. Mas se a saída escolhida por ele foi a construção delirante, isso não significa que ele não tenha experimentado outras soluções que escapam ao sentido.¹¹³ Ora, o que Schreber busca com esse intenso trabalho é a reconstituição do Outro. Mas por que o psicótico precisa reconstituir o Outro?

A análise lacaniana dos fenômenos de linguagem observados na psicose aponta para uma verdadeira decomposição do lugar do Outro. Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958), Lacan desnuda a relação do sujeito com a língua, quando a inscrição do significante do Nome-do-Pai não opera. Como visto, a substituição do significante do Desejo da Mãe pelo significante do Nome-do-Pai, operada pela metáfora paterna, engendra a significação fálica. Graças à metáfora paterna, o sujeito é capaz de interpretar o Desejo da Mãe. Assim, o Nome-do-Pai permite ao sujeito interpretar o desejo do Outro em termos de significação fálica. Mas se a especificidade da psicose consiste na forclusão do Nome-do-Pai, isso implica uma impossibilidade de interpretar em *nome do pai*, de modo que o sujeito não é capaz de interpretar falicamente. É o Nome-do-Pai que, ao possibilitar a significação fálica e estabilizar o sentido sexual, assegura os efeitos de sentido. Trata-se, portanto, de uma perspectiva que concebe o pai como aquele que assegura a estabilização do significante/significado. Nesse sentido, compreende-se a metáfora paterna como uma operação de substituição significante que tem por função assegurar a estabilidade da cadeia significante. Como na psicose a metáfora paterna não opera, há uma instabilidade fundamental da cadeia significante. Pois se o psicótico não pode contar com o dispositivo da metáfora paterna, a estabilização do significante/significado não lhe é assegurada, de modo

¹¹² Ora, isso mostra que a psicose tem seus próprios caminhos, seus próprios métodos de tratamento. Mas, se o analista é procurado, ele não deve recuar diante da psicose.

¹¹³ Podem-se observar dois momentos em Schreber que apontam para duas soluções bastante distintas. Se Schreber se envereda por um árduo trabalho do sentido, na tentativa de tratar o mal-estar que a eviração produzia, ele também fala dos pássaros falantes. Trata-se de pássaros que emitem frases, ao mesmo tempo em que emitem veneno de cadáveres. Assim, a cada frase esse veneno é inoculado. Mas Schreber percebe que, pela via da assonância, ou seja, da materialidade do som, é possível neutralizar o poder mortífero dos pássaros. No entanto, apesar de enxergar essas duas perspectivas, Schreber opta pela via do sentido e de seus ecos.

que o sujeito corre sempre o risco de ser invadido por coisas inomináveis. É como se a cadeia significante agisse contra o próprio sujeito.

Nessa perspectiva, o tratamento possível das psicoses, tal como Lacan o concebe em “De uma questão preliminar...” (1957-1958), é o estabelecimento de uma nova significação, que repara o furo da significação fálica, à medida que o sujeito for invadido por um gozo inominável. Trata-se de um mecanismo que consiste em circunscrever o gozo, por meio de um uso bastante particular da língua. Pois se não há metáfora paterna, o sujeito precisa recorrer a outra forma possível de estabilização do significante/significado, operada sem o recurso do Nome-do-Pai. A metáfora delirante seria, portanto, outra maneira de estabilização do significante/significado: uma relação entre significante e significado que não tem ligação com o falo. Schreber constrói um ideal, que é o de “ser a mulher de Deus”. Esse ideal entra no lugar do Nome-do-Pai e atenua os efeitos da cadeia significante sobre o sujeito. Assim, a significação delirante — ou seja, “ser a mulher de Deus” — funciona como um dispositivo que organiza a cadeia significante, de modo a permitir uma estabilização entre o significante e o significado.

Pode-se dizer que Schreber foi capaz de reconstituir um Outro, pois certamente o seu Deus funciona como tal. No entanto, é um Outro que não oferece nenhuma garantia. Mas será que o Nome-do-Pai garante a consistência da cadeia significante? Trata-se de uma garantia de ordenação da cadeia significante? A metáfora paterna assegura a estabilização do significante/significado? Não se está acreditando demais na função da metáfora paterna? Será que o Outro da neurose é tão consistente assim? É claro que não. Pois se o neurótico é castrado e a castração se dá no Outro, isso implica que o fundamento do Outro está justamente na inconsistência. Ora, essas questões convocam a uma nova reflexão acerca da metáfora paterna. Pois houve uma primeira leitura um pouco equivocada da metáfora paterna ou, pelo menos, que comporta alguns exageros. No entanto, a forma como Lacan passa a conduzir o

seu ensino posteriormente retifica qualquer perspectiva que outorgue tamanha consistência ao Outro. Se, num primeiro momento, Lacan parte do Nome-do-Pai, ao longo do seu percurso, ele pluraliza os Nomes-do-Pai. O Outro passa a ser concebido como o conjunto de nomes da língua, que permitem ao sujeito uma nomeação do gozo. No entanto, o gozo sempre escapa à nomeação, já que ele excede a esse campo. É por isso que o Outro é fundamentalmente barrado e, portanto, não oferece nenhuma garantia ao sujeito.

Ao longo do seu ensino, Lacan amplia o campo de atuação da psicanálise para muito além do sentido. Se, num primeiro momento, ele insiste na ferramenta conceitual da metáfora para tratar a questão das psicoses, posteriormente serve-se de outros recursos e formaliza a noção de *sinthoma*. Certamente, essa formulação produz uma mudança fundamental no seu encaminhamento. Mas será que já não se pode vislumbrar os primórdios dessa elaboração nas formulações de Lacan acerca da metáfora delirante? Quais são os elementos que podem ser buscados nessa elaboração que permitem abrir para a vertente do *sinthoma*? É possível fazer outra leitura da metáfora que extrapola os mecanismos de substituição significante? O que Lacan buscava com a sua teoria da metáfora? A metáfora enquanto ponto de basta pode ser pensada a partir da teoria dos nós? Será que a estabilização do sentido é propriedade da metáfora?

Gira-se em torno dessas questões com o intuito de ampliar o conceito de metáfora delirante. Pois, para além dos limites, impasses e paradoxos da metáfora delirante, acredita-se na possibilidade de uma leitura diferenciada dessa formulação, de modo a permitir um melhor uso dessa ferramenta conceitual.

3.1 Metáfora delirante: um empreendimento de tradução da língua

Qualquer discussão clínica que tenha por objetivo demarcar os tratamentos possíveis da psicose não pode se esquivar de um debate acerca do gozo. Certamente, pressupor uma conversação sobre o gozo pode soar estranho, já que o gozo é justamente aquilo que falta ou excede à imensidão dos nomes próprios. Trata-se de algo que não se traduziu, que não foi metaforizado e que, portanto, não tem um sentido. Mas é exatamente por escapar ao sentido que o gozo exige uma tradução. Ora, a idéia de tradução remete à tentativa desenfreada de significação que acomete o sujeito psicótico toda vez que ele se depara com esse inominável. Por conseguinte, a construção delirante deve ser vista como uma tentativa de tradução do gozo, que se dá à revelia do falo.

Um dos tratamentos possíveis da psicose é a tentativa de nomear o inominável. Se o sujeito escolhe esse caminho, o analista deve ajudá-lo nesse empreendimento de tradução. Mas auxiliá-lo nesse processo não implica deixar o sujeito delirar de forma desmedida e aguardar, passivamente, a sua estabilização. Aliás, tal perspectiva é uma interpretação bastante ingênua das elaborações freudianas que tomam a construção delirante como uma tentativa de cura. Certamente, não é por esse caminho que o analista deve conduzir o tratamento. Mas, então, qual é o manejo do analista? O que ele deve fazer quando um delirante insistente o procura? Ora, ajudá-lo no trabalho de tradução implica eleger alguns elementos do delírio que possam orientá-lo na direção de uma nomeação possível. Trata-se de ajudá-lo a *fazer-se um nome*. Mas, quanto a essa nomeação, uma coisa deve ficar clara: nomear não significa fixar o sujeito num significante-mestre de modo que ele jamais se desloque desse lugar. “Fazer-se um nome é também dizer que não há outra identificação a não ser o processo de busca do nome que se fixa um certo tempo” (LAURENT, 2006: 21).

Assim, a construção delirante faz parte de um processo em que se busca uma nomeação possível. Voltando ao caso Mateus, vê-se o quanto ele se esforça para fazer um

nome. Ora, todo seu esforço em sustentar sua missão sinaliza sua tentativa persistente de construir um nome que se apóia nesse ideal. Ele é o anjo guerreiro e tem por missão limpar o mundo das almas más. Mas, para sustentar esse nome e fazer-se reconhecer nele, Mateus acaba passando ao ato. Trata-se, portanto, de uma das dificuldades clínicas que se pode inferir de um delírio sistematizado. “Sabe-se que, na psicose, mais o delírio é sistematizado, mais o sujeito sustenta seu esforço de fala em nome de uma missão, de um ideal. Quanto mais sistematizado, mais o ideal é sólido: tem-se aí: **o nome de ideal**” (LAURENT, 2006: 20)¹¹⁴.

Certamente, a passagem ao ato é sempre possível. É por isso que o analista deve ficar atento a essa possibilidade, sempre que se encontra com um sujeito decidido a esse empreendimento de tradução da língua. Há coisas que não se traduzem, e esses encontros/desencontros não são fáceis. O analista deve saber disso e, conseqüentemente, estabelecer alguns limites nesse processo de tradução, além de adotar outras condutas, à medida que vai conhecendo melhor o caso. Pois:

O que é problemático é que um dos modos fundamentais de nomeação é a passagem ao ato. A maneira pela qual o sujeito se situa na fuga do sentido se dá não apenas pela tradução que escapa, ela também, mas também pelo curto-circuito da passagem ao ato. Pode se fazer um nome pela passagem ao ato: “eu sou aquele que golpeou o Outro”. Foi o que declarou Aimée, o caso da tese de Lacan (LAURENT, 2006: 21).

3.2 De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose: o alerta de Lacan

Três anos depois de proferir o seu seminário sobre *as psicoses*, Lacan escreve um texto fundamental a essa clínica. Trata-se “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958), um texto que merece ser lido como se tivesse sido escrito hoje. Certamente, esse texto surge como um alerta ao rumo que a psicanálise tomava em relação à clínica das psicoses. É por isso que Lacan, ironicamente, fala de uma questão

¹¹⁴ Grifo nosso.

preliminar, quando, na verdade, havia uma vasta proliferação acerca do tema. Ora, vários trabalhos haviam sido elaborados, e Lacan surge falando de uma questão preliminar. Decerto, sua colocação trouxe algum constrangimento àqueles que mantinham uma posição de trabalho há algum tempo. Mas o que Lacan buscava barrar com o seu alerta? Será que a psicanálise não havia avançado com aquela profusão de artigos acerca das psicoses? Qual a razão dessa advertência?

Definitivamente, Lacan não estava satisfeito com a forma pela qual os psicanalistas conduziam suas investigações. Portanto, é importante situar esse contexto teórico-clínico, que incitou Lacan a dar seu grito de alerta. Trata-se de um período marcado por uma conduta decidida quanto à entrada das psicoses no campo da psicanálise, sem nenhum constrangimento quanto à interdição freudiana ao tratamento psicanalítico das psicoses. Certamente, foi a corrente kleiniana que encorajou diversos analistas a sustentar tal posição. Mas a crítica de Lacan não se refere a essa aposta no tratamento psicanalítico das psicoses, e sim à forma como isso vinha sendo conduzido. Se o foco de Melanie Klein é a mãe e a relação com o objeto oral, ou seja, o peito, tal perspectiva se dá numa tentativa de limitar as elaborações freudianas que conferiam demasiado valor ao pai e à significação fálica. Mas o que Lacan aponta nesse texto é que, se a dificuldade de um trabalho analítico com as psicoses consiste em uma impossibilidade de interpretação segundo o Nome-do-pai, isso não significa que se deve apostar numa interpretação em “nome da mãe”. É ancorado nesse pressuposto que Lacan convida a um retorno a Freud, para que a psicanálise não perca de vez o seu rumo. Trata-se, portanto, de um texto extremamente importante.

A forma cuidadosa como Lacan se detém em alguns aspectos das memórias de Schreber é de um valor clínico inestimável. Ele investiga a relação do psicótico com a linguagem, por meio de uma análise minuciosa das alucinações presentes em Schreber. Como já ressaltado no capítulo anterior, esse texto é contemporâneo de outro trabalho, também

fundamental, que é “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957). Por aí já se pode perceber o percurso que orientava a investigação lacaniana em “De uma questão preliminar...”: as relações entre significante e significado. Pois, se na “Instância da letra...” Lacan faz uso das formulações de Jakobson sobre o funcionamento significante, aqui ele mantém tal direcionamento em sua investigação acerca das psicoses. É por isso que Lacan se detém, meticulosamente, nos fenômenos elementares. Ou seja: trata-se de buscar nesses fenômenos a estrutura geral da relação do psicótico com a linguagem. Portanto, esmiuçar esses elementos permitiu a Lacan elaborar uma investigação sobre o modo particular de significação operado na psicose.

Mas, antes de fixar na psicose propriamente dita, convém abrir um parêntese sobre a maneira pela qual a psicanálise concebe a questão da significação. Ora, para a psicanálise a única significação verdadeira é a do sintoma. Se se tomam como referência as elaborações de Freud, vê-se que um sintoma necessita de pelo menos duas cenas para se compor: a cena infantil e sua atualização em cena ulterior. Nessa perspectiva, pode-se entender o sintoma como um produto dessas duas cenas. Em sua releitura de Freud, Lacan pensa o sintoma a partir das leis de funcionamento do significante, o que o leva a atribuir ao sintoma o mesmo mecanismo operado na metáfora, tal como ele deixa claro nesta passagem do seu texto:

O mecanismo de duplo gatilho da metáfora é o mesmo em que se determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver (LACAN, 1957/1998: 522).

Se nesse momento do seu ensino Lacan confere ao sintoma o estatuto de metáfora, é porque ele o entende como algo passível de ser decifrado em termos de substituição significante. Portanto, pensar o sintoma enquanto metáfora, ou seja, enquanto uma operação significante da qual resulta uma nova significação, implica conceber o trabalho analítico como um processo de tradução. É por isso que a interpretação – recurso utilizado para a produção de

uma significação daquilo que até então permanecia inconsciente – ocupa um lugar extremamente importante nessa fase das elaborações de Lacan. E mais: assimilar o sintoma à metáfora pressupõe situá-lo como um mecanismo que vai do simbólico ao imaginário. Trata-se, portanto, de configurar o sintoma como uma articulação entre o simbólico e o imaginário.

Certamente, a estrutura psicótica, ao colocar uma série de objeções à metáfora paterna, impulsionou Lacan a buscar uma nova orientação para o sintoma. Opera-se, portanto, uma mudança decisiva no seu encaminhamento, de modo que o sintoma passa a ser pensado sob um outro viés, que difere radicalmente do mecanismo das formações do inconsciente. Assim, se o sintoma-metáfora é a aposta inicial de Lacan, posteriormente ele sustenta a hipótese de um sintoma cuja articulação não se dá mais entre o simbólico e o imaginário, e sim entre o simbólico e o real.

Retoma-se agora a questão da significação nas psicoses, que incitou esse nosso desvio pelo sintoma. Ora, se em “De uma questão preliminar...” Lacan afirma que “a única organicidade que está implicada nesse processo” é “a que motiva a estrutura da significação” (LACAN, 1957/1998: 579), isso denota que é por esse viés que ele orienta sua tentativa de trabalhar a psicose a partir da linguagem. O que Lacan revela é que toda a questão da psicose está no campo da significação, mas uma significação antecipada. Pois se o que marca essa estrutura clínica é a ausência da metáfora paterna, isso significa que o processo de substituição significante, do qual resulta a significação fálica, não opera. Trata-se, portanto, de uma significação anômala, já que o seu surgimento antecede qualquer processo de substituição significante. Certamente, esse mecanismo tem peso decisivo na psicose, pois tanto a alucinação quanto a idéia delirante surgem de forma antecipada, sem que haja qualquer divisão da cadeia significante. É por isso que se pode dizer que se trata de uma significação carregada de um vazio de significação, constituindo, portanto, um paradoxo.

Trata-se de algo bastante próximo das mensagens que os lingüistas chamam de *autônimas*, na medida em que o próprio significante (e não o que ele significa) que é objeto da comunicação. [...] Observemos, por outro lado, que estamos na presença desses fenômenos erroneamente

chamados de intuitivos, pelo fato de o efeito de significação antecipar-se, neles, ao desenvolvimento desta. Trata-se, na verdade, de um efeito do significante, na medida em que seu grau de certeza adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação (LACAN, 1958/1998: 545).

Portanto, como o próprio nome indica, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” é um texto essencialmente clínico. No entanto, trata-se de um texto que conduz ao cerne de questões teóricas decisivas em relação à estrutura do inconsciente. Pois se é a significação fálica, resultado da metáfora paterna, que agrega significação e faz existir o inconsciente, como se pode pensar o inconsciente na psicose? Ora, o desenvolvimento dessa questão conduz, inevitavelmente, ao Nome-do-Pai, já que é a sua inscrição ou forclusão que vai marcar uma diferença nesse campo.

Segundo Laurent (1998), a função do Nome-do-Pai é introduzir uma garantia no sistema da linguagem. O autor compara a função lógica do Nome-do-Pai com a teoria do lógico americano Saul Kripke, que extrai da teoria do nome a idéia de designador rígido. Nessa perspectiva, o Nome-do-Pai funcionaria como um ponto de detenção, ou seja, um ponto a partir do qual não se pode ir mais além. É justamente esse ponto que possibilita o funcionamento de uma cadeia significante ordenada pela função paterna. É sob esse viés que Laurent (1998) extrai das formulações de Lacan acerca do Nome-do-Pai a função de garantir a coerência do Outro. Desse modo, é o produto da metáfora paterna, ou seja, a significação fálica, que inscreve uma consistência ao Outro. Trata-se, portanto, de conceber o pai como aquele que assegura essa consistência.

Ao contrário do neurótico, que conta com a garantia introduzida pelo pai ao sistema da linguagem, o psicótico não crê no pai.¹¹⁵ E se não há crença no pai, não há ponto de detenção, de modo que a cadeia significante não pode se ordenar pela função paterna. Mas se o psicótico não crê no pai, isso não significa que ele crê na mãe. Portanto, não é por aí que se deve supor um tratamento possível. Em “De uma questão preliminar...”, a tese proposta por

¹¹⁵ LAURENT, “Sobre De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis”, p. 29.

Lacan é a de uma solução advinda do inconsciente, tal como ele aponta na seguinte passagem de seu texto: “Sem dúvida, a adivinhação do inconsciente adverte o sujeito, desde muito cedo, de que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, 1958/1998: 572). Assim, ao mesmo tempo em que critica a direção que a psicanálise tomava em relação à clínica da psicose, esse texto compromete os psicanalistas ao tratamento dessa modalidade clínica. Pois, a partir do momento em que utiliza a lógica de funcionamento do inconsciente para pensar uma clínica possível das psicoses, Lacan marca, claramente, a sua posição de que os analistas não devem recuar diante da psicose.

Examine-se, portanto, esta afirmação de Lacan. Ele fala de uma solução advinda do inconsciente. Mas o que se pode entender como solução? Ora, encontrar uma solução é achar uma forma mais econômica de estabilização. E o que Lacan mostra é que essa solução é formulada pelo inconsciente. Assim, é a partir da natureza combinatória do inconsciente que emerge uma certeza determinada, que Lacan denomina de “solução”. Diante de um impasse — o que fazer quando não se pode ser o falo que falta à mãe? —, o inconsciente aponta uma solução: ser a mulher que falta aos homens. No entanto, trata-se de uma solução antecipada. Ou seja: o inconsciente formula a solução e a lança prematuramente, de modo que um longo trabalho se faz necessário até que a *reconciliação* — termo utilizado por Freud para dizer da aceitação de Schreber em sua transformação em mulher — torne-se possível. Para Freud, Schreber só aceitou a sua transformação em mulher por causa da sua megalomania. Esse é um ponto problemático para Lacan, que discorda da tese freudiana de uma reconciliação possível pela via da megalomania. Ao contrário de Freud, Lacan parte do pressuposto de que só foi possível a Schreber admitir a solução do inconsciente por meio da redução do narcisismo, e não pela megalomania. Trata-se, portanto, da morte do sujeito. Morte que torna possível a reconciliação com o gozo, tal como indica Lacan nesta passagem de seu texto:

[...] indo bem além da racionalização do próprio sujeito, Freud admite, paradoxalmente, que a reconciliação que o sujeito menciona encontra sua mola na negociata do parceiro que ela comporta, ou seja, na consideração de que a mulher de Deus contrai, em todo caso, uma aliança de natureza a satisfazer o mais exigente amor-próprio. Cremos poder dizer que, nesse ponto, Freud faltou para com suas próprias normas, e da maneira mais contraditória, no sentido de haver aceitado como momento decisivo do delírio aquilo que recusara em sua concepção geral, ou seja, de fazer o tema homossexual depender da idéia de grandeza. [...] **Sem dúvida, [...] a verdadeira mola da inversão da posição de indignação que a idéia da *Entmannung* inicialmente suscitara na pessoa do sujeito: é que, muito precisamente, nesse intervalo o sujeito havia morrido** (LACAN, 1958/1998: 573-574)¹¹⁶.

Apesar dessas divergências, tanto as análises de Freud quanto a investigação de Lacan sugerem que a estabilização de Schreber coincide com a sua reconciliação com seu gozo. Portanto, é aí que se deve mirar quando se pensa no tratamento possível das psicoses: ajudar o sujeito a encontrar uma maneira suportável de vivenciar o gozo. Mas, se o ponto de mira da psicanálise é a reconciliação do sujeito com o seu ser de gozo, seria correto conceber a construção delirante como aquilo que cura? Segundo Laurent (1998), isso seria um grande equívoco, já que a solução, no caso de Schreber, foi formulada pelo inconsciente muito antes da construção delirante. Nesse sentido, o delírio é apenas o processo pelo qual o sujeito consegue reconciliar consigo mesmo.

3.3 A metáfora enquanto ponto de basta: uma articulação possível entre a noção de metáfora e a teoria dos nós

Ao longo do trabalho, examinaram-se as principais referências que definem e caracterizam a metáfora delirante. Exploraram-se, também, os alcances e limites dessa formulação na clínica das psicoses. Interessa agora destacar alguns princípios da teoria da metáfora e indagar uma possível articulação com as formulações posteriores de Lacan. Serão destacados, portanto, alguns aspectos da teoria da metáfora.

Um dos pontos a ser levantado refere-se à teoria lacaniana dos pontos de basta. Como solução ao perpétuo deslizamento do significado sob o significante, Lacan propõe algo que se

¹¹⁶ Grifo nosso.

assemelha à técnica do estofamento, ou seja, técnica em que um tecido, ao sobrepor-se a outro, prende-se a ele de alguma maneira. Assim, tal como o estofamento capitonê permite que os dois tecidos de um sofá se unam a partir de uma espécie de abotoamento, algo que se assemelha a essa técnica deve tornar possível um grampeamento do significado sob o significante, de modo a permitir algum efeito de sentido. Trata-se do ponto de basta, uma espécie de abotoamento que articula significante e significado.

A sistematização da função lógica do Nome-do-Pai e a escrita formal da metáfora paterna acabaram por orientar o encaminhamento de Lacan acerca do ponto de basta. Assim, o processo de substituição significante efetuado pela metáfora paterna e a conseqüente produção da significação fálica tornaram-se operadores fundamentais daquilo que se denomina “ponto de basta”. Desse modo, o ponto de basta — ou seja, o ponto que afivela a operação significante com a produção do significado — passa a ser atribuído ao Nome-do-Pai. No entanto, é interessante assinalar que a elaboração da teoria dos pontos de basta por Lacan, realizada em “O seminário, livro 3: as psicoses” (1955-1956), é anterior a sua formalização da metáfora paterna e do Nome-do-Pai. Mas extrair desse fato a idéia de que já havia nesse momento algo equivalente à pluralização dos nomes do pai parece errôneo. Pois todo o percurso construído por Lacan nesse seminário parece culminar no Nome-do-Pai.

Mas se o seminário sobre *as psicoses* abre caminho para a formalização da metáfora paterna, o texto escrito posteriormente por Lacan, que sintetiza esse seminário, ou seja, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958), traz novos apontamentos. Pois, ao definir a metáfora delirante, Lacan introduz a idéia de que a estabilização do significante e do significado pode efetuar-se por outras vias que não a da metáfora paterna. Ora, se Lacan parte do princípio de que outros mecanismos que operam sem o Nome-do-Pai produzem certo efeito metafórico, isso significa que há outras maneiras de amarrar significante e significado que prescindem do Nome-do-Pai. Diante disso, será que se

pode inferir que a idéia de uma pluralização dos nomes do pai já existe nesse momento do ensino de Lacan? Eis uma questão de difícil manejo. Pois o fato de a metáfora delirante atestar a possibilidade de um outro elemento funcionar como Nome-do-Pai significa que essa formulação mantém a lógica de antes. Nesse sentido, tratando-se ou não do Nome-do-Pai, a função a ser desempenhada é a mesma. Ou seja, trata-se de um ponto no simbólico que possibilita a ordenação da cadeia significante.

Se a operação da metáfora, seja paterna ou delirante, tem um efeito de ponto de basta, é porque dela resulta uma estabilização do significante e do significado. Trata-se, portanto, de um mecanismo capaz de atar¹¹⁷ significante e significado. Se Lacan buscou uma comparação entre a técnica do estofamento e o ponto de basta é porque ele partia do princípio de que em algum ponto significante e significado se amarrariam. Ora, se o que Lacan buscava com essa formulação era justamente esse ponto que amarra, não estaria aí, na doutrina da metáfora, os princípios daquilo que posteriormente ele formalizará em sua teoria dos nós? Será que o ponto de basta cumpre uma função semelhante à do nó?

Certamente, há diferenças entre os dois termos. Além disso, não se trata de algo que esteja claramente desenvolvido no ensino de Lacan. Mas, apesar dessas divergências, considera-se pertinente a tentativa de buscar na noção de ponto de basta alguns elementos que abram para a perspectiva da *amarração sinthomática*. Trata-se, portanto, de indagar se o ponto de basta é um nó, o que só é possível a partir da extração de algumas conseqüências advindas das formulações posteriores de Lacan. Desse modo, é pelo viés de uma operação retroativa que se pode inquirir se a idéia de nó já permeia o ensino de Lacan desde a sua formulação acerca do ponto de basta.

Examine-se, portanto, de que maneira o ponto de basta pode ser considerado um nó. Mas para tal é preciso esclarecer o que se entende por nó. A noção de amarração, sugerida

¹¹⁷ Não se pode esquecer do caráter mítico do ponto de basta e de que, estritamente falando, significante e significado jamais se atarão.

pela função que se deduz de um nó, está estritamente ligada à idéia de articulação dos registros. Nesse sentido, enodar significa articular registros. Assim, simbólico, imaginário e real podem estar soltos ou amarrados. Na metáfora, a substituição significante, que ocorre no registro do simbólico, produz uma significação que se situa no registro do imaginário. Desse modo, o ponto de basta¹¹⁸ deve ser considerado como o momento em que se realiza essa articulação. Trata-se, portanto, do instante em que o significante se introduz no imaginário, pela produção de uma significação. Ou seja, o ponto de basta marca o momento da intromissão do significante no significado.¹¹⁹ Ora, se a função do nó consiste em articular registros, é perfeitamente justificável inferir que o ponto de capitonê, efeito da metáfora, é um nó. É interessante assinalar que em 1958, ao trabalhar a significação do falo, Lacan declarou que “o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó” (LACAN, 1958/1998: 692). Mas o fato de Lacan utilizar o significante nó aqui não significa necessariamente que a sua intenção fosse trazer à tona a idéia de amarração. Outros sentidos podem ser extraídos dessa formulação, de forma que não se pode afirmar que a sua intenção nesse momento era a de sugerir um uso lógico do nó. Além disso, o ponto de capitonê não está definido em nenhuma teoria dos nós. Será que Lacan pretendia demarcar uma diferença radical entre a amarração efetuada pelo ponto de basta e outras amarrações, tal como a borromeana? Há uma ruptura entre uma formulação e outra?

Trata-se de uma questão complexa, que abre margens a diversas discussões. No entanto, não é objetivo deste trabalho assumir uma posição fechada, e sim levantar alguns pontos que, certamente, ajudarão na compreensão da lógica da metáfora. Mas uma coisa deve ficar clara: afirmar que o ponto de basta é um nó não significa assimilá-lo ao nó borromeano. O interesse de tal comparação é trazer à tona a perspectiva de que, desde a formulação de sua

¹¹⁸ Também denominado “ponto de estofa” ou “ponto de capitonê”, em referência à técnica de estofamento capitonê.

¹¹⁹ Essa idéia foi muito bem trabalhada por Mazzuca, Schejtman e Zlotnik. A esse respeito, ver: “Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos”, p: 5-85.

teoria da metáfora, Lacan tentava dar conta de uma amarração possível entre os registros. Argumenta-se aqui que a escrita formal da metáfora paterna permitiu a Lacan vislumbrar o enodamento entre o simbólico e o imaginário. Mas tal hipótese pode ser refutada pelo seguinte argumento: a metáfora não articula os registros, e sim submete-os ao simbólico. Sob essa perspectiva, trata-se de uma determinação do simbólico sobre o real e o imaginário, diferindo, portanto, da lógica de amarração inerente à teoria dos nós. Certamente, a lógica da metáfora, ao contrário do nó borromeano, pressupõe uma hierarquia entre os registros, já que é o efeito da operação significante que possibilita a amarração (ou submissão?) do simbólico ao imaginário. Mas, além da lógica hierárquica presente na teoria da metáfora, as elaborações aqui formuladas sugerem outro limite dessa formulação. Ora, nas inferências suscitadas localizou-se na operação da metáfora o mecanismo que torna possível a articulação entre os registros simbólico e imaginário. Mas até o momento nada foi dito acerca do real. E se o ponto de basta, efeito da metáfora, consiste na amarração entre o simbólico e o imaginário, isso significa que se trata de um nó de dois. Será que se pode pensar em um nó de dois? Nesse sentido, há uma vantagem do nó borromeano em relação ao nó (deduzido) do ponto de basta, já que a característica principal do nó borromeano é a articulação entre os três registros.

No entanto, conceber a operação da metáfora, seja paterna ou delirante, como uma articulação que se dá apenas nos registros imaginário e simbólico contraria uma preocupação evidente no ensino de Lacan: “as três ordens [...] necessárias para se compreender o que quer que seja da experiência analítica — a saber: o simbólico, o imaginário e o real” (LACAN, 1955/2002: 17). Portanto, excluir o real dos efeitos da metáfora não parece ser um bom caminho. Afinal, a metáfora deve ter uma incidência sobre o gozo. Para examinar essa questão, faz-se uso da noção de “aparelho do sintoma”, elaborada por Miller na “Conversação de Arcachon”.¹²⁰

¹²⁰ MILLER. Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica, p. 117- 119.

3.4 A metáfora enquanto aparelho do sintoma

Ao evidenciar a relação entre significante e significado, a fórmula da metáfora paterna esclarece o problema da articulação entre os registros imaginário e simbólico. Se se toma como referência a representação gráfica do esquema R, vê-se claramente a presença do triângulo simbólico e do triângulo imaginário. Nesse sentido, não resta dúvidas de que a articulação simbólico/imaginário é um dos efeitos da metáfora. Mas, certamente, a estrutura da metáfora paterna não somente articula simbólico e imaginário como também incide sobre o real. Se Lacan postula que a forclusão do Nome-do-Pai tem como consequência o retorno no real, isso indica que, de alguma maneira, a metáfora paterna incide sobre o gozo. Assim, as consequências clínicas decorrentes da ausência da metáfora paterna apontam para o seguinte: a operação metafórica do pai, além de incidir sobre a produção da significação fálica, também estabelece uma articulação entre uma operação significante e suas consequências sobre o gozo do sujeito. Nesse sentido, a metáfora paterna não apenas permite ao sujeito interpretar o Desejo da mãe como também possibilita a localização do gozo. Portanto, se há retorno no real, como os fenômenos elementares observados nas psicoses evidenciam, é porque a metáfora paterna também incide sobre o real. Por conseguinte, uma conceituação precisa do ponto de basta não pode se esquivar do real.

Com o intuito de ampliar a concepção acerca do Nome-do-Pai e superar a lógica binária do significante, busca-se em Miller uma definição de metáfora paterna que abranja não somente os efeitos significados da operação significante, mas também suas consequências sobre o gozo. É nesse sentido que ele situa a metáfora paterna como “o primeiro aparelho do sintoma que Lacan haja demonstrado” (MILLER: 118). Trata-se de fazer da noção de aparelho um conceito de extrema importância, já que é “o aparelho do sintoma que assegura a articulação entre uma operação significante e suas consequências sobre o gozo do sujeito”

(MILLER: 118). Assim, em relação ao resultado dado pela fórmula da metáfora paterna,

Miller declara:

Tudo se passa em termos de significante e significado: a incidência do Nome-do-Pai se traduz pela emergência da significação fálica. Mas não podemos esquecer sua significação libidinal. Para dizê-lo de forma breve, o Nome-do-Pai localiza o gozo. Simplesmente, esse gozo é aqui apresentado em termos de significado – o que não está tão longe do objeto pequeno *a*, que por uma parte é um significado. Portanto, a esse respeito, já aqui, o Nome-do-Pai é um sintoma (MILLER: 118).

Portanto, o propósito de Miller com a definição de aparelho¹²¹ do sintoma é torcer a conceituação lingüística, de modo a dar conta dos efeitos do significante sobre o gozo. Nesse sentido, o conceito de aparelho do sintoma recupera a conexão significante-gozo. É essa conexão que impulsionou Lacan a falar em “Televisão”, de um *gozo-sentido*.

É o real que permite desatar efetivamente aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes. Atar e desatar que aqui não são apenas metáforas, mas a serem apreendidos como os nós que realmente se constroem ao formarem uma cadeia com a matéria significante. Pois essas cadeias não são de sentido, mas de gozo-sentido (*jouis-sens*), a ser escrito como vocês quiserem, de conformidade com o equívoco que constitui a lei do significante (LACAN, 1973/2003: 515-516).

¹²¹ É interessante ressaltar que aparelhar o gozo não é o mesmo que metaforizá-lo, visto que pode haver diferentes formas de aparelhamento, que não passam necessariamente pela metáfora, tais como a aparelhagem pela letra, pela arte, etc.

4 CONCLUSÃO

O uso feito por Lacan do aparato da lingüística estrutural possibilitou-lhe a formalização de noções extremamente importantes e de grande alcance clínico. Entre essas conceituações, que foram forjadas a partir do arsenal teórico da lingüística, encontra-se a noção de metáfora delirante. Trata-se de uma conceituação bastante complexa, elaborada segundo os princípios da metáfora paterna. Ora, se Lacan se vale do dispositivo estrutural da metáfora, é porque ele vislumbrou nessa ferramenta conceitual a possibilidade de promover a formalização de instrumentos clínicos fundamentais ao campo da psicanálise.

A metáfora delirante constitui o substrato que faz com que Lacan reconduza suas formulações acerca das psicoses. É a partir dessa elaboração que um verdadeiro tratamento clínico é dado à concepção freudiana do delírio. Até então, os analistas não haviam extraído nenhuma consequência relevante dessas elaborações. A definição de metáfora delirante permitiu a Lacan não só explorar esses alcances clínicos como também realizar um considerável avanço teórico-clínico no campo das psicoses. Trata-se, portanto, de uma formulação de extrema importância.

Mas se a formulação da metáfora delirante permitiu a Lacan avançar no terreno das psicoses, ela também se mostrou um recurso insuficiente. Tal insuficiência aparece de forma muito clara na clínica, em que os limites e impasses da metáfora delirante colocam-se de modo evidente. Sob esse aspecto, o caso Mateus é muito interessante, já que revela ao analista o quanto é complicado apostar nesse recurso. Certamente, Lacan não ignorava os limites que o dispositivo conceitual da metáfora apresentava em relação às psicoses. No entanto, apesar desses limites, o uso dessa ferramenta tornou possível a formalização de uma consistente teoria das psicoses.

Ao longo do trabalho, foram destacados os limites, impasses e paradoxos que a clínica das psicoses impõe à noção de metáfora delirante. Certamente, construir uma teoria da psicose com apoio na lógica da metáfora é um verdadeiro paradoxo, já que a marca da psicose é a ausência da metáfora paterna. Trata-se, portanto, de uma “ousadia lacaniana”, que é digna de nota.

Em relação aos limites e impasses da metáfora delirante, a clínica das psicoses não cessa de apresentá-los. Um dos limites que o caso clínico aponta é a passagem ao ato. Se a construção delirante é uma tentativa de tradução do gozo, que se dá por meio de um processo em que se busca uma identificação possível, um “nome de ideal” capaz de alojar o sujeito, isso pode levá-lo à passagem ao ato, que é também é um modo de nomeação. A divisão lógica do delírio em quatro fases, tal como propõe Maleval, permite vislumbrar não só o processo de tratamento do gozo pela via do significante, como também a fragilidade dessa solução, já que o retorno a fases anteriores é bastante freqüente.

Outro ponto destacado é a “a inércia delirante”, característica do modo particular de significação operado na psicose. É como se o sentido fosse interrompido em sua própria lógica. Trata-se, portanto, de um processo de significação que contraria as próprias leis de funcionamento do significante. Sob esse viés, há uma incompatibilidade fundamental entre delírio e metáfora. No entanto, a solução lacaniana para toda essa problemática é a metáfora delirante, o que, certamente, constitui um paradoxo.

O que Lacan buscava com a formalização da noção de metáfora delirante? Ora, se ele a define como “o nível em que significante e significado se estabilizam” (LACAN, 1958/1998: 584), é porque confere à metáfora a função de amarrar significante e significado, permitindo, assim, algum efeito de sentido. Se se busca uma comparação entre a metáfora e o nó, não é com o propósito de negar a diferença lógica entre essas duas ferramentas, e sim de

mostrar o quanto Lacan acreditou numa amarração possível pela via da metáfora. Mas será que a metáfora amarra?

Decerto, Lacan não desconhecia as dificuldades impostas pelo dispositivo conceitual da metáfora. Então, qual o motivo de sua insistência no campo da lingüística? Em resposta a essa indagação, situa-se uma colocação de Lacan realizada no final de seu ensino, em “Momento de concluir”, que parece bem sugestiva: “Eu delirei com a lingüística” (LACAN, 1977-1978: 108). Trata-se de uma fala poderosa, cuja ressonância não pode deixar de ser considerada. Ora, essa fala convoca a uma dura reflexão sobre uma série de formulações fundamentais à psicanálise, a começar pela sua tese do “inconsciente estruturado como uma linguagem”, que, certamente, tem repercussões na noção de metáfora delirante. Mas será que todas as elaborações de Lacan forjadas a partir desse delírio com a lingüística devem ser rejeitadas?

Ao invés de seguir esse caminho, que implicaria um abandono das construções realizadas até o momento, optou-se aqui por extrair algumas conseqüências dessa afirmação. Mas para tal é preciso contextualizar a noção lacaniana de delírio que estava por trás dessa afirmação. Segundo Miller (2007), o delírio assume no final do ensino de Lacan uma extensão enorme, de modo a afetar todo uso do significante feito pelo homem. Em suma, é como se tudo que fosse da ordem significante não passasse de um delírio. Sob essa perspectiva, qualquer amarração que se dê pela via significante conduz, inevitavelmente, ao delírio. Assim, se delírio e metáfora pareciam constituir um paradoxo, aqui eles aparecem de forma inseparável. Nesse sentido, a amarração realizada pela metáfora só pode ser da ordem de um delírio. E mais: se o significante é insuficiente para tratar o real, a amarração pela via da metáfora vai esbarrar nessa falha fundamental. Abre-se, portanto, uma questão que merece ser

investigada em trabalho posterior: Qual a relação entre a amarração pela via da metáfora e a debilidade?¹²²

¹²² No final do ensino de Lacan, a noção de debilidade está ligada à idéia de uma insuficiência do simbólico.

5 ANEXO: “BOOZ ENDORMI”

Booz endormi

Victor Hugo

Booz s'était couché de fatigue accablé;
Il avait tout le jour travaillé dans son aire;
Puis avait fait son lit à sa place ordinaire;
Booz dormait auprès des boisseaux pleins de blé.

Ce vieillard possédait des champs de blés et d'orge;
Il était, quoique riche, à la justice enclin;
Il n'avait pas de fange en l'eau de son moulin;
Il n'avait pas d'enfer dans le feu de sa forge.

Sa barbe était d'argent comme un ruisseau d'avril.
Sa gerbe n'était point avare ni haineuse;
Quand il voyait passer quelque pauvre glaneuse:
«Laissez tomber exprès des épis», disait-il.

Cet homme marchait pur loin des sentiers obliques.
Vêtu de probité candide et de lin blanc;

Et, toujours du côté des pauvres ruisselant,
Ses sacs de grains semblaient des fontaines publiques.

Booz était bon maître et fidèle parent;
généreux, quoiqu'il fût économe;
Les femmes regardaient Booz plus qu'un jeune homme,
Car le jeune homme est beau, mais le vieillard est grand.

Le vieillard, qui revient vers la source première,
Entre aux jours éternels et sort des jours changeants;
Et l'on voit de la flamme aux yeux des jeunes gens,
Mais dans l'oeil du vieillard on voit de la lumière.

Donc, Booz dans la nuit dormait parmi les siens.
 Près des meules, qu'on eût prises pour des décombres,
 Les moissonneurs couchés faisaient des groupes sombres;
 Et ceci se passait dans des temps très anciens.

Les tribus d'Israël avaient pour chef un juge;
 La terre, où l'homme errait sous la tente, inquiet
 Des empreintes de pieds de géants qu'il voyait,
 Était encor mouillée et molle du déluge.

Comme dormait Jacob, comme dormait Judith,
 Booz, les yeux fermés, gisait sous la feuillée;
 Or, la porte du ciel s'étant entrebâillée
 Au-dessus de sa tête, un songe en descendit.

Et ce songe était tel, que Booz vit un chêne
 Qui, sorti de son ventre, allait jusqu'au ciel bleu;
 Une race y montait comme une longue chaîne;
 Un roi chantait en bas, en haut mourait un Dieu.

Et Booz murmurait avec la voix de l'âme:
 «Comment se pourrait-il que de moi ceci vînt?
 Le chiffre de mes ans a passé quatre-vingt,
 Et je n'ai pas de fils, et je n'ai plus de femme.

«Voilà longtemps que celle avec qui j'ai dormi
 Ô Seigneur a quitté ma couche pour la vôtre;
 Et nous sommes encor tout mêlés l'un à l'autre,
 Elle à demi vivante et moi mort à demi.

«Une race naîtrait de moi! Comment le croire?
 Comment se pourrait-il que j'eusse des enfants?»

«Quand on est jeune, on a des matins triomphants,
 Le jour sort de la nuit comme d'une victoire;

«Mais, vieux, on tremble ainsi qu'à l'hiver le bouleau.
 Je suis veuf, je suis seul, et sur moi le soir tombe,
 Et je courbe, ô mon Dieu ! mon âme vers la tombe,
 Comme un boeuf ayant soif penche son front vers l'eau.»

Ainsi parlait Booz dans le rêve et l'extase,
 Tournant vers Dieu ses yeux par le sommeil noyés;
 Le cèdre ne sent pas une rose à sa base,
 Et lui ne sentait pas une femme à ses pieds.

Pendant qu'il sommeillait, Ruth, une Moabite,
S'était couchée aux pieds de Booz, le sein nu,
Espérant on ne sait quel rayon inconnu,
Quand viendrait du réveil la lumière subite.

Booz ne savait point qu'une femme était là,
Et Ruth ne savait point ce que Dieu voulait d'elle;
Un frais parfum sortait des touffes d'asphodèle;
Les souffles de la nuit flottaient sur Galgala.

L'ombre était nuptiale, auguste et solennelle;
Les anges y volaient sans doute obscurément,
Car on voyait passer dans la nuit, par moment,
Quelque chose de bleu qui paraissait une aile.

La respiration de Booz qui dormait
Se mêlait au bruit sourd des ruisseaux sur la mousse.
On était dans le mois où la nature est douce,
Les collines ayant des lys sur leur sommet.

Ruth songeait et Booz dormait; l'herbe était noire;
Les grelots des troupeaux palpitaient vaguement,
Une immense bonté tombait du firmament;
C'était l'heure tranquille où les lions vont boire.

Tout reposait dans Ur et dans Jerimadeth;
Les astres émaillaient le ciel profond et sombre;
Le croissant fin et clair parmi ces fleurs de l'ombre
Brillait à l'occident, et Ruth se demandait,

Immobile, ouvrant l'oeil à moitié sous ses voiles,
Quel dieu, quel moissonneur de l'éternel été,
Avait, en s'en allant, négligemment jeté
Cette faucille d'or dans le champ des étoiles.

6 REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. “Lógica do sentido”. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DERRIDA, Jacques. “Margens da filosofia”. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FREUD, Sigmund. “A perda da realidade na neurose e na psicose”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XIX.

_____. “Neurose e psicose”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XIX.

_____. “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XII.

_____. “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”. *Rascunho H. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume I.

_____. “Sobre o narcisismo: uma introdução”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XIV.

HOLENSTEIN, E. *Introdução ao pensamento de Roman Jakobson*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

JAKOBSON, Roman. “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda.

JASPERS, Karl. “Psicopatologia Geral I”. São Paulo: Editora Atheneu, 2000, 8ª edição. P: 115-132; 235-238.

LACAN, Jacques. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. “A metáfora do sujeito”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. “A significação do falo”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. “Posição do inconsciente”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. “Lituraterra”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. “Televisão”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *as psicoses*, O Seminário, livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. *as formações do inconsciente*, O Seminário, livro 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, O Seminário, livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *o avesso da psicanálise*, O Seminário, livro 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. *mais, ainda*, O Seminário livro 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. “Momento de concluir”. Seminário 25, 1977-1978, Edição heresia.

LAURENT, E. *Estabilizaciones en las psicosis*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1989.

_____. “Os tratamentos psicanalíticos das psicosis”: *Papéis de Psicanálise*. Número 2 – maio 2006, p: 15-24.

_____. “Seminario del Campo Freudiano en Israel: Sobre De una cuestión preliminar...”: *Psicoanaliza*, 2003, p. 07-69.

MALEVAL, Jean-Claude. “Logique du délire”. Masson, Paris, 1996.

MAZZUCA, SCHEJTMAN E ZLOTNIK. “Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos”. Editorial Três Hacines, Buenos Aires, 2000.

MILLER, Jacques. “Jacques Lacan: observaciones sobre su concepto de pasaje al acto”, *Infortunios del acto analítico*. Buenos Aires: ATUEL, 1993, pp. 39-54.

_____. “Percurso de Lacan: uma introdução”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. “As mulheres são dessas coisas que sabem como se comportar”. *Orientação lacaniana III*, 9, 14º lição do Curso, 16.05.2007.

_____. “O aparelho do sintoma”. In: *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: A conversação de Arcachón*, p: 117-120.

VIGANÒ, Carlo. “A construção do caso clínico em Saúde Mental”. *Curinga: Psicanálise e Saúde Mental*, nº13. Belo Horizonte: EBP- MG, set.1999.

NANCY; LABARTHE. “O título da letra”. São Paulo: Escuta, 1991.

NETO, O. “Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose”. *Ágora*, Volume II, número 2. Rio de Janeiro, 1999.

SOLER, C. “El inconsciente a cielo abierto de la psicosis”. Buenos Aires: JVE, 2004.

VALLEJO, A e MAGALHÃES, L. “Lacan: operadores da leitura”. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.